

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

AGOSTINHO CAPELETTI BUSATO

PEDAGOGIA DO ACONSELHAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE:
EDUCANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS

CURITIBA

2006

AGOSTINHO CAPELETTI BUSATO

**PEDAGOGIA DO ACONSELHAMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE:
EDUCANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo.

CURITIBA

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

O defeito mais grave do homem é a ingratidão. Fundamento essa qualificação superlativa em que, sendo a substância do homem sua história, todo comportamento anti-histórico adquire nele um caráter de suicídio. O ingrato se esquece de que a maior parte daquilo que tem não é obra sua, mas de outros, que se esforçaram para criá-las e obtê-las. Assim ao esquecer-se disso, ele despreza radicalmente a verdadeira condição do que tem.

Ortega y Gasset

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar a minha esposa Maria José, que constantemente me incentivou. Meus filhos Guilherme e Ana Paula minhas fontes de inspiração.

Aos meus sócios no Instituto Iates, Adalto, Ivana e Vicente, que contribuíram generosamente para que esse mestrado fosse possível.

A todos os meus alunos durante esses mais de vinte e cinco anos lecionando que me provocaram e constantemente incentivaram a pesquisar e buscar o conhecimento.

De maneira muito especial ao meu orientador Dr. Ricardo Tescarolo que com firmeza e afeto me acompanhou e nos momentos difíceis se fez presente.

A todos que de uma maneira ou outra estiveram presentes na minha vida, acreditando que isso seria possível.

RESUMO

Esta dissertação focaliza a conceitualização e as características do aconselhamento - *Counseling*, uma metodologia da educação dos sentimentos e emoções tendo em vista a formação do professor. Tem como objetivo trazer subsídios à formação do professor, a fim de possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências dos aspectos relacionais. A pesquisa é classificada como qualitativa e se orienta na perspectiva do método fenomenológico, o procedimento adotado foi a utilização da entrevista semi-estruturada para alcançar o objetivo proposto. Tem como referenciais de apoio a psicologia de Viktor Emil Frankl, a visão da neuropsicológica de Antonio Damásio e a visão pedagógica de Gauthier. Parte-se da compreensão do que é educação, na seqüência define-se o aconselhamento, que é um processo de acolhimento e responsabilização do indivíduo quanto à sua vida e processos nos quais vive. No processo do aconselhamento, tem-se a preocupação da compreensão dos sentimentos e das emoções que são fundamentais para entender e proporcionar ao ser humano o pleno desenvolvimento. Conclui-se o trabalho com a análise das entrevistas que apontam a necessidade da utilização do aconselhamento para a formação dos professores.

Palavras-chaves: pedagogia, aconselhamento, *counseling*, emoções e sentimentos.

RESUMEN

Esta disertación busca la conceptualización y las características de la consejería. – *Counseling*, una metodología de la educación de los sentimientos y de las emociones, teniendo en vista la formación del profesor. El objetivo es traer subsidios para la capacitación del profesor, con el fin de posibilitar el desarrollo de las habilidades y competencias en los aspectos que tienen en cuenta la relación. La investigación clasificada como cualitativa, se orienta en la perspectiva del método fenomenológico, utilizando la entrevista semiestructurada como procedimiento, para lograr el objetivo propuesto. Se cuenta con referenciales de apoyo como la psicología de Viktor Emil Frankl, la visión neuropsicológica de Antonio Damásio, y la visión pedagógica de Gauthier. Se parte de la comprensión de lo que es educación, definiendo después lo que es consejería, como un proceso de acogida y responsabilidad del individuo, en todo lo concerniente a su vida y a los procesos en los que vive. En el proceso de consejería, existe la preocupación en comprender los sentimientos y las emociones, fundamentales, para entender y proporcionar al ser humano su pleno desarrollo. Concluye el trabajo con el análisis de las entrevistas, la cuales muestran la necesidad de la utilización de la consejería en la capacitación de los profesores.

Palabras clave: pedagogía, consejería, *counseling*, emociones y sentimientos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	6
1.1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	6
1.2 MOTIVOS E RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	8
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.4. OBJETIVO GERAL	10
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.6 METODOLOGIA.....	11
CAPÍTULO 2	15
2.1 O SENTIDO E A FUNÇÃO DA PEDAGOGIA	15
2.2 A PEDAGOGIA E A PRÁXIS DOCENTE	19
2.3 ACONSELHAMENTO	25
2.4 PEDAGOGIA DO ACONSELHAMENTO.....	36
2.5 AS EMOÇÕES E OS SENTIMENTOS.....	42
2.6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	67
CAPÍTULO 3	114
3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
ANEXO A - PRIMEIRA ENTREVISTA	126
ANEXO B - SEGUNDA ENTREVISTA	133
ANEXO C - TERCEIRA ENTREVISTA	138
ANEXO D - QUARTA ENTREVISTA	144
ANEXO E - QUINTA ENTREVISTA	147

CAPÍTULO 1

Os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também os podem guiar. E os sentimentos não são nem inatingíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção, são o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo.

Antonio Damásio

1.1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Em uma sociedade cada vez mais complexa, competitiva e provocadora das relações da pessoa consigo mesma e com os outros, é fundamental ao professor aprender a lidar com suas emoções e sentimentos, decisivos para o enfrentamento dessa condição contemporânea crítica.

Observa-se que alguns professores encontram dificuldades de natureza relacional na interação com os seus pares e com a comunidade educativa, mas principalmente com os seus educandos.

Este trabalho visa investigar as dificuldades relacionais dos professores, que constituem problemas de natureza emocional que repercutem diretamente na sua ação cotidiana. Essa condição interfere de maneira importante na sua capacidade de executar e buscar alternativas para a solução de seus problemas relacionais e em sua disposição para agir. Isso acaba por interferir no seu modo de proceder, de se relacionar e de ser com os seus alunos e ou pares.

Esse trabalho analisa essa ação relacional do professor a partir das noções de aconselhamento, considerando também a reflexão sobre essa ação que, se transformadora, constitui de fato a práxis do professor — entendida aqui como o “processo social global da afirmação humana da vida na natureza e na história”, como nos ensina Schmied-Kowarzik (1982, p. 21).

O projeto pretende igualmente buscar indicações para discernir quais as competências e habilidades emocionais necessárias e possíveis para fazer

frente a essa condição de instabilidade e a pertinência de se trabalhar com as emoções e sentimentos na formação dos professores.

Para Lino de Macedo (2005), referindo-se aos professores, competência é a capacidade de resolver problemas, o “que supõe o domínio de várias habilidades. A competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto a habilidade é uma competência de ordem particular, específica. As habilidades são necessárias, mas não suficientes, ao menos na perspectiva relacional. É fundamental a aquisição de competências” (p. 72). Desenvolver competências e habilidades na escola é considerado, hoje, tão importante quanto ensinar os conteúdos disciplinares (p. 75), mas principalmente os conteúdos relacionais.

As competências e habilidades emocionais referidas no eixo desta pesquisa apresentam uma natureza *dinâmica* — movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução do organismo, — *homeostática* — i.e., autorreguladora do organismo, constituindo a função de manutenção de seu equilíbrio, — e *resiliênte*, propriedade que permite ao sistema assimilar as pressões do meio ou acomodar-se às mudanças, condições fundamentais para a vida humana. A aprendizagem é a capacidade humana de se adaptar às mudanças, no sentido de aquisição e modificação das representações implícitas e explícitas (POZO, 2004) do mundo interno e externo, mediante processos formativos básicos, gerados na complexidade contemporânea: o da transmissão cultural, o da influência do meio, o da produção do conhecimento e o do processo relacional vital.

A aprendizagem, sendo um fator essencial de desenvolvimento humano, propicia a construção e o aperfeiçoamento das competências relacionais, ligadas diretamente às emoções e aos sentimentos. Nesse sentido, este trabalho pretende também contribuir para que o professor aperfeiçoe sua relação com os seus alunos, valendo-se de uma ‘pedagogia do aconselhamento’.

Esta dissertação pretende ser uma contribuição importante à práxis docente na educação superior na medida em que responde à necessidade do professor em contribuir para o desenvolvimento das competências e habilidades emocionais básicas de seus educandos e em sua relação pessoal. Isso implica ‘saber agir’ emocionalmente e ‘saber refletir’ sobre esse ‘saber agir’, a forma mais eficaz de produzir a transformação necessária da práxis pedagógica. Significará, portanto, lançar uma luz sobre o processo relacional entendido como mediação que é um processo em que um indivíduo preparado devidamente busca intervir,

orientando o aluno de forma a buscar diferentes alternativas para a superação de problemas e desafios.

Como consequência disso, altera-se a postura relacional do educador frente aos desafios apresentados na convivência com os alunos, desenvolvendo assim uma atitude construtiva do professor frente aos riscos e possibilidades que emergem em sua convivência com os alunos e seus pares.

Tal processo de mediação, segundo o ponto de vista de Lorenzo Milani, criador da escola de Barbiana (SEBARROJA, 2003, p. 121), não destaca os modos, mas o sentido do SER. Na concepção de Milani, é preciso ser e discernir os problemas sociais e políticos. Ser mais humano, mais espiritual, mais integral.

Quando se busca contribuir para a educação, visa-se contribuir com mudanças na sociedade e, se possível, a sua transformação, para que as relações humanas sejam mais empáticas e consistentes, possibilitando um avanço qualitativo e quantitativo no processo ensino-pedagógico relacional.

Toda práxis educativa necessita de um substrato que, se estiver fundamentado em significados, princípios e valores, pode proporcionar a transformação da transmissão cultural, das influências do meio, da produção do conhecimento científico contextualizado e do processo relacional vital.

Esse processo transformador propiciará ao ser humano novas interações sociais, mais éticas, consistentes e significativas num processo educativo centrado no ser humano.

1.2 MOTIVOS E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Hoje, alguns autores, como Jorge Trevisol (2002), Arto (2005), Marmilicz (1998) e Franta (1982), dizem que o grande desafio a ser superado é o da interação significativa entre docentes e discentes no espaço escolar, uma interação construída na alteridade genuína. Interação significativa e aprendizagem significativa.

Adotamos aqui o sentido que Ausubel (COLL, 1996) atribui ao conceito de 'aprendizagem significativa', condição que também consideramos fundamental no processo de desenvolvimento de competências e habilidades

emocionais. O que deve ser aprendido precisa fazer algum sentido para o aluno, ter um significado e estar contextualizado na sua prática. Isto acontece quando a nova informação "ancora-se" nos conceitos já existentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Assim, a aprendizagem torna-se mais eficaz.

E interação significativa no sentido que nos traz Frankl (1999), de uma interação que seja um encontro entre duas pessoas, que abranja um sentido. Que tenha significado. Sugerindo uma pedagogia do aconselhamento que auxilie na construção de relações interpessoais consistentes que possam proporcionar a convivência saudável, entendida como ética, isto é, respeitosa da complexidade do existir efetivo da escola.

É igualmente importante a concepção de Thums (1999), que destaca a interação como um encontro significativo entre duas pessoas.

Tal processo abrange a própria idéia da felicidade. Parafraseando Anísio Teixeira, pode-se afirmar que o sentido da educação é o sentido da vida, assim como o sentido da vida é o da educação. Portanto,

Se alguém perguntar qual é a finalidade de um projeto educativo, ser-lhes-á dito que: é mais liberdade e mais felicidade. São vagos os termos. Mas, nem por isso, eles deixam de ter sentido para nós. À medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais finos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida (*apud* TESCAROLO, 2004, p. 92-93).

A pedagogia do aconselhamento, portanto, propõe-se a ajudar a pessoa a lidar com as suas emoções e sentimentos (DAMÁSIO, 2004) para, com isso, contribuir igualmente para o seu desenvolvimento pessoal tanto quanto relacional em suas dimensões inter, intra e transpessoal, como nos ensina Trevisol (2004), conferindo desse modo sentido à educação e, portanto, à própria vida.

O tema surgiu de minha experiência profissional com os vários trabalhos realizados na área de Administração, Educação e da Psicologia, tanto em colégios, faculdades, como na prática clínica.

Em algumas instituições de ensino superior, transparece a dificuldade na habilidade de alguns docentes lidarem com as questões emocionais que surgem no ambiente escolar, mesmo existindo grupos de aconselhamento que buscam mediação e superação dos desafios relacionais no ambiente educacional.

Nos últimos anos, percebe-se que profissionais e alunos da graduação de cursos que atuam com a formação humana têm apresentado uma significativa preocupação na prática de docentes e discentes quanto à mediação, criatividade, posturas de construção do conhecimento e controle emocional. Porém, com uma atenção cada vez mais acentuada em como lidar com as diversidades dos indivíduos em suas manifestações emocionais.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

O questionamento central dessa pesquisa emerge das inquietações do pesquisador provocadas por 25 anos de prática e de reflexão sobre a relação entre professor e aluno que ocorre no ambiente escolar. Nesses anos todos dedicados à formação docente, observou-se sérias deficiências nessa relação docente-discente, com severos prejuízos ao equilíbrio emocional e ao desenvolvimento do aluno, sendo possível constatar igualmente grande desgaste emocional no professor ao ponto de provocar o que atualmente se costumou denominar *burnout*, que, em sua manifestação mais grave (e não tão rara hoje em dia, como é possível constatar na experiência do pesquisador) é um tipo de esgotamento mental e físico de natureza severa, também definido como “Síndrome da Desistência do Educador”. Essa síndrome leva a professora e o professor até mesmo a duvidar do sentido de sua profissão, podendo isso ser constatado na sua incapacidade de envolver o aluno, o modo de fato efetivo de ensinar alguém a gostar de aprender.

O problema de fundo que nos preocupa é por quê, para quê e como enfocar a educação das emoções e sentimentos?

1.4. OBJETIVO GERAL

Problematizar a relação pedagógica e analisar a ação profilática do aconselhamento (*counseling*) na mediação do professor a partir da compreensão de suas próprias emoções e sentimentos.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Analisar a dinâmica na relação entre professor e aluno tendo em vista os fundamentos do aconselhamento.

2) Identificar as competências e habilidades emocionais necessárias para um relacionamento construtivo.

3) Construir fundamentos teóricos e empíricos para a formação do professor na pedagogia do aconselhamento.

1.6 METODOLOGIA

Considerando os objetivos deste estudo, procura-se utilizar uma forma de pesquisa que subsidie da melhor maneira possível a relação entre o sujeito que pesquisa e que, ao mesmo tempo, media a relação e o objeto pesquisado e que permite a imersão no mundo da docência, além de atender as peculiaridades dos instrumentos utilizados. De posse dessas características, a opção de trabalho será pela abordagem de pesquisa qualitativa. Sendo que seu principal objetivo é a ampla compreensão do objeto de estudo (TRIVIÑOS, 1987), considerando importante todos os dados coletados, bem como a análise dos mesmos. Na investigação, pretende-se seguir uma abordagem interpretativa relacionando os dados e fatos com o contexto da realidade atual da relação entre docentes e discentes. Interessa o significado humano da vida em sua manifestação de emoções e sentimentos e como aparecem na relação com o social.

Este estudo objetiva verificar se o atual modelo de relacionamento profissional em sala de aula tem contribuído para a prática pedagógica do professor. A abordagem metodológica vai ser qualitativa, de natureza interpretativa, com um enfoque fenomenológico, como entende Triviños (1987, p. 116).

Usar-se-á como estratégia de pesquisa o estudo de casos e a técnica para a coleta de dados será a entrevista semi-estruturada individual, conduzida com 5 professores de ensino médio e universitários. Os resultados auxiliarão a trazer possíveis indicações para a prática pedagógica e espera-se

sugerir um repensar do desenvolvimento profissional em serviço do professor através das contribuições do aconselhamento.

Conforme o Professor Gilberto de Andrade Martins (2000), pode-se usar como estratégia de pesquisa, no trabalho, o estudo de caso, pois esse pode ser utilizado com os seguintes propósitos: exploratório; descritivo; explanatório. Estes são também os propósitos da pesquisa.

O estudo de caso é preferido quando: o tipo de questão de pesquisa é da forma “como” e “por quê?”; quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido; ou quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto de vida real, que é a situação proposta. O estudo de caso explanatório pode ser complementado por estudo de caso descritivo ou exploratório. A necessidade de se utilizar a estratégia de pesquisa estudo de caso deve nascer do desejo de entender um fenômeno social complexo. A essência de um estudo de caso, ou a tendência central de todos os tipos de estudo de caso é que eles tentam esclarecer uma decisão, um comportamento ou um conjunto de decisões: por que elas foram tomadas? Como elas foram implementadas? E quais os resultados alcançados?

No dizer de Triviños (1987, p. 133), entre os tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o estudo de casos seja um dos mais relevantes para o auxílio de uma pesquisa educacional. Um estudo de caso é uma pesquisa empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, que em nosso caso específico será a alteração ou não de práticas docentes em sala de aula a partir do conhecimento do aconselhamento.

Como vemos nas aplicações do estudo de caso ele pode nos auxiliar muito em nossa pesquisa para:

- 1) Explicar ligações causais em intervenções ou situações da vida real que são complexas demais para tratamento através de estratégias experimentais ou de levantamento de dados;
- 2) Descrever um contexto de vida real, como o caso específico dos professores que cursaram o aconselhamento, no qual uma intervenção ocorreu;
- 3) Avaliar uma intervenção em curso e modificá-la com base em um estudo de caso ilustrativo;
- 4) Explorar aquelas situações nas quais a intervenção não tem clareza no conjunto de resultados.

O que se propõe no trabalho serão algumas generalizações analíticas, próprias do estudo de caso e não uma generalização estatística. O que se generaliza, no estudo de caso, são os aspectos do modelo teórico encontrado.

Nesse trabalho, temos que ter consciência dos critérios para julgar a qualidade da pesquisa: que seria primeiro a validade de constructo: estabelecer definições conceituais e operacionais dos principais termos e variáveis do estudo para que se saiba exatamente o que se quer estudar, medir ou descrever. Validade interna: estabelecer o relacionamento causal que explique que em determinadas condições (causas) levam a outras situações (efeitos). Deve-se testar a coerência interna entre as proposições iniciais, desenvolvimento e resultados encontrados. Validade externa: estabelecer o domínio sobre o qual as descobertas podem ser generalizadas. Deve-se testar a coerência entre os achados do estudo e resultados de outras investigações assemelhadas. Confiabilidade: mostrar que o estudo pode ser repetido obtendo-se resultados assemelhados. O protocolo do estudo de caso e a base de dados do estudo são fundamentais para os testes que indicam confiabilidade.

Para a coleta de informações, como foi dito acima, utiliza-se o recurso da entrevista semi-estruturada, pois se quer que o informante ou pesquisado alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias para enriquecer a investigação. Pretende-se não estabelecer separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas, visto utilizarmos o cunho fenomenológico. Seguiremos a orientação de Triviños (1987, p. 171) quanto à quantidade de perguntas que ao seu ver devem ser entre duas e cinco, além do respeito às cinco fases, a saber: 1) O estudo das perguntas em equipe, depois da análise dos objetivos da pesquisa. 2) Revisão do questionário por especialistas no tema. 3) Revisão dos aspectos lingüísticos do questionário, 4) Aplicação do questionário a uma pequena amostra, 5) Formulação definitiva.

A delimitação do trabalho é a entrevista semi-estruturada envolvendo cinco profissionais, todos professores, com Especialização em Aconselhamento; com titulação de Especialistas, Mestrado e Doutorado, tendo como critério professores do ensino médio ou superior, privado e ou público, de áreas diferentes do conhecimento que estejam atuando em sala de aula.

A entrevista estará estruturada inicialmente nos seguintes eixos:

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

4) Da sua prática por que é importante a educação dos sentimentos e emoções?

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E no processo de formação dos professores?

Pretende-se uma pesquisa científica, crítica, que busque contribuir para a construção de um espaço educativo. Santaella (2003, p. 20), falando da relevância da pesquisa, diz: “tem por função aumentar a soma de saberes disponíveis, saberes esses que, em algum momento, nunca se sabe quando serão utilizados para a solução de problemas empíricos”.

No processo final da análise de dados ter-se-a como fundamental o referencial teórico de toda a pesquisa bibliográfica. Respeitando as etapas apontadas por Triviños (1987, p. 161) de realizarmos uma pré-análise, uma descrição analítica e a interpretação referencial. Onde nos interessa o conteúdo manifesto e o latente que os documentos trarão.

CAPÍTULO 2

2.1 O SENTIDO E A FUNÇÃO DA PEDAGOGIA

O dicionário Houaiss ensina que Pedagogia é a ciência que trata da educação de crianças, jovens e adultos. É o conhecimento sistematizado, atento e aprofundado que visa estudar os problemas relacionados com o desenvolvimento e a formação do ser humano como um todo, ou seja, o conjunto de linhas e métodos que asseguram a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar. É um conhecimento, ciência ou doutrina que trata da prática educativa.

Gauthier (1998), aprofundando esse conceito, diz que ele se fundamenta “na razão do professor, razão que se faz ação que, por sua vez, significa transformação e construção. Esse professor, sendo pedagogo, pode deliberar, julgar e decidir as ações a serem adotadas no seu processo educacional” (p. 332).

A pedagogia é um processo, criação, reflexão e partilhas que visam à construção de racionalidades, contextualizado no aspecto bio-psíquico-social do aluno.

O professor, como agente transformador e racional, no dizer de Gauthier (1998), tem concepções de saber. Os saberes do educador são sempre fruto de um processo de interação desse indivíduo com seus alunos e seu contexto social, em um diálogo pessoal consigo mesmo. Os saberes que fundamentam o processo pedagógico são:

- Referentes à subjetividade;
- De juízo;
- Argumentativo;
- Dialogal (p. 335).

O saber subjetivo, construído na interioridade, nos fala de um tipo de certeza produzida pelo pensamento racional em nossas mentes. No dizer de Gauthier (1998), é “o fruto de um diálogo interior marcado pela racionalidade” (p. 334). Esse saber resulta também da busca de construções lógicas pautadas pela realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, realidades essas passíveis de se manifestarem nos âmbitos individual e coletivo simultaneamente. É um saber, portanto, comprometido com a apropriação intelectual dos objetos externos que atuam no teatro da mente, como nos ensinou Del Nero (2000).

O saber de juízo é o que advém de uma atividade intelectual ou de julgamento dos fatos. Decorre da faculdade de avaliar os seres e as coisas e permite avaliar, com correção, discernimento e bom senso. É, enfim, a capacidade de ponderação. É o bom senso, o equilíbrio mental. Esse é o saber de uma pessoa que “tem juízo”, como ensina a sabedoria popular.

O saber argumentativo é proveniente da apresentação de fatos, idéias, razões lógicas e provas que fundamentem uma afirmação ou uma tese. Na argumentação, o lugar privilegiado do saber é a palavra, capaz de romper o espaço da subjetividade para propiciar a intersubjetividade.

O saber argumentativo é um conhecimento decorrente da construção de processos lógicos e racionais, capaz de pronunciar o conteúdo com clareza e discernimento, levando a um convencimento sobre a verdade a ser construída ou transmitida.

O saber dialogal é construído em um processo interativo e interdependente, em que o professor é capaz de conhecer o educando através da conversa, proporcionando-lhe o reconhecimento mútuo como sujeito de mediações através do que diz e de como o escuta. Um saber que pronuncia o encontro do outro como sujeito dotado de subjetividade e alteridade, que pode reconhecer e aceitar um indivíduo como parceiro na construção do conhecimento.

Enfim, saberes todos que podem e devem ser construídos mediante um compromisso pedagógico, dialogal, dentro de uma comunidade científica. São, pois, saberes construídos dialeticamente, como bem expressou Woldietrich Schmied-Kowarzik (1982, p. 10), quando discorreu sobre a construção da pedagogia como ciência prática.

Aprofundando essas noções e refletindo sobre elas, pode-se dizer que o professor deve se tornar consciente de que os seus saberes se constroem na

subjetividade, isso é, no seu espaço próprio de racionalidade, lá onde o sujeito se encontra consigo mesmo, valendo-se de suas reflexões surgidas e construídas a partir de sua práxis.

Esta é uma competência a ser continuamente aperfeiçoada, a fim de que ele mesmo possa se humanizar mais e mais, tornando-se capaz de interações significativas e assim construir uma pedagogia de aconselhamento eficaz. Tal construção se realiza na criação de juízos concretos diante da realidade que se lhe apresenta momento pós momento.

Não é possível ao professor que, na realidade que se lhe apresenta, não tenha um posicionamento perante o real ou mesmo não interferindo na realidade sob o preço de o mundo construído se desmoronar em suas mãos, tornando por isso necessariamente crítico todo saber advindo da reflexão.

Na elaboração dessa pedagogia, o professor deve se tornar um agente crítico da realidade que se lhe apresenta e na qual ele se torna apto a interferir.

O professor, na subjetividade e na criação de juízos, vai fortalecendo sua retórica, tornando o seu discurso esclarecedor e normativo e apropriando-se de um espaço necessário de controle. Isto é, ele cresce na arte de conversar e persuadir. Mas, para tanto, é preciso que ele aprenda a despertar desejo em seus alunos, muito além da palavra. Desejo que, na expressão de Rubem Alves, vem do envolvimento que o simbólico propicia.

É no exercício do envolvimento simbólico que se criam espaços de reflexão e construção do conhecimento. É no conversar (no sentido original de “dar voltas com alguém”) que se criam possibilidades de se construir socialmente o conhecimento. É no conversar que acontece o humano (MATURANA, 1998, p. 95).

A produção do professor vem como resultado dessa interação social e por isso ganha a validade em sua comunidade, que ao reconhecer sua ação lhe dá o suporte necessário. É quando os vínculos orgânicos (*Verbindung*) de lealdade e de apoio são de fato criados.

O fato de se construir esse vínculo orgânico social facilita a atenção do professor nas relações humanas que se estabelecem em sua mediação pedagógica e didática. Ele será, então, um professor com dois saberes fundamentais dialeticamente relacionados: o saber prático que emerge de sua

experiência vital e o saber teórico que lhe advém da racionalidade que problematiza e questiona o saber prático.

Por isso, é dele que se espera a iniciativa de decidir e agir, saberes estes frutos de sua práxis com intenções transformadoras, que não são, senão, racionalidade fundamentada na consciência crítica que, conforme Antonio Damásio (2004) se fundamenta em sentimentos, intuições e percepções fundados em valores éticos, conhecimentos tácitos com substância axiológica.

Com isso, ele desenvolve um raciocínio prático, consciente de que sua decisão depende totalmente de si mesmo. Por isso o espaço do professor é um espaço privilegiado onde ele pode e deve assumir a responsabilidade *a priori* e *a posteriori* sobre os seus atos. Decorre daí a responsabilidade do professor sobre a responsabilidade de seus alunos, essência da pedagogia do aconselhamento.

É nesse espaço que o educador apreende que sua decisão e sua ação não podem ser arbitrárias, ilegais, imorais, inoportunas. Antes, devem ser fundamentadas em alguns valores que ele pode justificar, estando sempre aberto aos apelos e intuições de sua sensibilidade. Assim ele percebe que seu ser depende do outro e é permanentemente relacional: inter-relacional na construção com o outro (que transcende a si próprio, portanto) e intra-relacional, na construção de seus processos interiores. Ou seja, um ser dotado de, como se diz na língua alemã, *Gewissen*, isto é, consciência de sua interioridade ética e moral, e *Bewusstsein*, que significa consciência psicológica, fenomenológica, princípio educativo dos fenômenos, como bem faz notar Nolberto Espinosa (1998, p. 19).

O professor, portanto, detém saberes científicos e pedagógicos que o tornam consciente e socialmente responsável. Com isso, vai se conhecendo como um ser que sabe pensar, falar, fazer, ser e ser-com-o-outro. Um ser dotado de autoconsciência (CHURCHLAND, 2003) que tem algo a transmitir porque já viveu, mas também com algo a aprender porque ainda vive. E vive não só o hoje, mas a atração das possibilidades do amanhã (FRANKL, 1986).

2.2 A PEDAGOGIA E A PRÁXIS DOCENTE

O educador é, antes de tudo, um prático que está sempre construindo relacionamentos e interagindo em ações educativas, em comunicações que desvelam práticas. Entendemos o educador como aquele que constrói sua prática; hábil, exercitado, experiente, que antepõe a prática à teoria; que passa logo à ação e não gasta tempo em elucubrações, mas que faz alguma coisa, põe-se em ação o conhecimento teórico. Chega a ser intuitivo no sentido que refletiu a sua prática e agora está atento à sua interioridade (DAMÁSIO, 2000).

A pedagogia tem em si o conceito de ação, e ação implica sempre um ser humano, no caso o professor. Essa ação é pedagógica e didática e, por isso, mobiliza uma prática dialógica. No dizer de Paulo Freire (FREIRE apud SEBARROJA, 2003 p. 140), “Tendo no diálogo a principal ferramenta para se aproximar dos problemas das pessoas”, a pedagogia busca mudanças e cria possibilidades de transformação. E o faz através de uma prática amorosa, que acontece numa ação consistente com o mundo dos valores.

Segundo Houaiss (2004), o docente é o detentor do processo educativo, com noção dos estágios de desenvolvimento humano, aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento bio-psico-social de um ser humano, dotado de um saber que visa facilitar a aprendizagem e a contextualização da mesma. Ele está fundamentado em uma ampla formação acadêmica que respalde sua práxis.

A prática a que se refere o trabalho tem uma natureza especial: é práxis, na medida em que prescreve e condiciona a conduta humana, não apenas a descrevendo e entendendo, como o faz a teoria, mas como deveria ser, como propõe a ética capaz de ver possibilidades de esclarecimento e emancipação.

Não uma prática que seja só ação, mas uma prática entendida como práxis, indicando não só o que efetivamente é, como faz a teoria, mas o que deveria ser. Capaz de gerar a prática; ação concreta, ação objetiva que, superando e concretizando a crítica social meramente teórica, permite ao ser humano construir a si mesmo e o seu mundo, de forma livre e autônoma, em todos os âmbitos da cultura humana.

Uma práxis que leve a ações concretas de transformação. Uma práxis que tire a crítica social do plano meramente teórico e a leve a um plano concreto, real, permitindo assim que o ser humano se construa e construa o mundo de forma livre e autônoma em todos os sentidos.

Hoje, pode-se entender o educador como aquele que participa do processo formativo, ou seja, aquele que educa, que forma intelectual e/ou moralmente alguém; é o educador, professor, mestre que, de maneiras criativas e proativas facilita a construção do conhecimento do educando.

Como diz Paulo Freire (FREIRE, 1996 p. 15), o professor é um formador que nos aponta para um sentido, um prático que se fundamenta em uma teoria e visão de mundo. Um prático que tem uma pedagogia, uma maneira de conduzir, uma teoria de fundo. Woldietrich Schimied-Kowarzik (1999, p. 13) define o educador como

um prático que é capaz de uma percepção de situações que possuem um caráter elucidativo e dominá-las educacionalmente sem subtrair, na práxis, sua decisão educacional. Um prático que é capaz de fazer uma interpretação dialética do sentido de empreendimento conjunto da educação, com vistas à formação humana do educando, sem ao mesmo tempo impossibilitá-la com determinações antecipadas. Um prático que pense em possibilidades e limitações de enunciados pedagógicos da e para a prática educacional, que constituem a pedagogia cujo sentido não está na compreensão, mas no aperfeiçoamento da práxis. Um prático que acredita, fundamentado em uma razão, que é necessário fazer e refazer a sua práxis e que é no refletir e refazer que se construirá um novo modelo de educação.

Este profissional prático da educação constrói seu processo educacional inscrito em uma estrutura que, na visão de Imoda (1993, p. 15), deve ser considerada com todas as complexas relações que a constituem.

Portanto,

a educação escolar tem como núcleo a relação pedagógica em que a ação do formador passa a ser decisiva. Inicialmente, vale destacar que a referência aqui a agente formador, embora coloque em evidência o professor, não deixa de considerar, em alguma medida, a ação de outras instâncias, mesmo parcial e menos regular, como coordenadores, assistentes, supervisores e assessores, assim como funcionários e membros de conselhos de pais e professores, que, de uma ou outra forma, educam ou deseducam. Por outro lado, embora

‘sujeito que aprende’ evidentemente se refira particularmente ao aluno, inclui os agentes formadores, todos também aprendizes em seu cotidiano escolar.

O professor, como prático, tem uma missão, entendida no sentido de que tem um compromisso ético com a construção de uma realidade melhor. No entanto, com muito mais freqüência do que desejaríamos, “ocorrem encontros ocasionais que se transformam em eventos educativos ‘transformadores’ e de excepcional valor, enquanto certas presenças ‘educativas’ não raro mostram-se inúteis ou mesmo danosas” (IMODA, 1993, p. 15).

Imoda chega a afirmar que certas posturas de professores e mesmo familiares chegam mesmo a deseducar: “A agência formadora, portanto, não se limita aos professores, mas a todas as pessoas que agem no interior do sistema. Afinal, todos educam e são educados, na escola e na vida. Todavia, nem sempre as pessoas correspondem à missão ou à atribuição formal que cada uma assume diante de si própria ou dos outros. Desse modo, os pais educam ou deseducam, bem como se deixam educar ou deseducar pelos filhos, tanto quanto os mestres pelos discípulos e os diretores por aqueles que eles dirigem, sem com isso anular as diferenças” (p. 15).

Este prático, conforme Imoda, tem um trabalho a realizar. Um significado especial em sua ação, esta entendida no sentido de algo transcendental a realizar. Algo provocativo que tem em si a noção de construção de uma realidade melhor: uma atração para a realização de algo que transcende o raciocínio, provocadora do homem inteiro, razão e coração, no mesmo sentido que nos traz Frankl (1986).

Este saber se une ao de Lino de Macedo, quando diz que atualmente as relações humanas ocupam um lugar central em nossos questionamentos, e no caso destacamos as relações na escola, porque essa “é a grande questão do mundo atual, que se quer mais universalizado, globalizado, mais próximo” (2005, p. 127). Portanto, para nós, o professor educador é um agente/sujeito de relações, e relações pedagógicas.

Na construção dos fundamentos pedagógicos, necessariamente passa-se pelo processo de compreensão de um sujeito pessoal entendido em sua práxis pedagógica, compreendida também como uma interação em quatro dimensões: consigo mesmo, com os outros, com a natureza ou ecológica e com o

transcendente. Portanto, se pode dizer fundamentalmente que o professor é um sujeito que permeia sua prática com constantes transformações relacionais (BOFF, 1999, p. 31).

Conforme Lino de Macedo (2005), as relações são interdependentes, como o são com o Outro, um Outro sujeito de sua própria vida, exige que sejam relações positivas, inclusivas, respeitosas e dignas. A pedagogia entendida como um processo de capacitar o educador em sua habilidade e competência visa agilizar meios que favoreçam a maneira de melhor alcançar as metas propostas em cada período viabilizando prudência, ousadia e astúcia.

Para tanto, a práxis do professor deve ser dubitativa, deliberativa, retórica, contextualizada e dialogal, como nos ensina Clermont Gauthier (1998):

- Dubitativa, que é a capacidade de levantar questionamentos que abrangem a realidade do ser pessoa. Aquilo que se pode colocar em dúvida, tendo consciência de que sua verdade não é a última palavra. Existe uma verdade, mas que entra em diálogo com a verdade do outro e se reconhece a possibilidade de colocar-se em dúvida quando questionado em seu conhecimento.

- Deliberativa, ou seja, decorrente do ato ou do efeito reflexivo, capaz de rever os processos vitais, construídos a partir de uma consciência crítica, capaz de construção da cidadania, por isso sempre política, capaz de se colocar perguntas: Que farei? Como farei? Por ser deliberativa, será necessariamente analítica, ou seja, com capacidade de separar as coisas, olhá-las com olhar de quem quer compreender.

- Retórica, isto é apta a criar uma comunicação que atraia a atenção de seu aluno. Que tenha um pé na utopia e outro na poesia; que seja capaz de utilizar analogias, metáforas e metonímias; que tenha a arte do bem dizer, do argumentar. Que seja capaz de contar histórias, provocando a construção de uma realidade nova sempre mais justa e humana.

- Contextualizada, quer dizer sendo histórica, que tenha noção do ontem e do hoje, existindo num espaço concreto de tempo e lugar e lidando com os contextos e interrogações da realidade. Conhecedora das provocações sociais e, portanto, aberta às provocações da transcendentalidade e dos valores de atração, de criação, de amor e de trabalho, como nos ensina Frankl (1986).

A nosso ver, contudo, ela deve ser mais:

- Dialógica, isto é, relacional, capaz de ser interativa, como a entende Doll (2002, p. 118), capaz de admitir suas ineficiências e incompletudes, não aceitando a realidade simplesmente como ela se apresenta, mas buscando uma mudança nos construtos pessoais e nas relações sociais. Com o sentido de utopia, capaz de criar onde não existe.

- Crítica, ou seja, capaz de superação de uma visão ingênua da realidade para passar a uma percepção de que existem condicionamentos e interesses sociais e políticos em todas as ações humanas.

- Inclusiva, isto é, em que ensinar e aprender constituam a mesma realidade. Uma capacidade de gerar compreendendo a realidade não mais como exclusiva, onde digo que é isso ou aquilo, mas uma realidade inclusiva que perceba que pode ser isso e aquilo.

O educador em ação é um indivíduo que junto, ao processo pedagógico de uma instituição, deve deliberar julgar e decidir a melhor ação a ser adotada à medida que os fatos se processem em sua sala de aula, que não pode postergar ou mesmo ignorar a realidade que se lhe apresenta. Por isso, a práxis do professor é marcada por algumas atitudes que demonstram o seu processo de racionalidade.

A atitude que se exige, a postura que hoje se faz necessária, é a do entusiasmo. No sentido mais profundo do termo, ou seja, capacidade de entender que tem dentro de si provocações transcendentais, de vivenciar um estado de exaltação da alma que vivencia o poeta ou o artista, arrebatado pela inspiração. Capaz de abrir-se à exaltação criadora; inspiração, força natural ou mística. Processo que impele a criar ou a agir com ardor e satisfação, percebendo que a realidade é muito mais do que processos de combustão física ou de desenvolvimentos biológicos (FRANKL, 1998).

A confiança, como segunda atitude, sempre tem duas dimensões: uma pessoal, em que eu, como sujeito, confio em mim mesmo, acredito em minhas potencialidades, e uma segunda dimensão, onde sou capaz de transmitir confiança. E esta transmissão é possível graças a ações coerentes, que se tornam sinais de estabilidade e por isso é confiável.

Liderança: capacidade de agregar pessoas e, junto com elas, construir processos em interação facilitando para que todos possam participar dentro do pouco ou muito que tenham a contribuir.

Sensibilidade: entendida como uma atenção aprimorada da realidade. Ser capaz de ler a realidade com a razão, emoção, sentimentos e intuição. Saber que, muitas vezes, o real é mais do que dois mais dois; que muito do que se compreende não se compreende pela razão, mas pelo coração e pela intuição.

Persuasão: acreditando no que faço e no que sou e, como conseqüência, comunicar as minhas crenças com intensidade, com coerência, sendo capaz de passar certezas fortemente estabelecidas, com convicção.

Receptividade: abertura aos outros, um saber escutar e escutar com o corpo todo. Estar atento capaz de escutar o outro. Em uma linguagem poética, ver o outro com o coração. Enfim, um ser que se faz fazendo, na atração das possibilidades de ser.

No processo de desenvolvimento de uma pedagogia do aconselhamento, leva-se em conta sempre a estabilidade da estrutura e a dinamicidade do processo. Tudo isso deve ser mediado pela *phronésis*, ou seja, pela prudência (ou *sabedoria prática*, como nos ensina Aristóteles), fundamentada em valores e por isso mesmo ativa, dinâmica e voltada à transformação do mundo e à preservação da dignidade e da solidariedade. Voltada para uma ação de transformação de uma sociedade mais humana e justa. A prudência do educador — a sua *sabedoria prática* — terá sempre o parâmetro da construção da Vida e, portanto, de uma Ética inter-humana e planetária.

A Professora Maria da Glória S. Silveira¹ disse

que devemos a Aristóteles a idéia muito clara de que o campo das ações éticas é o campo da orientação voluntária, da escolha, da decisão, da deliberação. Daí decorre que a maior das virtudes, para ele, é aquela da sabedoria prática, da *phronésis*, termo que possui muitos outros sentidos além do de “prudência”, pelo que é habitualmente traduzido. *Phronésis* diz, pois, respeito à intuição intelectual dos valores transcendentais. É pela sabedoria prática, como *phronésis*, que a professora ou o professor é capaz de avaliar, em cada situação, qual a atitude a tomar, qual atitude se mostra mais adequada à finalidade ética e como resposta ao seu livre-arbítrio, independentemente das pressões sobre ele ou ela exercidas pelas circunstâncias, pelos impulsos, pela vontade alheia.

¹ Anotações de conferência proferida realizada na Jornada de Psicologia da Universidade de São Marcos, no Rio de Janeiro, no dia 16 de setembro de 2004.

O sujeito ético é, portanto, aquele que realiza seu projeto humano de autonomia e autodeterminação, enquanto segue as inspirações de sua consciência crítica. O professor que considera esse processo pode ir, aos poucos, desenvolvendo a sensibilidade, a sagacidade, o discernimento, o tirocínio, a antecipação e o senso de oportunidade, que podem ser traduzidos como sabedoria prática, como *phronésis docente*.

2.3 ACONSELHAMENTO

Aconselhamento é o auxílio ou orientação que um profissional (psicólogo, pedagogo, educador) presta ao aluno nas decisões que este deve tomar com relação à escolha de profissão, cursos etc., ou quanto à solução de pequenos desajustamentos de conduta (DICIONÁRIO HOUAISS, 2005).

Etimologicamente, aconselhamento é opinião, ensino ou aviso quanto ao que cabe fazer; é um parecer aprofundado. Sendo fruto de deliberação, uma ação com sabedoria, prudência e moderação, ou seja, uma opinião refletida ou resolução maduramente tomada. Na expressão de Danon aconselhamento é um processo que auxilia na tomada de decisões das escolhas vitais. E ela ainda acrescenta que é um conjunto de habilidades, posturas e técnicas para ajudar a pessoa a ajudar-se (2000, p. 20).

A Associação Europeia de *Counseling* define o aconselhamento como:

Um processo interativo entre o conselheiro e um cliente, ou mais clientes, que aborda com técnica holística temas sociais, culturais, econômicos e/ou emotivos. Pode concentrar-se sobre o modo de enfrentar e resolver problemas específicos, favorecer um processo decisório, ajudar a superar uma crise, melhorar os relacionamentos com os outros, facilitar o desenvolvimento, aumentar o conhecimento, a consciência de si e permitir a elaboração de emoções e conflitos interiores. O objetivo global é oferecer aos indivíduos a oportunidade de trabalhar com modalidades por eles definidas, a fim de levar uma vida mais satisfatória e rica de recursos, seja como indivíduos, seja como membros da sociedade mais ampla” (DANON, 2000, p. 36).

O aconselhamento é um conhecimento atento e aprofundado sobre o relacionamento interpessoal, que se coloca entre os saberes trazidos pelas ciências da saúde: é um corpo de conhecimentos sistematizados que buscam auxiliar o indivíduo sem a necessidade de tratamentos psicológicos, objetivando a educação para um estilo de vida melhor e a prevenção para uma vida de qualidade.

Diferente das ciências da saúde mental e relacional, como a psicologia ou a psiquiatria, o aconselhamento pode ser considerado um processo educativo, um novo modo de buscar soluções que envolvem os indivíduos na luta do dia-a-dia, de modo que estejam preparados para os desafios, sem a preocupação de entender ou descobrir causas psicopatológicas para as dificuldades do presente, procurando valorizar os recursos pessoais de cada um.

O aconselhamento pode ser entendido como um encontro entre duas ou mais pessoas com o objetivo de se auxiliarem em temas pessoais ou relacionais grupais, emotivamente significativos para si ou outros. Pretende auxiliar o indivíduo ou o grupo de indivíduos a perceber e administrar os seus problemas relacionais, utilizando os próprios recursos pessoais.

A base fundamental na qual o aconselhamento se edifica, se constrói, é aquela de Carl Rogers (1986) que tem como preocupação fundamental ajudar o sujeito a compreender a própria situação, o contexto em que se encontra, e a administrar os problemas, assumindo sozinho e plenamente a responsabilidade das eventuais escolhas, tendo consciência de que é responsável por suas ações perante o grupo em que vive.

Conforme Danon, o *aconselhamento* é:

Uma arte dialogal, que se propõe fazer aflorar as potencialidades presentes em cada um. É uma profissão transversal a muitas já existentes que envolvem não só psicólogos e educadores, mas também médicos, treinadores esportivos, assistentes sociais, todos aqueles que por meio de sua palavra e, sobretudo, pela qualidade de sua presença, podem também dar uma ajuda existencial” (2000, p. 29).

Situa-se, portanto, em uma área interdisciplinar e pode lançar mão de técnicas e métodos provenientes de diversas orientações vindas das ciências da administração, ciências do comportamento e da comunicação, ficando claro, porém, que o seu principal instrumento de trabalho é um processo de educação de uma comunicação eficiente e efetiva.

A pedagogia do aconselhamento é um processo de facilitação relacional imprescindível para o desenvolvimento pessoal e, portanto, para o processo ensino-aprendizagem. É uma das condições para o encontro, um cuidado com o outro (BOFF, 1999, p. 139), pois auxilia a construir relacionamentos saudáveis.

Pode-se dizer que o fundamental na pedagogia do aconselhamento é a qualidade da relação que vai se instaurar. Se o educador, conselheiro, aquele que escuta, for capaz de entrar em sintonia com o outro, com aquele que buscou ajuda, este se sentirá acolhido, ouvido, compreendido, aceito e poderá assim, mais facilmente, encontrar dentro de si os recursos necessários e resolver o seu problema, as suas dúvidas específicas.

O aconselhamento é, antes de tudo, um processo de inter-relação, uma postura de relacionamento específico entre pessoas de um mesmo grupo ou entre indivíduos. É um relacionamento que se reconhece entre iguais, onde a situação pede um posicionamento para melhorar as próprias relações consigo mesmo e com os outros dentro de um espaço concreto, como a sala de aula.

Os fundamentos da pedagogia do aconselhamento estariam na relação Eu –Tu (BUBER, 1977) e na relação Eu – Nós da dialética da construção do social. Essa atitude de encontro implica construir um tipo de relacionamento em que as pessoas tentem o difícil processo do diálogo, no qual o educador deve se colocar em contato com a totalidade do seu interlocutor, buscando captar a sua originalidade e a unicidade de sua luta pessoal sem se deixar enganar pela tentação de, na primeira ocasião, encaixá-lo dentro de um esquema preconcebido.

Conforme Buber (1979, p. 03), “o Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu e a relação é reciprocidade”, nossos alunos nos formam. Nós nos tornamos Tu para os nossos alunos. “Meu Tu atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele, e a pessoa aparece no momento que entra em relação com outras pessoas”.

O educando (como o Tu, na relação com o Eu - professor) está muito além de qualquer categorização, diagnóstico e interpretação, enfim, julgamento. Isso significa deixar de lado, pelo menos numa primeira fase, todas as teorias de compreensão do indivíduo para, em primeiro lugar, prestar atenção no escutar e ouvir a sua história, com o objetivo de descobrir o seu modo de ver o mundo e buscar junto com ele a compreensão dos fatos de sua vida.

A mediação docente assume, na pedagogia do aconselhamento, objetivos profiláticos, como medida de prevenção ou de preservação do equilíbrio relacional, tendo sempre a pessoa e sua capacidade de transcender como o centro de interesse.

O aconselhamento é uma intervenção de forma planejada e orientada. Requer competência e habilidade para observar, escutar, interpretar, responder e fazer “boas perguntas”, a partir do conhecimento que está acontecendo no momento das dúvidas e dos erros do sujeito. Requer também flexibilidade para considerar respostas inesperadas, sem perder o fio condutor (ROGERS, 1974, p. 123).

Considerando-se que as crises relacionais e existenciais são inevitáveis, principalmente hoje nas salas de aula, a aprendizagem da capacidade de resolvê-las torna-se tão essencial quanto a aprendizagem dos conteúdos curriculares, certamente imprescindíveis, mas não suficientes para o esclarecimento e a emancipação do aluno.

O aconselhamento fornece, enfim, indicações férteis para o desenvolvimento humano. Na educação, conta muito mais aquilo que se é do que aquilo que se diz, sobretudo se o objetivo for criar um clima de comunicação autêntica e ativar relações de qualidade e recursos internos dos próprios alunos.

O aconselhamento é um processo que auxilia as pessoas a perceberem que, livre e responsavelmente, podem superar suas dificuldades. É um processo provocativo no sentido que aponta condicionamentos e incentiva a viver melhor. Estimula para que se assuma a vida e as conseqüências de seus atos. É um processo que auxilia o indivíduo a tomar responsabilidade de sua própria vida. Ajuda-o a entender que as crises são, na verdade, possibilidades de crescimento. Faz com que possamos crescer em consciência.

Sabemos que muitos alunos, tendo consciência de que certas coisas não vão bem em seus estudos ou suas vidas, procuram os professores para resolverem as situações de desafio que precisam enfrentar. Querem assumir a responsabilidade de encontrar soluções para suas situações e, através de um diálogo, desejam rever a sua vida e os pontos em que necessitam de mudança.

Na verdade, nós, como indivíduos, carecemos crescer em consciência introspectiva (CHURCHLAND, 2004, p. 275), ou melhor, em autoconsciência. É a consciência introspectiva que nos auxilia a discriminar os

nossos processos interiores, distinguir os sentimentos e tomar consciência das emoções. Com isso, temos acesso ao mundo interior, podemos dialogar com nossa interioridade.

A introspecção é um processo aprendido: “ela é adquirida com a prática e com a experiência, muitas vezes, de modo lento” (CHURCHLAND, 2004, p. 277).

O processo do aconselhamento atende a situações específicas, situações como desconfortos relacionais, indisciplina ou incapacidade de comunicar-se efetivamente com os outros, e, a partir daí, tenta colocar os pressupostos para a interiorização de esquemas de interação mais responsáveis, mais criativos e mais satisfatórios para consigo mesmo, com os outros e com o mundo da escola.

O aconselhamento tem seu foco no “aqui e agora”, propõe estratégias de acolhimento, escuta, compreensão, respostas consistentes e busca de soluções para mudança de comportamento. Quer, como processo, responder às intuições do que Viktor Emil Frankl (1986), o pai da logoterapia, chama de “os valores de atitude”, a capacidade de dar um sentido aos acontecimentos e à vida, e de modificar a própria visão das coisas e, por conseqüência, também o próprio comportamento para, com isso, assumir atitudes que auxiliam no processo relacional.

O aconselhamento é, antes de tudo, um encontro *existencial*, no mais profundo sentido levantado por Bubber (1973) no qual o verdadeiro empenho educativo consiste no encontro humano. Carl Rogers (1974) acrescenta a isso que “o aconselhamento mais intenso e bem sucedido não é distinguível de uma psicoterapia da mesma forma intensa e bem sucedida”.

Todo encontro humano necessariamente pressupõe duas pessoas interagindo. E, por serem pessoas, são donas de um reconhecimento mútuo que faz com que a presença de um e de outro seja reconhecida e aceita. Sendo encontro de pessoas, é um encontro de consciências (DAMÁSIO, 2000). O reconhecimento de si mesmo e do outro é expressão da reflexão humana. É um encontro de consciências, como afirma Mosquera (1977), e, por ser assim, possibilita nesse encontro um crescimento. O encontro de consciências leva à descoberta do outro, indo muito além das aparências, para sentir-se, com o outro, em um verdadeiro processo de empatia.

Conforme afirma Marroquin (1982), foram realizadas diversas pesquisas nos últimos anos para a compreensão do que é necessário para alterar os processos vitais dos indivíduos:

O *counseling* faz parte das relações significativas que alteram os processos vitais das pessoas, e como todos esses, podem ter efeitos que levam a gerar sanidade ou doença nas pessoas... Portanto, toda relação significativa pode gerar benefícios ou prejuízos às pessoas. Importa muito o “como” nos relacionamos com os outros. Todas as pesquisas apontam que existem certas condições, dimensões, nos processos relacionais, que são fundamentais, determinantes no processo relacional e que podem auxiliar o sujeito a mudar seu comportamento ou mesmo seu estilo de vida. Esse grupo de dimensões (*core conditions*) é crucial a todo processo interativo. Entre essas dimensões estaria a empatia, a congruência, a autenticidade, a aceitação do outro, que chamaremos em nosso trabalho de atitudes ou dimensões relacionais (MARROQUIN, 1982, p. 35).

O modo como nos relacionamos com os outros é fundamental e para nós tomar consciência dessas condições ou dimensões que são importantes no processo relacional entre as pessoas e entre professores e alunos. E, conforme Carkhuff, todas as teorias colocam em relevo a importância da integração pessoal, maturidade, genuinidade, autenticidade e congruência do ajudador em relação ao ajudado.

Todas as teorias psicológicas acentuam a habilidade para procurar uma atmosfera de confiança e segurança mediante a aceitação, cordialidade e consideração positiva frente às pessoas, sabendo que, com isso, cria-se uma possibilidade de realmente termos um encontro significativo que proporciona que o indivíduo, sentindo-se aceito, possa ser capaz de responder às exigências dos estudos com maior assertividade.

Robert Carkhuff, partindo dos pressupostos da escuta, elaborou um percurso para o processo relacional que pode ser atuado não apenas por especialistas, mas também por todos aqueles que desempenham um serviço de contato com as pessoas que têm dificuldades ou, como os professores, que simplesmente desejam estar em condições de oferecer ajuda de modo eficaz aos alunos que lhes estão próximos. Os objetivos apontados por ele são três: acolher, personalizar e agir.

O *acolher* é um ato pelo qual eu recebo a pessoa em meu espaço subjetivo, internamente, eu a reconheço como alguém igual a mim em dignidade e capacidade. Vai muito além do ver e do ouvir. É necessária a acolhida durante a qual me mostro aberto às colocações que a pessoa faz e traz, seja como conteúdos verbais ou conteúdos emotivos.

Segue a *personalização* ou *responsabilização* na qual a pessoa é convidada a compreender melhor a situação, perguntando-se qual é a sua contribuição específica para a criação do problema, descobrindo em que medida, e, sobretudo, através de qual comportamento e atitude ele mesmo favorece a criação do contexto que é vivido como desconfortável ou negativo, ou, então, de que modo ele faz para que a situação seja vivida como problemática.

Há, portanto, uma responsabilização da pessoa, que descobre não ser uma vítima ao sabor de eventos casuais ou determinados por outros, mas ser um sujeito ativo que contribui para a criação do seu próprio destino, mesmo que só através da escolha da atitude que vai assumir.

E para levar o processo a uma conclusão, ou seja, a uma ação eficiente, são necessários, junto com o aluno, o estudo e a criação das estratégias mais eficazes para enfrentar a realidade de um outro modo, transformando o que antes era vivido como um problema em um desafio construtivo para o desenvolvimento de novas competências, praticando-se o agir.

Rogers sempre insistiu que havia algumas dimensões relacionais ou atitudes que eram necessárias para que acontecesse o processo do aconselhamento, visão que Mosquera ratifica, afirmando que as atitudes são passíveis de aprendizagens, pois, segundo ele: Atitude é uma predisposição a reagir de um modo positivo ou negativo ante pessoas, objetos, idéias e fatos. São procedimentos adquiridos através da aprendizagem para poder reagir ante os estímulos do meio ambiente (MOSQUERA, 1977, p. 112).

Dentro dessas dimensões relacionais, talvez a mais importante seja a *empatia*, sendo esta a primeira habilidade relacional, a qual significa a capacidade ou competência de me colocar no lugar do outro com a finalidade de compreendê-lo. Conforme o dicionário de Psicologia de Arnold e outros, é a faculdade de compreender emocionalmente um objeto ou mesmo a capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende. Ou seja, o processo de identificação em que o

indivíduo se coloca no lugar do outro e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro; na definição sociológica, uma forma de cognição do Eu social mediante três aptidões: para se ver do ponto-de-vista de outrem, para ver os outros do ponto-de-vista de outrem ou para ver os outros do ponto-de-vista deles mesmos.

A empatia pode acontecer através do processo de escuta: “São raras as situações em que se pode ser verdadeiramente ouvido, em que o outro está à nossa disposição com todo o seu ser, sem interromper, sem intervir com comentários, julgamentos, ou com o testemunho da própria experiência” (DANON, 2000, p. 56).

Quando acontece a verdadeira escuta, ou seja, uma escuta ativa, pode-se dizer que se tem um processo empático. O escutar do educador se torna empático quando não é um escutar passivo, mas é uma escolha consciente de estar com seus alunos e prestar atenção às mensagens verbais e não-verbais, ao todo do organismo, aos sentimentos e aos pensamentos expressos pelos alunos.

Danon (2000) percebe que o aconselhamento é uma atitude de escutar, feito com o coração, e, portanto, definido como acolher. Se construído como acolher, é um modo silencioso de fazer o outro sentir que “está bem assim como está”, que junto ao educador ele pode ser a pessoa que ele é. É um processo que implica em aceitação do outro. Aceito-te. Posso não concordar com tuas atitudes, mas te aceito como ser humano. Com isso se cria um espaço em que é possível ser o que somos, é possível expor a própria sensibilidade e vulnerabilidade, onde é permitido re-encontrar os próprios valores e o seu projeto de vida.

A empatia que é solicitada do professor-educador é um escutar sincero, participativo. Um querer acolher. É na verdade uma atitude de vida. Ao professor-educador é solicitado, pelo menos na fase inicial, ser capaz de dirigir-se ao outro, fazendo calar momentaneamente preconceitos, temores, expectativas, problemas pessoais. Isso significa fazer-se presente sem interromper, fazer perguntas oportunas, interpretar ou oferecer soluções, sintonizando-se na linguagem, na posição, no estado de espírito do interlocutor, enfim, empatizar-se com ele, sendo prudente.

A empatia é a capacidade de acolher e tentar compreender as experiências subjetivas do educando ou de seu interlocutor, colocando-se em seu lugar, olhando as situações e realidades do ponto-de-vista do outro, sem sobrepor

as suas experiências ou renunciar à devida objetividade. No entanto, o professor não pode abrir mão de sua racionalidade.

A empatia, conforme Danon é dinamizadora, ou melhor, é provocadora do processo de crescimento; sentindo-se acolhido, aceito, compreendido, o aluno recomeça a ter confiança em si mesmo, se livra do peso que carrega e consegue desta forma escutar a si próprio, que, por si, pode já indicar um possível caminho de solução. Descobre em si a capacidade de relativizar as questões que o fazem sofrer e ver as coisas de um outro ponto-de-vista, pode encontrar a coragem de ir em frente, não obstante o seu problema, e abrir-se à esperança e a uma ação efetiva que o tire da situação em que se encontra.

A segunda dimensão interativa é a atitude de *Respeito* pelo indivíduo, ou seja, a eficiência e a eficácia da presença do conselheiro ou professor estão mais no modo com que enfrenta interiormente o encontro do que naquilo que diz e faz. A importância da comunicação não-verbal e das mensagens subliminares é forte, será, pois, neste plano, mais ainda que sobre a técnica, que o conselheiro ou professor deverá predispor-se adequadamente.

Na base de tudo deve estar um profundo respeito pelo indivíduo. Sentimento que leva alguém a tratar a outrem ou alguma coisa com grande atenção, profunda deferência, consideração, reverência, como nos ensina Bonder (2001). Isso corresponde a um profundo respeito por alguém, em função das virtudes, qualidades que possui e principalmente pelo fato de ser um ser humano, portanto, digno de respeito e merecedor de consideração, deferência.

Para criarmos um processo que estimule o desenvolvimento, devem-se cultivar duas percepções diferentes, reflete Danon: uma que vê o aluno como ele é, e a outra, que o vê como ele poderia vir a ser. Vê-lo 'como ele é' quer dizer, antes de qualquer coisa, respeitar e aceitar também as suas incapacidades, o seu sofrimento, a sua confusão, o seu desconforto, o seu modo de perceber-se e de perceber o mundo. Quer dizer também reconhecer e respeitar os limites e os esforços de seus alunos, tendo consciência de que eles têm um tempo próprio, um desenvolvimento a partir de suas realidades e não das expectativas geradas em torno deles. Sempre acreditando no que os seus alunos podem "vir a ser". Esta imagem positiva de acreditar, indo além das aparências, é fundamental, pois, através desta postura, não se vê só o indivíduo, mas se pode vê-lo realizando suas possibilidades, sendo suas potencialidades. Essa atitude exerce um efeito muito

concreto sobre o encontro com alunos. Se o educador verdadeiramente souber cultivar em si a confiança nas potencialidades do educando, isto certamente repercutirá de forma positiva na qualidade do relacionamento e no processo de desenvolvimento dele.

Na visão de Lino de Macedo (2005), o professor, em seu relacionamento com alunos e escola, deve envolver-se no compromisso de ensinar e desenvolver certas habilidades, sempre acreditando em seu aluno, tendo por ele o maior respeito. Um respeito ativo que significa responsabilizar-se, cooperar e cuidar, enfim conviver. Em sala de aula, o professor coloca-se no lugar do aluno para compreender o que o aluno consegue entender ou não. Daniel Goleman assegura que as pessoas empáticas, que respeitam o ser humano, estão mais sintonizadas com os sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou querem. E é na sua compreensão, como na de todo o psicólogo educacional, elemento essencial que pode contribuir no relacionamento com o aluno.

Como terceira dimensão interativa ou atitude tem-se a *Congruência*, que é a possibilidade de ser ele mesmo nas relações que estabelece, o fato de estar consciente de seus sentimentos reais sem necessidade de ocultá-los. Estar em harmonia, coerente com os seus valores interiores e sua ação prática. Rogers (1985) acredita que quanto mais o professor for ele mesmo no relacionamento, não colocando uma fachada profissional ou de função social, sendo a pessoa que é, maior a possibilidade de que o aluno se modificará e crescerá de uma maneira construtiva. Ele afirma:

No lugar do termo “autenticidade”, às vezes tenho usado o termo “congruência”. Com isto quero dizer que quando o que estou vivenciando num determinado momento está presente em minha consciência e quando o que está em minha consciência está presente em minha comunicação, então cada um desses três níveis está emparelhado ou é congruente. Nesses momentos, estou integrado ou inteiro, estou inteiramente íntegro... Aprendi, no entanto, que a autenticidade, ou a congruência - não importa o nome que você queira dar a isto - é fundamental para que a comunicação atinja o seu máximo... Aprendi que se for verdadeiro na relação com ele (aluno) e se conseguir expressar esse sentimento que me ocorreu, provavelmente o atingirei em um ponto sensível e nossa relação progredirá (ROGERS, 1983, p. 9).

Como quarta dimensão interativa ou atitude tem-se a *Aceitação*, ou melhor, a consideração incondicional, que significa criar uma postura positiva em

relação ao seu aluno, aqui entendida como uma aceitação ontológica. Não uma aceitação das atitudes que podem negar a vida, mas uma aceitação da personalidade do ser.

Poderá acontecer ao educador ter de trabalhar com pessoas cujas idéias políticas, religiosas ou até mesmo cujos princípios éticos são diferentes. Poderá acontecer de tornar-se aquele que sabe de fatos e situações ou de revelações que contrastem com os seus próprios valores. Portanto, como professor, é muito importante saber distinguir entre a sua pessoa e o seu papel, para não deixar transparecer desdém, condenação ou qualquer outra emoção que interrompa imediatamente a qualidade do fluxo da comunicação.

Se transparecerem desconfiança e desestima, será difícil dar início a um processo de desenvolvimento e, se necessário, de mudança. Mas, aceitar a pessoa não quer dizer justificar toda e qualquer ação ou decisão sua: significa ver nela, antes de qualquer coisa, um ser humano que está buscando o seu modo de ser no mundo, e procurar encontrá-lo nesta dimensão, não na dimensão do julgamento. Isto não quer dizer concordar com comportamentos, atitudes ou tendências destrutivas ou autodestrutivas, das quais é possível examinar juntos as possíveis conseqüências negativas, mas, ser capaz de confrontar a pessoa sem julgá-la ou mesmo condená-la.

A quinta atitude é a *Concreticidade*, ou seja, a capacidade de decodificar as experiências que escutamos dos outros, tornando-as o mais concreto possível, verbalizando-as de maneira que o aluno perceba a concretização de suas ações, ou seja, tornando concreto aquilo que é nebuloso. Escutar a própria palavra é muito útil quando esta nos é apresentada de maneira decodificada, isto é, separada, em objetivações mais concretas.

Como sexta dimensão ou atitude, tem-se a *Imediatividade* - capacidade de aproveitar o momento real da experiência, ou seja, atuar no aqui e agora sabendo analisar e confrontando os processos na medida em que se sucedem. É no momento em que se contrapõem elementos que se gera desequilíbrio. Este, por sua vez, obriga a uma reflexão que assumida, pensada e atuada, proporciona mudança.

Para favorecer a criação de uma aliança educativa e a instauração de um relacionamento de confiança mútua, são requisitadas algumas qualidades a mais do educador, além das dimensões e atitudes descritas anteriormente.

Antes de tudo, a *flexibilidade* e a *disponibilidade* para enfrentar toda situação diversa de um modo novo, sem ater-se a procedimentos formais são imprescindíveis. É a capacidade de ser aberto, não ser previsível, de querer entender valores diferentes dos seus, de confrontar-se também com realidades ainda pouco conhecidas, sem prevenções ou preconceitos, ou seja, ser maleável.

A amabilidade, realidade e termo muito esquecido nos dias de hoje, mas, muito importante enquanto expressão do profundo respeito do educador pelo aluno, não é uma formalidade a ser adotada automaticamente. Porém, nasce da consciência de que, quem busca o encontro, quem busca aprender, se encontra numa situação de “sentimento de inferioridade”, tem consciência de que não sabe, e, portanto, o professor pode enfrentar a situação com atenção.

Sinceridade é o que se pede ao educador, além das atitudes descritas acima. O educador nem por isso deve ter sempre e em qualquer circunstância um largo sorriso em seu rosto, ele pode demonstrar ter brigado com o vizinho de casa, ter tido um dissabor com seu (sua) parceiro (a) ou expressar verbalmente o fato de estar sentido dor ou mal-estar.

Também o educador está presente, antes de tudo, como pessoa, com a diferença de que ele, seguramente, é mais experiente para lidar com sua realidade e deixar momentaneamente de lado os problemas pessoais, a fim de concentrar-se no relacionamento com o seu educando, mas sem ter de usar máscaras circunstanciais ou ter de fazer esforços sobre-humanos para disfarçar nervosismo e mau humor. Pode ainda ser útil falar ao interlocutor do seu estado de ânimo, de sorte que ele não venha a pensar ser o causador.

2.4 PEDAGOGIA DO ACONSELHAMENTO

Quais os fundamentos pedagógicos do aconselhamento?

A pedagogia do aconselhamento se distingue em perspicácia, sagacidade, antecipação e senso de oportunidade. É um processo de facilitação relacional que vem como auxílio para facilitar a aprendizagem e não em substituição de conteúdos curriculares.

Tem de ser um processo de construção, entendido como um encontro de respeito entre dois sujeitos, que se sucede em um tempo e um espaço concretos, mas nunca cristalizados, sempre em contínuo movimento de sínteses provisórias como todo encontro humano. Sempre sonhando com um algo a mais, uma possibilidade a mais. “Um já, ainda não”, construído na responsabilidade de ser com o outro.

Outro fundamento pedagógico é a competência em termos relacionais. De acordo com Lino de Macedo (2005, p. 68) “é fundamental descobrirmos maneiras que auxiliem o professor a interagir com o grupo, conhecendo os momentos, o ritmo e as pausas de seus alunos”.

O fundamental é a consideração do impulso à vida. Sempre o outro como objeto de encontro, como possibilidade de ser e ser mais. Por isso, o trabalho é sempre interativo, não se faz só, se faz a várias mãos, se faz em construção, em processo.

A pedagogia do aconselhamento visa prevenir a deteriorização relacional, a preservação da qualidade relacional. Pode existir uma qualidade relacional? Sim, podemos responder pontuando de duas maneiras: a) primeiro, é a relação que se faz em vista de valores e valores de vida. Portanto, é um encontro, um cuidado no sentido ético, que objetiva preocupar-se com o outro para que seja mais inteiro, a qual seria uma pedagogia do cuidado (BOFF, 1999, p. 33). b) E, segundo, em um cuidado que se faz restauração e aperfeiçoamento contínuo, que busca um relacionamento mais profundo, dialogal. De maneira intencional, sem necessidade de causalidades evidentes, mas, construindo-se no caminho do fluxo da vida, na persuasão de ser.

Com isso, afirma-se que toda pedagogia do aconselhamento se constrói na intencionalidade, ou seja, tem intenção, significado e finalidade. E, por ser pedagogia, deseja um ser humano livre e feliz, portanto tem de necessariamente se constituir em utopia, em um processo que nega a aceitar a realidade como ela é, buscando sempre uma transformação.

Essa pedagogia procura a emancipação do ser humano, que se faz através da interdependência, superando os processos de heteronomia (dependência) que, conforme Kant (1724-1804), se define como sujeição da vontade humana a impulsos passionais, inclinações afetivas ou quaisquer outras

determinações que não pertençam ao âmbito da legislação estabelecida pela consciência moral de maneira livre e autônoma.

O indivíduo, superando os processos de autonomia (independência), no sentido da capacidade apresentada pela vontade humana de se auto-determinar de acordo com uma legislação moral por ela mesma estabelecida, é livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível, como nos ensina Kant, mas, buscando criar seres humanos interdependentes, segundo Lawrence Kolberg, apostando na criação de espaços de troca e construção.

Portanto, faz-se necessária a utilização de uma metodologia de encontro, de aconselhamento, de busca de consenso, que convide cada indivíduo a participar e a tomar para si a responsabilidade nos processos.

O aconselhamento e a mediação têm um objetivo profilático, capaz de estabelecer medidas preventivas para a preservação do equilíbrio relacional dentro da escola. Levando à utilização de procedimentos e recursos para prevenir e evitar conflitos, como, por exemplo, medidas dialogais, dinâmicas relacionais, cuidado com o respeito aos colegas, etc. Enfim, uma ação que leva em conta a construção de relações sadias. Busca-se um processo que possa prever conflitos e traz, através de um diálogo, as possíveis soluções para os desencontros.

Outro fundamento do aconselhamento está na compreensão de que a pessoa está no centro de toda preocupação educacional. Coerentemente com a 'filosofia' da psicologia humanista, o indivíduo vem sendo considerado como o centro de sua existência, relativamente livre no mundo, capaz de agir de modo criativo, livre de condicionamentos e responsável pelas suas atitudes e decisões em sua vida. O objetivo de um percurso de aconselhamento não é de "curar" uma pessoa, mas de ajudá-la a crescer, em um caminho sempre maior de compreensão e integração de si, confiando na tendência individual para o crescimento, a saúde e a adaptação, considerados inatos à natureza humana.

Rogers ensina que: "Um aconselhamento eficaz consiste em uma relação flexível, mas bem estruturada, que permite ao sujeito atingir um grau de auto-compreensão tal que lhe possibilite tomar providências positivas à luz de sua nova orientação" (ROGERS, 1974, p. 123). Esclarece que a função do conselheiro é sempre mais assimilável, usando uma metáfora socrática, a de uma parteira que deve ajudar um processo de *per si* natural, mas, para o qual, uma ajuda é quase

sempre bem vinda e necessária. Diferentemente da psicologia, o foco do conselheiro não é o problema, o sintoma apresentado, mas o indivíduo: um conceito expresso sinteticamente pela definição, denominada como “abordagem centrada na pessoa”.

Amplia-se o campo de atuação do aconselhamento para a educação. Considerando a escola como instituição que objetiva a educação cultural e social do homem, o aconselhamento escolar se coloca como um convite à aprendizagem e ao aperfeiçoamento da habilidade de cada um na competência, nos encontros que se tornaram tensos, onde todas as partes envolvidas na questão conseguem construir um espaço de respeito e saem com uma solução satisfatória.

Reuven Feuerstein, comentado por Sanches (1992, p. 33 - 46) tem a concepção de que o principal fator para o sucesso da aprendizagem é o mediador, no caso, o professor, e a qualidade de sua mediação, entendendo o mediador como um indivíduo capaz de se relacionar qualitativamente com os seus alunos.

São critérios da mediação:

a) *Transcendência*: significa ir além das situações apresentadas, sendo capaz de generalização, ampliação e diversificação do sistema de necessidades do aluno.

b) *Significado*: o fato de atribuir um sentido a algo. Um senso ou faculdade de julgar, um bom senso na percepção da realidade, aquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação; ou mesmo um alvo, fim, propósito, a consciência das coisas; a própria razão, o discernimento. Une-se esse conceito ao de Frankl (1986), o qual afirma que o significado pode se entender como faculdade humana apta à captação de uma determinada classe ou grupo de significados, estabelecendo um contato intuitivo e imediato com a realidade, trazendo luz aos processos vitais.

c) *Modificabilidade*: possibilidade de encorajar o aluno a tomar consciência do seu potencial dinâmico, ou seja, de sua inteligência. Mediar é a arte de “intervir” no curso de pensamento do professor e do aluno, para compreender o processo de interação e relação que se manifesta em sua linguagem, seu raciocínio e suas motivações, fazendo-o refletir sobre suas dificuldades e, assim, levá-lo a se aproximar e a se apropriar mais e mais do conhecimento. É o que, na realidade, propõe o aconselhamento.

O aconselhamento é uma intervenção de forma planejada e orientada. Requer competência para observar, escutar, interpretar, responder e fazer

“boas perguntas” a partir do conhecimento do fato que está acontecendo no momento, das dúvidas e dos erros do sujeito. Requer, também, flexibilidade, abertura para considerar respostas inesperadas, compreensão de posturas inconseqüentes, sem perder o fio condutor, fazendo-se constantemente presente, ou seja, sabendo estar com o outro e não fugir do encontro.

Portanto, pode-se construir um programa que leva em consideração a aprendizagem das competências relacionais visando a um aprofundamento das qualidades relacionais, segundo Mosquera (1977, p. 127-134), que se mostram em um agir moral e ético. Para isso, é necessário:

1) Proporcionar o desenvolvimento, dentro da sala de aula, de um espaço e tempo no qual os alunos sejam capazes de uma interação aberta. Possam se permitir dizer, escutar: enfim, partilhar fatos e experiências de suas vidas e, com isso, construir espaços de respeito. E, assim, gerar processos de cooperação que estimulariam alunos a confiar, ajudar e compartilhar com os demais em trabalhos conjuntos, em construções de processos interativos em sala de aula, e também, para atingir o objetivo, podendo-se utilizar técnicas de escuta de suas histórias pessoais.

2) Contribuir para que os alunos possam desenvolver uma compreensão do que são os sentimentos, as capacidades pessoais e possibilidades humanas, e de aceitar os sentimentos com a finalidade de construírem a vida mais sadia, convivendo com a sua realidade interior.

3) Possibilitar aos alunos compartilharem seus sentimentos e serem conscientes de suas próprias qualidades e dificuldades, de maneira que possam expressar positivamente suas emoções: cultivar a expressão dos sentimentos, de todos eles, mas, de maneira especial, da raiva e frustração, de forma não agressiva e não destrutiva, com autocontrole.

4) Incentivar o desenvolvimento da autoconfiança em suas próprias habilidades, principalmente a habilidade da resolução de conflitos, aprimorando a competência de responder criativamente aos conflitos no contexto de uma comunidade escolar e especificamente de sala de aula.

5) Proporcionar espaços e tempos para que os alunos possam pensar em hipóteses, possibilidades e soluções criativas para os problemas e aprendam a prevenir e resolver seus conflitos. Através da comunicação, é possível auxiliá-los para que aprendam a observar cuidadosamente, a comunicar-se com

precisão e a escutar sensivelmente. Este processo pode ser desenvolvido através de técnicas de focalização, levando em consideração, principalmente, o apreço pela diversidade, ou seja, deve-se motivá-los a reconhecer e a respeitar as diferenças, a entender o preconceito e como ele funciona.

Percebem-se, nas escolas e faculdades, atitudes pouco saudáveis, com a ocorrência de situações de discriminação, chantagem afetiva, elitismo, autoritarismo, agressão e competição. Sabe-se que, de acordo com Franta (1986), em grupos mais interativos e responsáveis, encontra-se uma maior facilidade de comunicação, maior aceitação entre as partes, reconhecimento mútuo e estímulo ao crescimento de seus membros e, como consequência, a diminuição dos preconceitos.

O aconselhamento pode ser um exercício de desenvolvimento de competências relacionais, competências estas entendidas como habilidades para o crescimento da autonomia, um dos objetivos da educação para a vida, como ensina Perrenoud (2000, p. 11 - 21.) Existem competências fundamentais para a autonomia das pessoas. Enumera oito grandes categorias: saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades; saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo; saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica; saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança; saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático; saber gerenciar e superar conflitos; saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las; saber construir normas negociadas de convivência que superem diferenças culturais.

Esta noção atual de competências, apresentada por Perrenoud, está ancorada em duas constatações: a primeira é de que é possível ensiná-las, pois o mesmo compreende que aprender as competências faz parte de um processo de formação, um processo de criação. Em seqüência, busca-se aprofundar com os indivíduos a teoria e a prática dos conhecimentos necessários para o processo. Na verdade, pode-se construir um laboratório de competências e de aprimoramento de habilidades relacionais, processos estimulados por Heitler (2000) e Convey (1986) quando escrevem a respeito da possibilidade da construção de relações interpessoais mais “competentes”. É preciso trabalhá-las e treiná-las. Isso exige tempo, etapas didáticas e situações apropriadas. Na escola, não se trabalha

suficientemente as capacidades relacionais e nem se aprofunda as questões teóricas das competências fundamentais para se enfrentar a vida. Infelizmente, no ensino superior, não temos laboratórios de competências relacionais. Não se dá tanta importância a essa prática. O treinamento, então, é insuficiente. Os alunos acumulam saberes, passam nos exames, mas infelizmente, no dia-a-dia, não conseguem mobilizar o que aprenderam em situações reais.

Uma boa formação para o professor, como nos diz Danon (2000), no processo da pedagogia do aconselhamento, deve deixar o indivíduo em condições de crescer em três saberes, de modo que possa atuar em três frentes: saber, saber fazer e saber ser:

Saber: diz respeito ao conhecimento teórico, o quadro de referência no qual se insere o próprio agir. A pedagogia do aconselhamento se baseia na visão do homem, elaborada em fundamentos da psicologia humanista. Um bom conhecimento do paradigma de referência e da metodologia específica. Saber fazer é a prática. O gerenciamento das dinâmicas interpessoais, o servir de espelho numa relação pessoal, o acolhimento das emoções, a leitura da linguagem corporal, a percepção das projeções próprias e do aluno são habilidades que se desenvolvem quando se está em um grupo de formação ou mesmo em seminários que podem ser desenvolvidos durante os anos de graduação, por meio da simulação de sessões de aconselhamento e de muito exercício. Saber ser é o ponto mais delicado e diz respeito à capacidade do educador de “estar na relação”, e, portanto, de conhecer-se bem, antes de tudo. O trabalho interior pessoal deve ser integrante do percurso formativo para a profissão de professor, que deve desenvolver capacidades de introspecção e adquirir uma boa familiaridade com as problemáticas pessoais ainda não resolvidas. Todos os comportamentos, antes de serem utilizados com o aluno, devem ser experimentados consigo mesmo: escuta, empatia, aceitação e respeito. Depois disso, virá a experiência como tal, que transformará o estudante, com a sua bagagem técnica e as suas qualidades pessoais, em um profissional. (DANON, 2000, p. 70-71).

2.5 AS EMOÇÕES E OS SENTIMENTOS

De acordo com as recomendações de Damásio: para pensar...

Recomendações: para pensar bem e tomar decisões é importante manter a cabeça fria e afastar todos os sentimentos e emoções. Certo? Errado. Na verdade a ausência de sentimentos e emoções pode destruir a racionalidade (DAMÁSIO, 1998, contra capa).

Utilizando as mais recentes descobertas da neurologia, Damásio desafia os dualismos tradicionais do pensamento ocidental - mente e corpo, razão e sentimento, explicações biológicas e explicações culturais - para oferecer uma visão científica e integrada do ser humano.

Depois de estudar centenas de casos, Damásio (1998) abre as portas para a investigação de um campo quase inexplorado pela ciência, o das relações entre razão e sentimento, emoções e comportamento social, conhecimento e emoções, consciência e sabedoria. Afirma que sentimentos e emoções são uma percepção direta dos estados corporais e constituem um elo essencial entre o corpo e a consciência. Formam parte de um todo só. Não se excluem, mas são partes fundamentais um do outro.

Uma pessoa incapaz de sentir, que nega, esconde ou reprime seus sentimentos, pode até ter o conhecimento racional de alguma coisa, mas será incapaz de tomar decisões com base nessa racionalidade, vai ser incapaz de viver com equilíbrio e sabedoria; pois é necessário reconhecer a origem humilde do espírito, que se manifesta nos sentimentos, e, ao mesmo tempo, continuar a recorrer à sua orientação.

Com essas percepções, Damásio (1998) chega a outras conclusões: as pessoas emocionalmente insensíveis são doentes, incapazes de conhecerem a si mesmas e aos outros em profundidade. Acreditar na orientação das emoções e sentimentos é indispensável para que se tenha uma visão real da vida, o que é fundamental para construir relações na complexidade dos relacionamentos sociais que constroem a cultura; pois, são os sentimentos o fundamento da intersubjetividade (LEITE, 1999, p. 88).

A descrença na orientação das emoções e sentimentos pode levar a uma doença chamada psicopatia. O dicionário de psicologia (ARNOLD, 1982) define *Psicopatia* como distúrbio mental em que o enfermo apresenta comportamentos anti-sociais e amorais sem demonstração de arrependimento ou remorso, incapacidade para amar e se relacionar com outras pessoas com laços afetivos profundos, egocentrismo extremo e incapacidade de aprender com a experiência.

Muitas das características da personalidade dos psicopatas poderiam ser explicadas por déficits emocionais diz Damásio, (1998): “Por exemplo, eles têm pouca demonstração de afeto com os outros, se mostram insensíveis com os outros, são incapazes de amar, não conseguem se relacionar com equilíbrio, são

frios, calculistas e distantes; não se irritam com facilidade; não demonstram preocupações e, principalmente, não mostram remorso ou vergonha; são incapazes de sentir culpa quando eles abusam de outras pessoas; são duros ou injustos ou mesmo prejudicam outros indivíduos. Na verdade, não expressam sentimentos e não conseguem agir por princípios morais ou éticos. Assim, os psicopatas têm uma insuficiência em suas reações aos sentimentos ou a qualquer outro estímulo de emoção e esta seria a causa de sua insensibilidade e também de sua incapacidade de aprender pela experiência. Não aprendem a se relacionar por estarem longe de seus sentimentos e, como consequência, longe dos sentimentos de valor pessoal ou comunitário”.

A razão e a emoção não são processos separados e antagônicos em nosso cérebro, este foi o erro cometido pelo filósofo francês René Descartes, na visão de Damásio (1998), mas, formam uma interação biológica importante na construção de uma personalidade sadia. São inseparáveis. Indivíduos que são inteligentes e racionais se tornam monstros sociais quando eles não se permitem sentir, quando começam a se afastar de seus sentimentos, ou mesmo negá-los, que são as bases da moral, da vivência ética, dos sentimentos do que está certo ou errado, da empatia e simpatia. Sujeitos que negam os sentimentos, os reprimem, vão se tornando doentes; incapazes de construir relações construtivas na prática social, incapazes de criarem relações significativas.

Afirma Ivanise Leite que:

As emoções podem ser reprimidas; negadas, e essa regulação se consegue no processo de socialização e aprendizagem através da interiorização das formas de condutas admitidas e os modos de relações sociais que se estabelecem, o indivíduo aprende a conter suas lágrimas - homem não chora – e, em determinadas circunstâncias, a dissimular o seu medo. O indivíduo pode, em nome de determinadas exigências sociais representadas para ele como normas de conduta, regular em certa medida, suas reações emocionais (1999, p. 90).

Assim, através de um sistema eficiente de educação ou formação pode-se regular emoções. Na verdade, através de um processo educacional, o indivíduo pode se tornar sadio ou doente. Existem ambientes em que a doença é valorizada como se fosse algo sadio, trazendo consequências sérias a todos os que convivem fora daquele ambiente com esses indivíduos. Também existem outros

ambientes afetivos que são extremamente produtivos e, portanto, geradores de saúde.

Damásio (2000, p. 360) afirma que ter emoções e sentimentos é extraordinariamente valioso para a orquestração da sobrevivência, pois aqueles definem os estados mentais e dão cores à vida, alertam sobre situações das quais o indivíduo deve se proteger e se cuidar, demonstram relações danosas ou construtivas, como também considera Viscott (1982).

O estudo dos sentimentos é muito importante, pois os sentimentos são o nascedouro da consciência, na expressão de Damásio (2000). A consciência humana depende das emoções e sentimentos. Ela fundamenta-se nas emoções e sentimentos, como ele explica no livro “O Mistério da Consciência”.

Podemos falar em consciência e esta ser entendida como órgão do sentido, como nos ensina Frankl:

Quanto ao órgão do sentido, não órgão sensorial, que lhe transmite esse sentido, que por assim dizer o “fareja” no interior de uma determinada situação, quereria chamar-lhe consciência, a consciência pessoal é, pois, o órgão do sentido. Numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo e em última estância - e até diria, mais do que nunca - formar a consciência pessoal. É graças à minha consciência, à minha consciência atenta e bem formada, que eu me torno capaz de compreender o apelo ao sentido que cada situação me propõe; é graças a ela que me torno capaz de ouvir as questões que o dia-a-dia me formula, e é graças a ela que sou capaz de responder a essas questões empenhando a minha própria existência, assumindo uma responsabilidade (1998, p. 30-31).

A consciência se fundamenta nas emoções e sentimentos e por sua vez esses são alicerces da mente, como nos ensina Antonio Damásio (2004). Este afirma que os sentimentos e emoções são os alicerces que constituem a mente e estão localizados em todo organismo, em todo ser. A emoção e os sentimentos são irmãos gêmeos, mas a emoção nasce primeiro. A emoção precede o sentimento, pois, como afirma Slepj: São contínuos, não é fácil delimitar as suas fronteiras. E, no entanto costuma distinguir-se a emoção do sentimento pelas suas características de curta duração e maior intensidade, além de que as emoções sempre se apresentam primeiro (1998, p. 14).

A emoção diferencia-se do sentimento sendo uma reação afetiva imediata a um estímulo externo que pode provocar intensas alterações corpóreas. Pode-se chorar primeiro e, na seqüência, surge o sentimento, entende-se o que se sente. Sendo que por vezes chora-se por raiva, por vezes por alegria. Mas, o emocionar-se é precedente ao sentimento.

Os sentimentos são a expressão de florescimento, de vitalidade do ser humano, pondera Damásio. Falam do sofrimento humano, dor na alma, na mente e no corpo, e das alegrias e felicidades que tem. São revelações do estado da vida em nossa interioridade. Fecundam-se e entrelaçam-se dentro do organismo. Contam fatos da subjetividade, da pessoa, do ser. São expressões de uma luta contínua para atingir um estado de homeostase, para atingir a valorização necessária ao equilíbrio humano, reflexos de todos os minúsculos ajustamentos e correções sem os quais o espetáculo mental e espiritual não se mantém (DAMÁSIO, 2004). Revelam a grandeza de alma e a pequenez de espírito, explicitam opções de caráter e integridade, apontam valores e mediocridades (INGENIEROS, 1953).

É perfeitamente legítimo perguntar se a tentativa de elucidar os sentimentos tem qualquer espécie de valor além de satisfazer as nossas curiosidades? A minha resposta é afirmativa. A emoção está alinhada com o corpo e os sentimentos com a mente. Compreender a neurobiologia dos sentimentos é fundamental para que se possam formular princípios, métodos e leis capazes de reduzir o sofrimento humano e engrandecer o florescimento humano (DAMÁSIO, 2004, p. 15).

É necessário compreender os sentimentos, sua função e funcionamento para que se possam organizar programas de educação com a finalidade de auxiliar o ser humano a trabalhar as suas emoções e sentimentos. E, com isso, favorecer que o ser humano seja mais livre e dono de si mesmo, como nos ensina Heller:

Todo o sentimento é, em maior ou menor medida, expressão, mas toda expressão é, ao mesmo tempo, informação. A expressão do sentimento sempre é um signo que comporta algum significado. Não só devemos aprender a diferenciação da expressão de sentimento, mas também devemos aprender a significação. Não aprendemos isto por nós mesmos, mas no rosto, nos gestos, no tom de voz, nos tipos de reação, no comportamento dos outros... Precisamos adquirir a linguagem dos sentimentos (HELLER, 1982, p. 74-75, apud THUNS, 1999, p. 39).

Os organismos vivos, segundo Maturana (1997), em sua plasticidade, são dotados de uma capacidade de reagir emocionalmente a diferentes objetos e acontecimentos e, nessa reação, em um processo específico, se organizam e se vitalizam.

A reação à emoção, no sentido literal do termo, é seguida por um sentimento e a sensação de prazer ou dor é um componente necessário desse sentimento. Prazer e dor especificam e distinguem o sentimento, são processos de *Eros* ou *Thánatos*. Ou nos convidam à vida ou à paralisação. Portanto, são fundamentais para entendermos como funcionam a mente e o corpo.

A mente e o corpo não são atributos paralelos, de acordo com Damásio (2004, p. 21), são manifestações da mesma substância que constrói os corpos, a mente, as emoções, os sentimentos.

Para melhor compreensão do que são emoções e sentimentos, poder-se-ia afirmar, como Damásio, que “a parte pública do processo chama-se emoção e a parte privada, chama-se sentimento” (2004). As emoções são ações ou movimentos, na maior parte, explícitos, ocorrem no rosto, na voz ou no organismo todo e aparecem em um comportamento específico. Os sentimentos, em primeiro momento, são necessariamente invisíveis para o público, não conseguimos simplesmente olhar para alguém e saber o que sente. Os sentimentos não são anunciados externamente.

As emoções ocorrem no teatro do corpo, os sentimentos no teatro ou no palco da mente, como ensina Del Nero (1998). As emoções fazem parte do mecanismo de regulação da vida. Os sentimentos, em um nível bem mais alto, demonstram percepções interiores, mostram subjetividades, estão intimamente relacionados e levam a uma homeostasia, ou seja, um processo de regulação pelo qual um organismo mantém constante o seu equilíbrio.

Todos os organismos vivos nascem com dispositivos que solucionam automaticamente os problemas básicos da vida, que, conforme Damásio são: Encontrar fontes de energia; incorporar e transformar energia; manter, no interior do organismo, um equilíbrio químico compatível com a vida; substituir os sub-componentes que envelhecem e morrem de forma a manter a estrutura do organismo; e defender o organismo de processos de doença e de lesão física (2004, p. 37).

E, alguns desses dispositivos, são as emoções e os sentimentos. O processo fundamental desse mecanismo de equilíbrio chama-se homeostasia, sendo esta o conjunto de processos de regulação e, ao mesmo tempo, o resultante estado de vida bem regulado.

Houaiss define *homeostasia* como processo de regulação pelo qual o organismo mantém o estado de equilíbrio das diversas funções e composições químicas e biológicas do corpo. Freud afirmava ser o estado desejado pelo organismo. Segundo Damásio (2004, p. 40), “O equilíbrio do ser humano se manifesta através das emoções que são a fonte da regulação automática da vida: os sentimentos no sentido estrito do termo, da alegria à magoa, do medo ao orgulho, da vergonha à compaixão”. A homeostasia do organismo se revela, também, através da expressão dos sentimentos.

Cada sentimento realizando uma função específica dentro do organismo, sendo que cada um contribui à homeostase deste.

Ensina Damásio (1998, 2000, 2004) que todos estes dispositivos emocionais e sentimentais são garantidos pelo genoma no nascimento, com pouca ou nenhuma dependência da aprendizagem, embora a aprendizagem venha a desempenhar um papel importante, mesmo fundamental, na determinação das ocasiões em que esses dispositivos virão a ser usados.

Chorar ou soluçar já se manifestam no início da vida do indivíduo; logo que o indivíduo nasce, esses já se apresentam no organismo. Os porquês do choro ou de soluços dependem da experiência específica de cada pessoa, dos significados dados aos processos que a pessoa vive. Essas reações emocionais têm a mesma finalidade, regular a vida e promover a sobrevivência.

Mas esse equipamento regulador, diz Damásio, dispositivo biológico, homeostático, tem a função de produzir um estado melhor de bem-estar. Um organismo vivo está construído de forma a lutar contra toda e qualquer ameaça, pela manutenção da coerência das suas estruturas e funções. E as emoções e sentimentos fazem parte desse aparelho biológico na luta contra o desequilíbrio. Até mesmo os sentimentos, propriamente ditos, como o medo, a felicidade, a tristeza, a simpatia e a vergonha – visam à regulação da vida, direta ou indiretamente. Têm sempre um papel adaptativo, e são fundamentais no equilíbrio do indivíduo.

É evidente que a raiva e o medo salvaram e salvam numerosas vidas, levam à sobrevivência direta e automaticamente e continuam a desempenhar um

papel valioso no desenvolvimento do ser humano, assim como todas as outras emoções e sentimentos. Todos, sem exceção, como o ciúme, a tristeza, a mágoa, a inveja e outros. Damásio afirma que “Compreender a biologia das emoções e o fato de que o valor das diferentes emoções depende das circunstâncias atuais oferece oportunidades novas para a compreensão moderna do comportamento humano” (2004, p. 48).

Pode-se compreender, através da educação, que certas emoções são más companheiras e procuram-se modos de suprimir ou reduzir as conseqüências desses maus conselhos. Nesse processo, aparecem as reações que levam a preconceitos raciais e culturais que se baseiam em emoções sociais cujo valor evolucionário reside em detectar diferenças em outros indivíduos que não são do grupo e podem trazer fatores de risco.

Mas, hoje, essas atitudes não se justificam, pois, à medida que a sociedade se desenvolveu, o homem teve de aprender a conviver com outros homens diferentes de si mesmo e de seu grupo. Atualmente, com a compreensão maior do ser humano, sabemos que todos são iguais e têm os mesmos direitos e deveres.

Como se pode compreender melhor as emoções? Conforme Damásio são três as categorias de emoções: Emoções de fundo, Emoções primárias e Emoções sociais.

As Emoções de fundo são percebidas por manifestações sutis como o perfil dos movimentos dos membros ou do corpo inteiro, força, precisão, freqüência e amplitude. Quanto à linguagem não são propriamente as palavras ou seu significado, mas sim a música da voz, as cadências do discurso, a prosódia. Ex. perceber o entusiasmo ou a energia de alguém. Perceber o mal-estar ou ansiedade de seus amigos. Emoções primárias ou básicas: é o medo; a raiva; o nojo; a surpresa; a tristeza e a felicidade. As emoções sociais incluem a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração, o espanto, a indignação e o desprezo. Não é exclusividade do ser humano. É um dom que faz parte da lista dos dispositivos inatos da regulação automática da vida (DAMÁSIO 2004, p. 51).

Todas essas emoções e sentimentos têm a ver, direta ou indiretamente, com a saúde do organismo, com o equilíbrio e bem-estar que se sente, sem nenhuma exceção. Entende-se que os seres humanos podem, em

situações difíceis, ter reações automáticas que os protegem e defendem, das quais não têm claramente consciência. Essas reações automáticas que ocorrem em nosso interior, de acordo com Damásio (2000), criam no organismo humano condições representadas como agradáveis ou dolorosas e finalmente feitas conscientes. São os sentimentos que tornam o indivíduo consciente desses processos interiores.

É nessa capacidade de criar condições eróticas ou traumáticas que têm origem a glória e a desgraça humanas. Pois, quando eróticas, apontam para sentimentos de alegria, paz e transcendência. Quando traumáticas, mostram e demonstram continuamente dores. Sendo dores, podem ter a sua superação em um processo que implica em que, no tornar-se consciente, no esforço livre, no processo educacional, os seres humanos podem, conscientes da relação entre objetivos e certas emoções, esforçar-se de livre e espontânea vontade, para controlar certas emoções. É aqui que, sem dúvida, é fundamental o processo da educação. As emoções podem ser controladas e colocadas a serviço do organismo. Quando olhados e aceitos, os sentimentos podem nos auxiliar a superar as dificuldades da vida.

É através da reflexão e dos processos de educação que se pode esclarecer e decidir quais objetos e situações podem ou não fazer parte dos ambientes. Quais estímulos auxiliarão? E em quais objetos e ambientes se quer investir? Onde atuar como mediadores no processo de escolha?

Não é, portanto, verdade que as reações regulatórias do organismo, incluindo as emoções e sentimentos propriamente ditos, sejam fatais e inevitavelmente estereotipados. Não é verdade que, diante do fato A ou B, tem-se sempre as mesmas reações. Algumas o são e devem ser, como, por exemplo, a que regula a função cardíaca ou a que estimula a fuga do perigo. Mas outras, como o preconceito racial, social e cultural, podem e devem ser elaboradas pela educação.

O preconceito sexual, por exemplo, é fruto de um processo de transmissão cultural sujeita às alterações educacionais. Um homossexual tem os mesmos deveres de um heterossexual, uma mulher, os mesmos direitos de um homem.

Existem outros processos que podem causar nojo ou asco em alguns indivíduos e que são frutos de crenças ou costumes: um oriental pode se alimentar de roedores ou mesmo de cobras, ao passo que um curitibano teria

dificuldades não só pelo paladar, mas pelo processo de educação ou transmissão cultural.

Damáσιο explica que biologicamente:

uma emoção propriamente dita é uma coleção de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto. As respostas são produzidas quando o cérebro normal detecta um estímulo-emocional-competente (um EEC), o objeto ou acontecimento cuja presença real ou lembrada desencadeia a emoção. As respostas são automáticas. O cérebro está preparado pela evolução para responder a certos EEC com repertórios de ação específicos. Mas a lista dos EEC não se limita àqueles que foram prescritos pela evolução. Inclui muitos outros adquiridos pela experiência individual (2004, p. 60).

Muitas respostas emocionais e sentimentos são aprendidos cultural ou socialmente, ensina Leite (1999). Portanto, é fundamental a educação dos sentimentos que trarão atitudes mais sadias aprendidas através das experiências iluminadas pela transmissão cultural ou pelos processos educacionais sistematizados.

O resultado imediato dessas respostas emocionais é uma alteração temporária do estado do corpo e do estado das estruturas cerebrais e mesmo do processo comportamental do indivíduo. São respostas emocionais que mapeiam o corpo e sustentam o pensamento, alimentam as crenças da mente, trazendo-lhe sentimentos positivos ou negativos (VISCOTT, 1982). Portanto, certas crenças e fantasias passíveis de serem alteradas pelo processo educacional podem destruir o indivíduo ou libertá-lo. O resultado final das respostas emocionais é a colocação do organismo, direta ou indiretamente, em circunstâncias que levam à sobrevivência e ao bem-estar, ou, ao contrário, o levam a um estado de *stress* e crise.

Existe uma avaliação emocional de todas as situações que o indivíduo vive. As emoções são um meio natural de julgar e avaliar o ambiente em que se vive e o fazem através da consciência, e os sentimentos podem ensinar a reagir de forma adaptativa. São as emoções e sentimentos que indicam o agir em circunstâncias diferentes. É necessário reconhecer que apreciar e responder a uma situação automaticamente com as emoções e sentimentos é um sucesso da biologia e não é, de forma nenhuma, menos notável que a análise crítica e consciente de uma situação (MATURANA, 1997).

Quando se desenvolve até a idade adulta, superando os processos da infância e adolescência, pode-se compreender que nenhum fato ou situação mantém qualquer inocência emocional. Entende-se que os fatos maiores da vida estão carregados de forte carga emocional. Não se imagina mais objetos emocionalmente neutros. A emoção é a regra. Percebe-se que a vontade está sujeita às emoções, que o desejo, muitas vezes, é o mais forte elemento da motivação humana. Existe toda uma aprendizagem emocional que sustenta o indivíduo em sua autopreservação.

Aprofundando essa noção de que a vontade está sujeita às emoções, nos chama atenção o que Damásio relata acerca do filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677), que tinha uma definição de *CONATUS*, que hoje ainda é válida e comprovada cientificamente e, por isso, utilizada por Damásio:

Conatus: a noção de que todos os seres vivos se esforçam necessariamente para preservar a si mesmos, sem que tenham consciência da empresa a que se dedicam e sem terem decidido dedicar-se a essa empresa. Quando as conseqüências dessa sabedoria natural são mapeadas no cérebro, o resultado é o sentimento. Os sentimentos orientam os esforços conscientes e deliberados da autoconservação e ajudam-nos a fazer escolhas que dizem respeito à maneira a como a autopreservação deve se realizar. Os sentimentos abrem uma nova possibilidade: o controle voluntário daquilo que até então era automático (2004, p. 65).

Percebe-se que a autoconservação e a autopreservação do ser humano estão conectadas diretamente com os sentimentos e mostram como interagimos e trabalhamos com eles. Podem ser aperfeiçoadas por todos em seus significados, através da educação.

A evolução construiu, em primeiro lugar, os mecanismos para a produção de reações a objetos e circunstâncias – a estrutura da emoção. Construiu depois os mecanismos para a produção de mapas cerebrais que representam essas reações e os seus resultados – a estrutura do sentimento.

Para melhor entender a diferença entre as emoções e os sentimentos, afirma-se que a emoção dá ao organismo a capacidade de responder com eficácia, mas de modo pouco original, a várias circunstâncias que promovem ou ameaçam a vida; circunstâncias boas ou más para a vida. Os sentimentos introduzem um alerta mental para as boas e más circunstâncias e permitem prolongar o impacto das emoções ao afetar a atenção e a memória de maneira

duradora, mas são eles que, junto à consciência, constantemente apontam caminhos e possibilidades de se viver intensamente.

Numa combinação frutífera de memória do passado, imaginação e raciocínio, os sentimentos levaram à emergência da capacidade de antevisão e previsão de problemas e à possibilidade de criar situações novas e não estereotipadas.

Os sentimentos são os instrumentos dos quais o sujeito (DEL PINO, 2004, p. 20) dispõe para relacionar-se social, emocional e afetivamente. Esses vinculam o indivíduo eficaz e interessadamente com o mundo exterior, mediante um laço afetivo, auxiliam a organização da hierarquia interna dos valores, sendo esta organização singular e exclusiva a cada indivíduo. Os sentimentos auxiliam no relacionamento do sujeito com ele mesmo e com o mundo que o rodeia e, quando fundamentados na consciência crítica, apontam às questões ecológicas e de sobrevivência do homem. Traduzem o estado da vida na linguagem do espírito, sendo essa uma linguagem de certo estado do corpo, acompanhado pela consciência de pensamentos com certos temas e pelo senso de certo modo de pensar, que fala da interioridade e subjetividade.

Quando se tem a experiência de um sentimento positivo, como a alegria, a paz e a espiritualidade, a mente representa, além do bem-estar, o bem-pensar. Essa revela um estado de homeostasia, pois o organismo funciona harmoniosamente, é o que afirmam o espírito e a alma na linguagem de Hollis (2000) e a capacidade de pensar do sujeito está assim enriquecida. Somos mais racionais, objetivos e inteligentes quando abertos ao espírito, pois assim podemos perceber a realidade de maneira holística, como nos diz Milton Bonder (2001).

Por outro lado, sentir tristeza não diz respeito apenas ao mal-estar. É um alerta da alma de que se está perdendo a direção, um grito do espírito de que se confundiu o caminho e manifesta-se a situação de que o indivíduo está perdendo. Diz respeito, também, a um modo ineficiente de pensar, demonstra que estamos com a atenção toda concentrada somente em nossas perdas. Ratifica também a necessidade de entendermos esta linguagem e revela que nos afastamos de processos que são fundamentais para a vida e o equilíbrio pessoal.

Os sentimentos são percepções interiores, expressam a subjetividade do sujeito e explicitam processos interiores. Perceber e dialogar com sentimentos é abrir as possibilidades de conversar com experiências mais profundas

de amor e afetividade, de defesa e de fracassos, de reconciliação com as vergonhas e as fraquezas.

Uma entidade capaz de sentir necessita ter não só um corpo, mas, também, meios de representar esse corpo dentro de si mesmo. O indivíduo não é capaz de sentir se não tiver consciência de si mesmo. Por outro lado, ao mesmo tempo, os sentimentos fazem parte do processo que dá origem à consciência.

Mas, para que servem as emoções e os sentimentos? Na raiz mais profunda das emoções e dos sentimentos tem-se o prazer e a dor como fundamentos dos processos emocionais, diz Damásio. É o prazer que fundamenta a alegria, paz, amor e são chamados de sentimentos positivos. Esses são um indicativo do equilíbrio do organismo, pois trazem a consciência de que o organismo está em equilíbrio, de que a vida está correndo em um fluxo contínuo de paz e homeostase, e que o *stress* está sob controle. Afirma Spinoza que “A alegria está associada a uma transição do organismo a um maior estado de perfeição”.

Os sentimentos apontam que está havendo uma coordenação fisiológica ótima, um equilíbrio da mente e do corpo, um fluxo desimpedido das operações da vida, afirma Damásio. Conduzem não só a sobrevivência, mas a sobrevivência com bem-estar. Os sentimentos conduzem e dirigem o sujeito em direção a um objeto, dão uma seleção e ordenação pessoal da realidade. De acordo com Spinoza, a razão do sujeito torna-o um, mostra a fragilidade e a semelhança, mas são os sentimentos que o distingue dos outros, pois facilitam ao indivíduo ser ele mesmo e seguir os significados vitais e sentidos fundamentais da vida, os princípios valorativos e éticos a que se propõe.

São as emoções e os sentimentos que trazem uma maior facilidade na capacidade de agir do ser humano. O indivíduo, consciente e proativo, está mais perto da percepção de seus sentimentos, possui maior harmonia funcional e, como consequência, tem o poder e a liberdade de ação ampliados. Mas, é fundamental entender que quando os indivíduos estão sob o efeito de drogas, composições químicas que alteram os estados do organismo, os sentimentos não vão refletir seu estado real, não vão falar da verdade da alma, pois a alegria criada quimicamente não altera o estado interior de percepção da realidade do organismo e vai haver uma confusão na consciência, mesmo que o indivíduo viva um momento de intenso prazer.

Em contraposição ao prazer tem-se a dor, que tem suas representações na emoção de angústia e nos sentimentos de medo, culpa e desespero. Os mapas relacionados com estas emoções, tanto no sentido estreito como amplo da palavra, estão associados a estados de desequilíbrio funcional, com isso a facilidade da ação se reduz (Damásio, 2004). Como conseqüência, nota-se a presença da dor, de sinais de doença ou de desacordos fisiológicos, que indicam uma coordenação diminuída das funções vitais. Se a mágoa, a tristeza, etc. não forem corrigidas, segue-se a doença e a morte, pois sabe-se, hoje, que a tristeza profunda, prolongada, depressiva, pode enlutar e levar à morte. A mágoa e a tristeza refletem estados reais do organismo e a raiva bem dirigida desencoraja o abuso, servindo como defesa. No entanto, a tristeza nos é útil para indicar que estamos perdendo algo significativo ou importante. Mas, quando invadida pela tristeza, a pessoa é separada de seu *conatus*, ou seja, sua tendência à autopreservação. Pode-se dizer, ainda, de acordo com Frankl (1986), que se a tristeza é persistente leva à perda do sentido. Nesse momento, pode ser importante ao indivíduo saber distinguir entre a dor e o sofrimento. A dor tem a função específica de alertar que se deve fazer algo urgente na proteção do sujeito e de seu organismo. A dor, vista pela biologia, conforme o dicionário de psicologia (ARNOLD, 1982), é uma sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e é classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e caráter.

O sentimento da dor ou o sofrimento interior é um indicativo diferente, demonstra outras realidades, as quais transcendem o sentido da dor física ou biológica e tem um sentido, conforme Frankl (1985, p. 119) que mostra o caminho, cria um desequilíbrio com a finalidade de provocar crescimento, ou seja, expõe provocações interiores que contribuem para que se possa superar as contradições da vida.

Diz Hollis: Sem o sofrimento, que parece o requisito epifenomenal para o amadurecimento psicológico e espiritual, permaneceríamos inconscientes, infantis e dependentes. No entanto, muitos dos nossos vícios, apegos ideológicos e neuroses são maneiras de fugir ao sofrimento (1998, p. 10).

A dor biológica, após cumprimento de sua função, deve, na seqüência, ser analisada, atenuada e extinta. No sofrimento inevitável da vida, nos casos de culpa ou de morte, no sofrimento vital, não se deve mexer. É aí nesse

pantanal da alma, segundo Hollis (1999), que o próprio indivíduo tem de buscar um sentido, pois o sofrimento traz em si algo que o leva ao processo de integração do Eu. O sofrimento tem um sentido que transcende a si mesmo. De acordo com Frankl (1986, p. 68), “Se é que a vida tem sentido também o sofrimento necessariamente o terá. Será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor? Pois, caso contrário, afinal de contas, não faz sentido sobreviver ao campo de concentração”. Sempre, e em toda a parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar a sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores. Não que o sofrimento seja necessário na vida do indivíduo. Não o é. Mas, quando chega à vida, tem um sentido ou significado. Para Frankl, existe um enfoque biológico que explica essa questão:

A consciência é um fator estimulador que nos indica a direção em determinadas situações da vida. As situações são mediadas e avaliadas à luz de um critério e uma hierarquia de valores. Esses valores não são escolhidos e adotados por nós em um nível consciente. Constituem algo que nós somos biologicamente. Eles se cristalizaram no curso da evolução de nossa espécie, estão fundamentados em nosso passado biológico. A autocompreensão axiológica, pré-reflexiva, está ancorada em nossa herança biológica. Existem alguns sentimentos que têm um sentido especial que são os sentimentos de sofrimento e da culpa. Sentido seria tomar a consciência de uma possibilidade contra o pano de fundo da realidade, ou para expressá-lo de modo mais simples, perceber o que pode ser feito em determinada situação (1986, p. 124).

E os sentimentos da culpa e do sofrimento são as indicações da possibilidade de assumir a responsabilidade da vida. Chamam a pessoa para assumir a liberdade e a responsabilidade de seus atos.

Diante de muito sofrimento e dor psíquica existem evidências de que o indivíduo tem uma expressiva tendência para a vivência do próprio íntimo. Segundo Frankl:

pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa no campo de concentração de forma sem dúvida dolorosa, esta não obstante terá para elas efeitos menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois estas se refugiam num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Esta é a única explicação para o paradoxo, de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num

campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta (1986, p. 42).

Damásio, com outras palavras, ratifica o mesmo conteúdo:

Os sentimentos são os sensores mentais do interior do organismo, as testemunhas do estado da vida. São sentinelas que nos revelam o estado de vida no organismo. São as manifestações mentais do equilíbrio e da harmonia, da desarmonia ou do desacordo. Não necessariamente da desarmonia ou harmonia do externo do indivíduo embora seja evidente que também o façam. Mas as do interior do corpo. Os sentimentos são testemunhas do nível mais recôndito da vida. Prevaleram como fenômenos importantes dos seres vivos porque são capazes de dar testemunho sobre a vida à medida que ocorrem na mente (2004, p. 149).

As emoções e os sentimentos desempenham um papel decisivo no comportamento social do indivíduo. Possibilitam o fluxo de energia. Ajudam-no a construir relacionamentos, a dirigir-se em direção ao outro, a se abrir à construção de relações. Possibilitam que se acredite que o outro é confiável.

Os principais benefícios aparecem no campo da decisão, pois os sentimentos atuam diretamente na capacidade de planejar atividades e no equilíbrio da convivência humana. O relacionamento social está diretamente ligado à área emocional: empatia e simpatia, divergindo da apatia, são sentimentos que podem fazer toda a diferença em convivências onde se exige respeito e complementaridade. Segundo Damásio,

Durante anos pensou-se que má decisão, a decisão mal feita, devia-se à questão do pouco conhecimento ou mesmo de um conhecimento defasado, mas sabemos hoje que a raiz dos maus procedimentos é emocional. O processo emocional nos aponta antes da razão se uma decisão nossa possa estar errada ou certa. Não substitui a razão, mas aumenta a eficiência do raciocínio (2004, p. 153).

Muitas vezes, a pessoa intui a decisão sem se dar conta dos raciocínios, utilizando as emoções e sentimentos. Knapp e Palmieri (2004) afirmam que as emoções e sentimentos são fundamentais para a tomada de decisões e na construção da identidade do indivíduo.

Damásio (1998, 2000, 2004), Bissi (2003), Viscott (1982), Thums (1999), Arnold (1970), Pino (2001), Binswanger (1977) e Hollis (1998) relatam sobre alguns sentimentos e suas funções específicas dentro do organismo:

Sentimentos de perturbação ou vergonha têm a função de identificação de um problema no comportamento individual ou no corpo do próprio indivíduo. Avisa o indivíduo de que ele está com a auto-estima baixa. Traz conseqüências para o indivíduo, pois pede que ele se posicione e evite punição imposta por terceiros; requer um re-equilíbrio do próprio indivíduo, do outro ou do grupo; avisa-o de que deve tentar se tornar mais atento às expectativas sociais. A culpa tem a função de avisar que dentro do organismo existe muita raiva, que impede a convivência e faz com que o indivíduo recuse ofertas de ajuda e de amizade. Esse sentimento avisa que o sujeito está reforçando o lado negativo da realidade, pois mostra a ele que, vez ou outra, verdadeiramente, magoou outras pessoas. Logo, revela que ele é responsável pelo tipo de relacionamento que mantém e que a qualidade da relação depende muitas vezes dele.

A culpa só se torna um problema quando não é compreendida e a raiz desse sentimento de culpa está na crença de que é errado errar, que não se pode errar, e que se deve ser castigado pelas faltas cometidas. Crença de que para cada erro deve corresponder necessariamente um castigo. Seria saudável aprender a assumir o erro, aceitar que errou, ao invés de ficar se lamentando, como se não houvesse soluções para a realidade que vivemos. É preciso assumir com responsabilidade as conseqüências de seus atos. A culpa é ainda um indicativo de que não se conseguiu trabalhar e elaborar as raivas, de que ainda não se assumiu as responsabilidades quanto àquela situação específica. Viscott (1982, p.11) afirma que os sentimentos são nosso sexto sentido, o sentido que interpreta, dirige e organiza os outros... Levam os sujeitos à ação.

A vergonha está ligada diretamente à questão da auto-estima. Faz o indivíduo sentir humilhação; é um sentimento penoso causado pela inferioridade, indecência ou indignidade, causado por medo do ridículo e do julgamento dos outros; tem como conseqüências a timidez. Vergonha é a crença, em longo prazo, de que você é ruim ou fez algo de prejudicial, afirma Viscott. Num plano mais amplo e profundo, é um sentimento que leva a um relacionamento sadio e é conhecido como “pudor” que parte do valor da própria pessoa e do respeito ao outro, do desejo de não invadir a privacidade do outro e por isso capaz de cumplicidade. É proteção do corpo e da interioridade. É o sentimento que me diz que a pessoa necessita resgatar sua auto-estima, acreditar mais em si mesma. Avisa que é necessária uma atenção à responsabilidade pessoal.

A mágoa, junto com a culpa, expressa a autocompreensão, pois demonstra a perda que se está sofrendo. É um desgosto recolhido cujas marcas transparecem no semblante, nas palavras; sentimento de pesar, a culpa é Má + agora, um lugar público sem relacionamento. Magoado se permanece fora da praça pública, do lugar onde acontece a vida. A mágoa dá a sensação ao sujeito de estar perdendo alguma coisa e o deixa amado, “prá baixo”, este não consegue sentir prazer e nem dar prazer a alguém. A mágoa o tira da relação, do espaço público. Quando magoado, o indivíduo vai para o seu canto, se retira da relação. É sempre um indicativo de tempo presente. É no aqui e agora que está perdendo.

Para se dar prazer a alguém é necessário sermos abertos. Mas, receber prazer também requer abertura. Só pode dar prazer quem aceita correr o risco de ser magoado, porque dar prazer ao outro significa se relacionar, estar de novo na praça pública. Nós somos seres constantemente em relação e quanto mais vínculos se formam, maiores as possibilidades de acontecer a mágoa. Quem é imune à mágoa é imune à alegria. Fecha-se ao *Eros*, princípio de vida. A mágoa não expressa torna-se ainda mais forte e machuca interiormente. E desta mágoa não expressa, não dita, brota a desconfiança. Quando não se diz o que se sente em um relacionamento, em um grupo, numa comunidade, cria-se um relacionamento mal-dito, em um grupo mal-dito, ou em uma comunidade mal-dita. E com isso sofremos muito. Mas, quando podemos dizer as coisas que estão dentro de nós, estamos numa comunidade bem-dita. Mal-dita é uma palavra que foi expressa de forma incorreta. Palavras distorcidas, que não revelam o real. A palavra se torna bem-dita quando conseguimos expressar de forma correta a verdade que somos e sentimos.

O ciúme e a inveja contam da relação do sujeito consigo mesmo e da percepção do outro. O ciúme é um sentimento autocentrado. Tem como função primeira garantir a possibilidade de relações estáveis. Mostra-se como processo indicativo de que se valoriza a relação. Também é um forte indicativo de que o outro não é meu. Quando quero me apossar do outro, o ciúme me diz que ele não é meu. Eu fico em dúvida no meu relacionamento com o outro, porque eu penso que o outro é meu. O ciúme me faz invadir o espaço do outro. O ciumento controla tudo do outro. Torna a vida dos outros, literalmente, um inferno, porque ele pensa que a vida do outro é dele! E não é. E quanto mais ciúme, mais controladora a pessoa é. E ela não se dá conta de que os outros não lhe pertencem. E o ciumento usa todas as linguagens para se justificar. A vida é da vida. Ninguém é propriedade de outro

indivíduo. Ciúme é o indicativo de um medo de perder e perder o que não lhe pertence. É um sentimento de defesa de objetos de posse. É um indicativo de falha na auto-estima. O ciúme diferencia-se muito do sentimento de zelo, que é uma expressão de cuidado, desvelo, afeto ardente por alguém, sem sentimento de posse.

Na medida em que eu aceito os meus sentimentos, vou me tornando mais inteiro e vou liberando de forma equilibrada os meus afetos. Os sentimentos têm função saudável no nosso organismo. A inveja é a vivência de um sentimento interior sob a forma de frustração, de tristeza, de mal estar, de acanhamento por nos sentirmos menores que alguém, por nos sentirmos menos que o outro, por não possuímos o que o outro possui, por não sermos o que o outro é. É um desequilíbrio íntimo, oriundo de um sentimento de inferioridade, fruto da comparação que fizemos entre nós e o outro em algum aspecto específico, ou nas posses materiais: na casa, no carro, na roupa, no dinheiro; ou nas suas qualidades: psicológicas, morais, físicas, sociais ou espirituais. A inveja aponta a possibilidade de compreensão de processos comparativos ou de posse entre as pessoas.

A *inveja* não aparece tão claramente assim como o ciúme. A inveja fala de comparação. Nós nos comparamos com alguém. Sentimo-nos inferiores a ele e ficamos frustrados. O processo do ressentimento que se interliga com a inveja é muito mais sutil que o ciúme, é encoberto. A inveja também expressa a auto-comparação. Há uma grande diferença entre a comparação com os outros e a comparação conosco mesmos. Na auto-comparação, fortalecemos o nosso eu, o nosso centro, o nosso ponto de equilíbrio. Passamos a nos dirigir de dentro, da função do que realmente somos e não em função do que os outros esperam de nós. Nós passamos a ser o nosso único ponto fundamental de referência. Passamos a ser donos da nossa própria vida, pois, quando nos comparamos, os outros são o nosso padrão, a nossa referência, saímos fora do nosso eixo, somos dirigidos de fora.

O sentimento da *dúvida* e o da *solidão* são de estruturação e aprofundamento do indivíduo. Considerando que o movimento fundamental do organismo é atingir o estado de homeostase, prioridade máxima do organismo, a dúvida aparentemente nos deixa sem rumo, como se desequilibrasse o indivíduo. A dúvida aparentemente acaba com as seguranças do sujeito. Admitir e aceitar a dúvida, que é a precursora de todo crescimento, sem ser dominado e paralisado por ela, não é uma tarefa fácil, mas fundamentalmente necessária, pois a dúvida é o

combustível necessário para a transformação e mudança, e, por conseguinte, para o crescimento.

O organismo humano entendido como mente e alma, em busca de equilíbrio, nos intima, distanciando-se bastante dos desejos e dos instintos, a renunciarmos ao que parecia claro, ao que nos protegia, e, por conseguinte, ao que agora nos faz ficarmos atolados na impossibilidade de tomarmos o fluxo vital. O que nos inquieta, na verdade, não é a dúvida; o que nos questiona é a ambigüidade ao lidar com as possibilidades de mudança. Para que haja transformação na vida, é necessário que o sujeito enfrente o risco da dúvida. Supere as armadilhas do desconhecido, se abra às mudanças e enfrente a vida.

A *dúvida* no organismo é extremamente necessária para o questionamento de falsas crenças e credos. Quer sejam nossas crenças que precisem sofrer a dúvida, a fim de se desenvolverem, ou nossas certezas a respeito de nós mesmos que precisem ser despedaçadas, a dúvida é a força motriz da mudança e da renovação. O permanecer na fantasia infantiliza o indivíduo, dá-lhe a sensação de que o barulho e as ações incoseqüentes são os fundamentos da realidade. A dúvida o faz voltar ao real. É o sentimento de dúvida que pode auxiliar a redução das fantasias que nos dificultam crescer em consciência. A dúvida provoca a racionalidade. Na expressão de Hollis, é a dúvida que nos faz crescer:

Quem já não se sentiu incapaz de enfrentar as exigências da vida, e desejou se libertar? Quem já não viu o que é familiar fugir e se sentiu jogado para trás em seus próprios insuficientes recursos? Em cada um desses estados pantanosos existe uma tarefa evolutiva... De modo que temos de perguntar que tarefa está implícita em cada um desses lugares sombrios... Em cada caso somos desafiados a crescer, a empreender a jornada com uma maior consciência. Embora essa expansão seja amiúde aterrorizante, ela é também libertadora, e traz dignidade e significado à nossa vida (HOLLIS, 1998, p. 71).

As maiores crenças que o ser humano é obrigado a abandonar na maturidade da vida são a de que somos imortais, que não vamos morrer nunca e que fora de nós mesmos, em algum lugar, existe alguém que poderá nos proteger e cuidar em todos os nossos momentos de dores. A fantasia de que alguma coisa, fora de nós mesmos, poderá nos salvar do isolamento existencial, como nos ensina Hollis (1998) e Becker (1975).

O sentimento de *solidão* é uma necessidade do sujeito e condição da vida humana, uma experiência do ser humano que possibilita ao indivíduo sustentar, estender e aprofundar sua qualidade humana. É o sentimento da solidão, o sentir-se só, que convida o sujeito a entender os seus processos relacionais. O estar consigo mesmo é necessário ao equilíbrio do ser, pois os esforços no sentido de superar ou fugir da experiência existencial da solidão só podem resultar na auto-alienação. A superação de si mesmo no desenvolvimento da consciência crítica depende de reflexões em silêncio. O espaço privilegiado da racionalidade se faz no silêncio. “Quando o homem consegue com sucesso evitar e negar a terrível solidão da existência individual, ele se fecha para um caminho fundamental do seu crescimento pessoal, pois, de acordo com Hollis: Se conseguirmos suportar a ansiedade da solidão, novos horizontes se abrirão para nós e finalmente aprenderemos a existir independentemente dos outros”. (1998, p. 86).

Quanto mais nos colamos, nos grudamos com os outros, copiamos os outros, menos diferenciados, menos individuados nós somos. A sabedoria surge através da aceitação e assimilação do sofrimento, que vem através da diferenciação ou individuação, muitas vezes, só conosco mesmos. O estar só pode trazer sofrimento, mas este, quando assimilado, expande a personalidade, confere amplitude à alma. Nós não escolhemos os sentimentos, eles são análises autônomas e qualitativas de nossa vida. Podemos apenas escolher tornar conscientes esses sentimentos e depois decidir se vamos ou não agir de acordo com eles.

A *ansiedade, o medo e a raiva* formam a trilogia dos sentimentos de defesa do organismo. (Viscott, 1982): Por definição, ansiedade é o medo de ser magoado ou de perder alguma coisa. É um impulso que nos auxilia a tomar determinadas decisões importantes para a sobrevivência, isto é, nos prepara para uma resposta de fuga ou de enfrentamento de um perigo real. A ansiedade é uma resposta adaptativa do ser humano frente a situações ameaçadoras, preparando o indivíduo para evitar a ameaça ou atenuar suas conseqüências: por exemplo antes de uma prova, o indivíduo estuda mais, pois sente uma ameaça de punição e com isso evita as conseqüências possíveis, uma má atuação.

A ansiedade está ligada a um perigo interno: sentimentos ou necessidades que suscitam expectativa de perder o amor, o afeto ou de aprovação ou punição. Isso tudo exige uma vigilância e uma atenção de antecipação. Pondera

Viscott. Toda a vivência de um valor provoca ansiedade. Quanto mais a pessoa é capaz de suportar a ansiedade, melhor será capaz de viver os valores. Por isso, a ansiedade exerce uma função de crescimento desde a infância, pois nos alerta e nos deixa prontos para enfrentar os desafios.

De maneira geral, todos os sentimentos, particularmente o medo, têm uma finalidade importante. No caso do medo, é um alerta para que nos defendamos, há um perigo, uma ameaça, é preciso defender-se. Por isso, o medo nos protege. Se, deliberadamente, o ignoramos, estamos nos colocando em situação de perigo. Quando o medo nos avisa de que há perigo, ele está resumindo todas as informações que os cinco sentidos estão recebendo, ou que a intuição está percebendo.

O *medo* chama a nossa atenção para uma possível ameaça ao nosso bem-estar. A ansiedade é um sinal de alerta, que serve para avisar sobre um perigo iminente e possibilita a tomada de medidas para enfrentar a ameaça. O medo é um sinal de alerta similar. O medo tem um objeto concreto na realidade, como quando expõe a ameaça de um animal furioso. A ansiedade, na maior parte das vezes, não tem um objeto concreto exterior, posso sentir ansiedade por fantasias geradas em minha mente. O medo distingue-se da ansiedade por ser uma resposta a uma ameaça conhecida, externa, definida, ou de origem não conflituosa. Já a ansiedade é uma resposta a uma ameaça desconhecida, interna, vaga ou de origem conflituosa.

Definimos *raiva* como um sentimento que se caracteriza por fortes expressões de contrariedade, as quais são acionadas por ofensas reais ou imaginárias (VISCOTT, 1982). As pessoas ficam com raiva quando percebem que estão sendo enganadas ou magoadas. A maior parte da raiva que as pessoas sentem não é violenta ou difícil de controlar, é mais uma irritação ou importunação, a resposta usual aos desapontamentos do dia-a-dia. A raiva ativa as defesas dentro de nós: quando se quer castrar a defesa psíquica de alguém, se ensina à pessoa a negar a sua raiva ou reprimi-la.

Depois de algum tempo, a *mágoa* internalizada começa a produzir ressentimento e raiva e o sujeito torna-se determinado a não demonstrar esta raiva. Com isso, ela vai se aprofundar e o sentimento de culpa transforma-se no sentimento de vergonha. As pessoas que se sentem envergonhadas têm dificuldades em assumir riscos porque se sentem desmerecedoras e fazem a opção

de continuar na vergonha, unindo o processo com a mágoa. Não querem mais amar e serem amadas, até que alguém venha tirá-las desta situação. Este é o processo de impedimento para que uma raiva seja resolvida. A base emocional destes sentimentos está no medo, na tristeza, na tendência a sentir-se inferior.

Os sentimentos de *indignação* têm a função de mostrar que houve uma violação das normas de conduta ou dos acordos criados socialmente por parte de outra pessoa. (Damásio 2004) Têm a finalidade de indicar que o equilíbrio das relações sociais está sendo rompido e é útil ao organismo, pois demonstra a necessidade de repulsa ou revolta diante das situações que oprimem o ser humano. Como consequência, o organismo exige uma punição da violação, ou seja, um novo policiamento de regras de comportamento social. É um sentimento fundamental no equilíbrio social. Sabe-se que diante das injustiças, da corrupção, o indivíduo que está em equilíbrio psíquico e mental sente indignação. Diante da mentira e da trapaça, o organismo equilibrado reage com cólera ou desprezo. A fundamentação ou base emocional está no nojo, na zanga.

Os sentimentos de *simpatia, de empatia e de compaixão* expressam a realidade e a dignidade do outro, alertam o sofrimento do indivíduo. É uma maneira profunda de preservação da espécie. Esses sentimentos mostram a necessidade de olhar o outro como um ser de respeito, um ser com dignidade. Como consequências, há o conforto, o reequilíbrio do outro ou do grupo. O ganho grupal é muito grande, pois cria um processo de equilíbrio, possibilita apego, vinculação e afeto.

Admiração, gratidão e orgulho, são sentimentos que fazem com que o indivíduo vislumbre uma contribuição para o outro ou para si, exprimindo um desejo de cooperação e trazendo como consequências as recompensas da cooperação e policiamento da tendência para a cooperação. Possibilitam sentimentos de felicidade e de alegria.

São as emoções e sentimentos que auxiliam a percepção do que é bom ou mau. Sem os sentimentos seria muito difícil dar os saltos de transcendência, conceber a figura de Deus. Não seria possível estabelecer princípios éticos.

E o *amor*, entendido como sentimento? Frankl (1989) o explica como o sentimento que possibilita captar outro ser humano no íntimo de sua personalidade: conseguimos ter consciência plena da essência última de outro ser humano através do amor. Por seu amor, a pessoa se torna capaz de ver os traços

característicos e as feições do outro e, mais ainda, vê o que está potencialmente contido nele. Aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. O amor auxilia o outro a potencializar suas possibilidades, é um fenômeno tão primário como o sexo.

Para que servem os sentimentos? Por que razão, ou motivos, o ser humano tem sentimentos? Que valor eles podem ter? Os sentimentos desempenham papel principal no comportamento social e no comportamento ético. O comportamento ético só é possível porque se tem sentimentos. Damásio reflete que o corpo necessita de mapas mentais e esses são os sentimentos. Esses mapas mentais são reforçados pela educação e pelos valores que determinada sociedade transmite a seus indivíduos, são fortificados ou eliminados pelo processo cultural.

É fundamental, para os professores, o conhecimento de forma mais profunda da maneira com que o ser humano age. Entender o *como agimos, reagimos, pensamos*, facilita a educação da consciência. Sem dúvida, a racionalidade é fundamental, mas, também o é, o conhecimento dos sentimentos.

As pessoas emocionalmente insensíveis são doentes, incapazes de conhecer as outras em profundidade. Essas não conseguem criar um processo de interação e muito menos de educação efetiva (DAMÁSIO, 2001).

Devido a isso, é fundamental a educação dos sentimentos, pois os sentimentos e as emoções têm origem orgânica, são regulados pelas funções do organismo, dado o seu caráter filogenético. Mas não reduzimos o psíquico ao orgânico, nem o separamos por um abismo intransponível do social, pois há uma interação contínua entre eles. Apenas os distinguimos por motivos pedagógicos:

É no processo de aprendizagem que o contexto social organizado vai regular as emoções. Neste processo, as normas de conduta admitidas socialmente são interiorizadas, internalizadas pelo sujeito. O indivíduo, em nome de determinadas exigências sociais representadas através de normas de conduta que são assumidas pelos outros sociais, passa a regular, em certa medida, seu comportamento emocional, em função das circunstâncias descritas pelo meio (LEITE, 1999, p. 97).

Os sentimentos também podem servir de obstáculos - através de punições, reprimendas, sermões e ameaças - dando origem a um estado emocional turbulento. O que era agradável passa a ser desagradável, diz Leite (1999, p. 97).

Existem sentimentos éticos, estéticos e intelectuais, como relata Leite:

Os sentimentos intelectuais expressam a relação do homem com as idéias – inseparáveis, portanto, da atividade cognitiva; os sentimentos estéticos expressam a relação do homem com os fatos da vida, representando-os na arte, na qual se manifestam o sublime, o vulgar, o ridículo, o trágico, o cômico, o refinado. Ambos apoiados pelo sentimento moral que expressa a fidelidade; a lealdade; a solidariedade; a confiança; o patriotismo, etc. (LEITE, p. 99, apud PETROVSKY, 1982, p. 414- 416).

Todos os sentimentos, com suas funções e objetivos dentro do organismo, favorecem a vida. A apreciação dos sentimentos do conhecimento, da beleza e da verdade, como valor ético fundamental, aproxima o ser humano verdadeiramente do que é o processo educacional, que, em linguagem ampla, seria o desvelar das realidades fundamentais da vida, ou seja, do belo, da verdade e do transcendente. Esses processos estão expressos no livro de Viktor Emil Frankl - “Deus no Inconsciente”, o qual expressa uma tendência inconsciente para a espiritualidade, pois mostra um sentimento de reverência e adoração no ser humano que reconhece que o homem foi feito para a transcendência e esse sentimento, quando negado, joga o ser humano no vazio existencial. Sentimento de Vazio Existencial que Ernest Becker (1975) descreveu tão bem em seu livro “A Negação da Morte”.

Frankl relata sobre os sentimentos de espiritualidade, expressos por um doente no hospital, aluno seu, na Universidade Internacional dos Estados Unidos, em San Diego, Califórnia, que escreveu:

No hospital psiquiátrico, quando estive enjaulado como um animal, ninguém veio me atender quando implorei para ir ao banheiro, e finalmente sucumbi ao inevitável. Graças a Deus, recebia, todos os dias, tratamento de choque, choque de insulina, e drogas, de forma que não tive consciência do que se passou na maior parte das semanas subseqüentes... Mas nas trevas havia adquirido um sentido de minha missão especial para o mundo. Sabia então como sei agora, que deveria ser preservado por alguma razão; por insignificante que fosse, é algo que somente eu poderia fazer, e é de vital importância que eu o faça. No momento mais escuro de minha vida, quando eu estava abandonado como um animal em uma jaula, e no esquecimento produzido pelas drogas, eu não podia chamá-LO; mas Ele esteve presente. Na solidão escura do poço onde os homens me abandonaram, Ele estava presente. Quando eu não sabia Seu nome, Ele estava presente; Deus estava ali (1985, p. 12).

Existem outros sentimentos que demonstram a espiritualidade no ser humano:

Assim por exemplo, a tríade fé, esperança e amor pertence a uma classe de atividades que escapa a uma abordagem do que poderíamos chamar de características comandadas. Fé, amor e esperança, não podem ser suscitados sob comandos, pois simplesmente não obedecem à vontade. Não posso querer crer, não posso querer esperar, não posso querer amar – e, menos ainda, não posso querer querer (FRANKL, 1985, p. 14).

Mostram sentimentos e uma consciência afinada com seu Eu mais profundo, capaz de interagir com o sentido da vida. Trata-se de sentimentos intencionais que, na expressão de Agnes Heller, são fundamentais ao equilíbrio humano.

A vida não é a que a gente viveu, mas a que a gente recorda e como recorda para contá-la.
Gabriel Garcia Marques

2.6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

De acordo com as etapas da pesquisa qualitativa, em especial, com referência à entrevista semi-estruturada individual e de cunho fenomenológico, não se estabelecem separações marcadas entre a coleta e a interpretação dos dados, como nos ensina Treviños (1987, p. 170-173), pois os passos pretendidos para a análise dos depoimentos deste estudo seguem a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação. A proposta da interpretação será operacionalizada da seguinte forma:

1) Visão global: lê-se atentamente toda a descrição para ter uma idéia geral da mesma, ou seja, uma visão ampla do conjunto dos depoimentos, visando captar seu sentido diante do objeto da pesquisa (MARTINS; LINTZ, 2000), com a preocupação de ler à luz de nosso referencial teórico (TREVÍÑOS, 1987, p. 159). Os depoimentos completos se encontram no anexo A.

2) Divisão do relato em unidades significativas: tendo captado o sentido, lê-se novamente o texto com o objetivo específico de discriminar "unidades significativas" a partir de uma perspectiva do aconselhamento, focalizando as respostas que se ligam a fundamentos teóricos do trabalho construído e ao processo a ser pesquisado - neste caso, a importância do aconselhamento na formação dos professores. Segundo Martins e Lintz (2000), a elaboração das unidades significativas, ou de significado, é uma divisão do texto, análoga a uma divisão em parágrafos.

3) Transcrição em linguagem educacional de cada unidade de significado: tendo delineado as "unidades de significado", o pesquisador as percorre e expressa os significados educacionais e psicológicos mais diretamente contidos nelas. Isto funciona mais exatamente com respeito às "unidades de significado" mais reveladoras do fenômeno em consideração, ou, segundo Martins e Lintz (2000), da compreensão do pesquisador.

Síntese: o pesquisador vai sintetizando todas as unidades de significado, transformando-as num consistente relato com a experiência do sujeito. Segundo Martins e Lintz (2000), a síntese primeira é específica e depois geral, extraíndo a estrutura do vivido. Usaremos a técnica de abordar pergunta por pergunta e algumas respostas significativas dos cinco entrevistados com a respectiva análise.

A entrevista estará estruturada inicialmente nos seguintes eixos:

- 1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?
- 2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?
- 3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?
- 4) De acordo com a sua prática, por que é importante a educação dos sentimentos e das emoções?
- 5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

DATA DA ENTREVISTA: 01/02/2006

IDADE: 46 ANOS.

A - Eu tenho formação em Filosofia, Bacharelado e Licenciatura plena em Filosofia. Licenciatura em Teologia e Psicologia. Pós-graduação em Psicologia Clínica e Pós-graduação em Aconselhamento. Meu trabalho hoje é como professor de Pós-graduação, leciono em cursos de diversas faculdades. Até o final de 2005, lecionava na graduação de Filosofia. Atuo também na área de Psicologia Clínica. Assessoro diversos grupos diferentes.

Data da entrevista: 10/02/2006.

Idade: 50 anos.

B - Sou formado em Filosofia, Teologia, tenho Licenciatura em Letras, Jornalismo, Comunicação Social e Mestrado em Psicologia. Fiz também o curso de Especialização em *Counseling*, Aconselhamento. Tenho trabalhado especificamente com três Pós-graduações, no Paraná e em São Paulo, que ocupam um bocado de meu tempo com a prática do ensino.

Data da entrevista: 12/02/2006.

Idade: 53 anos.

C - Eu sou Bacharel em Direito e tenho curso de Filosofia e Teologia. No curso de Filosofia, estão faltando dois créditos para terminar a graduação e receber o diploma. Fiz também o curso de Especialização em *Counseling*, Aconselhamento. Hoje eu trabalho na área de educação, como professora de Filosofia e Sociologia, com crianças e adolescentes de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental e primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio, sendo as turmas de Ensino Médio de uma escola tipo A, e numa escola municipal nas turmas de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental e segundo ano do Ensino Médio.

Data da entrevista: 12/02/2006.

Idade: 43 anos.

D - Eu sou biólogo, formado em Ciências Biológicas, tenho Mestrado em Zootecnia e Doutorado em Ecologia: Ambiente Aquático. Fiz também o curso de Especialização em Counseling, Aconselhamento. Hoje trabalho como biólogo na universidade e trabalho como voluntário em projetos de formação humana.

Data da entrevista: 12/02/2006.

Idade: 35 anos.

E - Sou bióloga, tenho Mestrado em Reprodução Animal e Doutorado em Ecologia, fiz também Especialização em *Counseling*, Aconselhamento. Fui professora em colégio privado e na rede estadual. No momento, sou gerente do meio ambiente e bióloga e trabalho como voluntária em projetos de formação humana.

Análise de Conteúdo

Entrevistado: todos.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

Com essa pergunta procuramos identificar o processo básico do *aconselhamento*. O processo básico se apresenta com várias posturas, habilidades e técnicas que, quando encarnadas, transformam em uma verdadeira relação interpessoal e uma relação de ajuda.

A - Uma imensidão de posturas que uma pessoa pode ter frente a uma outra pessoa de modo a gerar nela uma espécie de mudança. Eu entendo que é basicamente uma postura diante do outro. Postura que procura gerar a empatia, uma disponibilidade do outro falar a respeito dele e o respeito que você tem para com a outra pessoa.

Entende-se uma imensidão de posturas como um processo de construção relacional, que se sucede entre o professor e o aluno, processo que tem

como preocupação o aluno e, principalmente, preocupação de que o indivíduo seja mais inteiro, responsável, capaz de resolver suas questões e dúvidas. Pois, o aconselhamento busca gerar, no indivíduo, uma mudança de postura e atitude. Para que essa alteração comportamental aconteça, é necessário que ocorra uma série de procedimentos por parte do professor ou autoridade, como nos ensina Feldman (2005):

Imediaticidade: Capacidade de trabalhar as próprias relações pessoa – pessoa, abordando os sentimentos imediatos que um experimenta pelo outro, durante o processo. **Concreticidade:** Capacidade de decodificar a experiência do outro em elementos específicos, objetivos, concretos, para que ele mesmo possa compreender melhor sua experiência, às vezes confusa. **Congruência:** Capacidades de ser real. De se mostrar ao outro de maneira autêntica e genuína, expressado, através de palavras e atos, seus verdadeiros sentimentos. **Confrontação:** Capacidade de perceber e comunicar aos outros certas discrepâncias ou incoerências em seu comportamento, distância entre o que ele fala e faz, entre o que ele fala e é na realidade, e entre o que ele fala e mostra. **Aceitação ou respeito:** Capacidade de acolher o outro integralmente, sem que lhe sejam colocadas quaisquer condições e sem julgá-lo pelo que sente, pensa, fala ou faz. **Empatia:** Capacidade de se colocar no lugar do outro, de modo a sentir o que sentiria caso estivesse em seu lugar (FELDMAN, 2005, p. 67-75).

Essas posturas são todas necessárias para que a comunicação com os outros seja cada dia mais eficiente e eficaz. A *imediaticidade*, como afirma Murgatroyd (2000), é a competência que um indivíduo tem de mostrar a outro, no momento, o fato que está acontecendo. É uma habilidade de fazer com que o indivíduo tome consciência, do aqui-e-agora no processo em que vive e no momento em que vive. Mostra o que está ocorrendo em relação a si mesmo e a situação em que está participando, possibilitando-o de se relacionar ativamente e tomar consciência do instante presente em que se posiciona, da concreticidade e extensão de seus atos e de seus sentimentos. É a aptidão de trazer ao aqui-e-agora o que se faz, pensa e sente. É a perícia de fazer com que o indivíduo tome consciência do que acontece no instante em que está ocorrendo. É um posicionamento que auxilia o indivíduo na compreensão de sua situação no momento exato em que vive. Enfim, fala de tempo e de posição no tempo.

A *concreticidade* nos ensina *Miranda* é a habilidade de transformar pensamentos abstratos em exemplos concretos, ou seja, a capacidade de fazer o outro compreender as suas experiências subjetivas, muitas vezes confusas, de

modo que o sujeito possa ter a consciência do processo que vive. Traz ao indivíduo a percepção concreta e específica da situação ou sentimento que vive. Enfim, é a competência que auxilia ao outro conscientizar-se de que tem nas mãos conteúdos *interiores* complexos. Essa dimensão fala de espaço, do concreto.

A *congruência* é a habilidade de sermos inteiros na relação com o outro, ou seja, de sermos capazes de autenticidade conosco mesmo em relação aos outros. Na expressão de Rogers, é uma das maiores habilidades no processo de desenvolvimento da personalidade, enfim da dimensão de sermos gente, de tornar-nos pessoas. Este processo implica em sermos genuínos, sermos o que somos. A psicologia nos ensina que, quando somos reais, convidamos o outro a ser real. Conseguindo ser autêntico, congruente com esta harmonia, convidamos o outro para que seja coerente também. A congruência traz unidade no proceder e facilita o equilíbrio de ânimo, sendo propriedade de critério que assegura a não-adoção de decisões baseadas em incertezas e cujas conseqüências são nitidamente indesejáveis, pois o outro sabe o que esperar do indivíduo.

Confrontação, a capacidade de notar, perceber e apontar certas incoerências no comportamento do outro. Esta é a habilidade de fazer o indivíduo perceber que muitas vezes o que diz não revela o que o organismo está mostrando, ou mesmo que as suas atitudes contradizem o seu discurso. Mas, feita de maneira que o sujeito não se sinta diminuído em sua integridade e dignidade, porque a confrontação sempre traz segurança àqueles que vivem um processo de educação e formação.

Aceitação e Respeito são fundamentais. Estes procedimentos demonstram a importância de reconhecer, antes de tudo, que todos os seres humanos são iguais em dignidade. É o ato de perceber que posso não concordar com o outro e não aceitar suas atitudes e seus comportamentos, mas o acolho em sua dignidade. Agir assim é ser capaz de ter apreço e consideração pela pessoa, reconhecendo que o indivíduo é um ser em desenvolvimento, em crescimento contínuo, independente do estágio de vida. É a habilidade de aceitar o outro em sua alteridade, seus sentimentos, desejos e vontade de ser melhor. A aceitação e o respeito geram a integridade na relação, possibilitando que o outro se aceite.

Existe, no processo do *counseling*, o desejo de que na relação aluno-professor haja *empatia*. Para que aconteça a empatia, é necessário, antes de tudo, aprender a escutar, logo o professor busca ter a habilidade de realmente

escutar. É um querer escutar o aluno, evitando a vontade de julgá-lo. A importância da educação para o *aconselhamento* na formação do professor se dá por causa da exigência de se desenvolver uma atitude de presença junto ao aluno, que, durante o encontro no espaço educativo, deve estar verdadeiramente no centro da atenção, ou seja, é o colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem.

A qualidade de uma comunicação com o outro consiste mais no como eu olho, escuto, acolho que na qualidade das palavras que digo: sábio não é quem diz palavras precisas nos momentos certos, mas quem acolhe e escuta os outros e a vida. Salomé (2001, p. 177) aponta a sabedoria da vida como um processo de crescimento nas relações consigo mesmo, no qual aprendemos a escutar a nossa história e de nos escutar no presente, escutar por inteiro nosso organismo, emoções e sentimentos. Com esse processo, ampliamos as nossas potencialidades e nos abrimos à relação com a vida. Tornamo-nos capazes de uma relação mais empática e inteira com nossos alunos.

Marroquín (1982) reflete que a empatia pode ser entendida como um compromisso, ou melhor, uma atitude construída entre duas ou mais pessoas e que tem por objetivo abrir as portas para uma comunicação fluente e bem sucedida. É uma atitude que tem dois momentos, um de compreensão do indivíduo e outro de comunicação desta compreensão. A empatia é a técnica mais poderosa das relações humanas e o principal ingrediente de todas as comunicações e mudanças. É a capacidade de criar aspectos comuns entre duas ou mais pessoas, gerando uma atmosfera de respeito e confiança. É ver o mundo sob o ponto-de-vista do outro. Trata-se de um processo de percepção do ângulo de visão e referência do outro, um modo de penetrar no seu interior e captar o que o indivíduo diz de si mesmo e do mundo que o rodeia. É como se o outro olhasse para você e visse a si mesmo no que diz respeito a seus valores, expectativas e anseios, sendo uma ponte entre dois mundos. Ponte que pode levar a uma vivência existencial, fazendo com que um indivíduo seja companheiro de viagem na busca sempre difícil de si mesmo. No entanto, sem nunca se identificar com o outro, sem nunca tentar ser o outro, o que seria a negação da relação que gera vida.

B - É uma abordagem diferenciada de uma pessoa, ou seja, é um encontro diferente com uma pessoa. Diferente do senso comum, diferente da psicoterapia.

O espaço da sala de aula é um espaço de encontro. Um encontro educativo. Podem ser encontros de pessoas e dignidades ou encontros de raiva, medo ou impotência. Tudo vai depender das posturas com que se constroem os encontros. Mas, de qualquer maneira, a sala de aula é um espaço privilegiado para o encontro. Afirma Feldman:

O encontro acontece quando uma pessoa fica diante da outra, movendo-se as duas em direção a um mesmo ponto. Encontrar uma pessoa é ficar frente a frente com ela, passando a conhecê-la, a perceber sua condição, a descobri-la. Em se falando de relações interpessoais, encontrar o outro é entrar em sintonia profunda com ele, muitas vezes de forma recíproca (2005, p. 15).

Existem encontros e encontros, mas, o encontro é fundamental para o processo de educação do ser humano. É ao encontrar os olhos da mãe que a criança fortalece a sua identidade.

Martin Buber afirma que: “o homem se torna Eu na relação com o TU. Toda vida atual é encontro” e reflete que quando torno o outro importante, quando o aceito e considero, o torno um Tu. E nesse processo se fortalece a educação da dignidade e dos valores da vida, elementos fundamentais para que a educação aconteça, segundo Mosquera (1977, p. 127-135). Fundamentalmente, a sala de aula é um espaço preferencial para que aconteça a educação. O controle da sala de aula está focalizado no professor. As atitudes do professor são fundamentais para que o encontro com seus alunos seja construtivo pois, como afirmam vários humanistas: “O homem se converte em pessoa, precisamente pelo fato de que sai de si mesmo e nesta transcendência encontra o Tu” (GABRIEL MARCEL apud MOSQUERA, 1997, p. 12).

O aconselhamento pedagógico aparece para o educador como uma atitude privilegiada na qual o aluno pode lhe pedir: “Por favor, me escute, me leve a sério!”. Este pedido, quando escutado, pode significar a possibilidade de uma mudança significativa na vida de nossos alunos.

Quando queremos nos encontrar com o outro, em uma situação pedagógica, temos de ter noção de que o sujeito tem sua dignidade própria, apesar de que, como aluno, às vezes, tem uma existência difícil e confusa. Podemos, então, apoiar através de nossa presença o seu existir e, ao lhe dar apoio, incentivamos sua auto-estima e o crescimento de sua personalidade.

Em um mundo em que cada vez é mais forte o individualismo, sobra sempre menos espaço para que as pessoas se preocupem realmente com o outro. Mas, para ajudar o sujeito, é necessária uma comunicação autêntica, é preciso um debruçar-se sobre a realidade do outro, de modo atento ao que está se passando com ele. Quando se fala com alguém, realmente interessado nele, auxilia-se o despertar do desejo pela realidade. Com isso, se traz o indivíduo à realidade concreta da relação. Como consequência, ele se torna mais capaz de assumir a sua própria realidade.

C - O aconselhamento é uma ferramenta, um instrumento que ajuda as pessoas a se entenderem um pouco mais em sua história, na sua vida pessoal.

Instrumento que entendemos como uma série ou um conjunto de habilidades interpessoais que podem ser desenvolvidas nas pessoas, sistematizado a partir de uma quantidade enorme de pesquisas e experiências no campo da psicoterapia e das relações de ajuda (MARROQUÍN, 1982).

C - Dentro do esquema do aconselhamento, das ferramentas e das posturas do aconselhamento, especialmente a postura da escuta. O que eu tenho notado é que as pessoas que entram em contato com o aconselhamento têm melhorado muito a postura, o processo da escuta.

O que é escutar? Dar atenção a alguém, atender ao indivíduo, voltar-se a ele. Sem nenhuma dúvida, escutar é um profundo ato de sabedoria. É uma arte de estar com o outro. Escutar sabendo que cada pessoa é única, um mistério, para o qual não há receitas prontas. Todo ser humano precisa de alguém que possa escutá-lo, para que ele mesmo possa se descobrir.

Escutar é, às vezes, ficar calado, permanecer em silêncio, dar espaço para o outro ser. Não falar de si enquanto o outro fala dele. Não dizer ao outro o que ele deve ou não fazer. Fazer silêncio interior, não interferir enquanto o

outro se expressa. É um esperar que o outro finalize seu comentário ou suas observações. Segurar consigo mesmo os seus pensamentos e julgamentos a respeito do que o outro está falando.

Podemos dizer que escutar é colocar o foco no outro. Centralizar os nossos esforços de atenção e concentração no outro. É criar uma pausa. Ou seja, uma suspensão momentânea em nosso falar. Permanecemos junto com o outro em atenção ao que ele nos diz corporal e verbalmente, para compreender efetivamente o que essa pessoa quer dizer. “O que as pessoas, alunos, nos dizem tem letra e música” na expressão de Miranda (2002), por isso é necessário usarmos todos os nossos recursos de pessoas para podermos escutar os outros.

Levar em conta o outro, levar a sério o outro é uma arte e como toda arte tem de ser exercitada. O escutar é ter uma consideração pelo outro. É um processo que deve ser construído, trabalhado e com isso será uma atitude natural de vida. Escutar, como afirma Miranda (2002), pode ser um profundo ato de amor. É um tentar acolher o outro dentro de nós sem preconceitos.

Ouve-se, nos ambientes educacionais, que certos professores não escutam, dizem os alunos: “Esse professor não adianta. Não escuta ninguém. É como se a gente não existisse!”. E podemos dizer que quando não existe escuta, cuidado, não existe educação ou relação, é o que explica Rogers:

O primeiro sentimento básico que gostaria de partilhar com vocês é a minha alegria quando consigo realmente ouvir alguém. Acho que esta característica talvez seja algo que me é inerente e já existia desde os tempos da escola primária. Por exemplo, lembro-me quando uma criança fazia uma pergunta e a professora dava uma ótima resposta, porém a uma pergunta inteiramente diferente. Nestas circunstâncias, eu era dominado por um sentimento intenso de dor e angústia. Como reação eu tinha vontade de dizer: “Mas você não a ouviu!” Sentia uma espécie de desespero infantil diante da falta de comunicação que era (e é) tão comum (1983, p. 4-5).

Por isso, é fundamental para o processo educacional, a arte de escutar. A escuta, sendo uma arte, é, ao mesmo tempo, uma habilidade, e é fundamental ao professor tornar-se competente nesse processo. A escuta só vai ocorrer na medida em que o professor desenvolver uma atitude de presença ao sujeito, que durante o encontro em sala de aula deve estar verdadeiramente no centro da atenção.

Em uma sociedade altamente competitiva, em que as pessoas sempre têm menos espaço e tempo para uma comunicação autêntica, congruente, na qual, quando falamos com alguém sobre nossas vidas e realidades em que vivemos, provavelmente o outro está pensando em sua vida ou em como ele fará para ser dono da palavra novamente, é fundamental aprendermos a fazer dos nossos alunos o centro de nossa preocupação em sala de aula. No espaço educacional, mais especificamente na escola, essa realidade de competição pode ser diferente, podemos ser mais reais e congruentes com os nossos alunos.

C - Pessoas com prática no aconselhamento, com essa vivência do aconselhamento, tornam-se muito mais inteiras nas relações. Deixam de procurar ser alguém que domina as conversas, que domina o ambiente, para serem pessoas que permitem ao outro a possibilidade de ser alguém, de ser uma pessoa muito mais inteira, muito mais concreta em todo seu existir.

Ser inteiro é sinônimo de ser íntegro, propriedade de um indivíduo de não estar dividido, ou seja, ser completo. Ser capaz de voltar-se realmente ao outro, colocando sua atenção voltada para o outro. E, quando presente nos relacionamentos humanos, ter a capacidade de escutar, acolher, partilhar, para isso é necessário ser consciente, como professor, de que os alunos dependem de suas posturas. Ser inteiro é saber que, quando me dedico ao outro, posso ser eu mesmo, não estou perdendo nada.

O aconselhamento é um processo em que um indivíduo “inteiro” é capaz de se colocar em uma atitude de construção relacional que visa a um desenvolvimento de determinadas habilidades, competências e técnicas para “auxiliar a pessoa a ajudar-se”. Parte-se sempre do pressuposto que o ser humano tem em si todas as condições necessárias para viver sua vida com qualidade, mas necessita de um processo de educação para atualizá-las.

O centro da atenção do professor é o aluno. Portanto, é fundamental, primeiramente, focalizar a pessoa e, na seqüência, o problema apresentado. A capacidade de se voltar a atenção para o outro, focalizar o outro, é fundamental para a qualidade do desenvolvimento do relacionamento humano:

Este novo método (*Counseling*) diverge do antigo por ter uma finalidade realmente diferente. Ele visa diretamente uma maior independência e integração do indivíduo em vez de se esperar que esses resultados se consigam

mais depressa pela ajuda do conselheiro na solução do problema. É o indivíduo e não o problema que é posto em foco. O objetivo não é resolver um problema particular, mas ajudar o indivíduo a desenvolver-se para poder enfrentar o problema presente e os futuros de uma maneira mais perfeitamente integrada... Relação do aconselhamento é uma situação em que calor humano, aceitação objetiva e ausência de qualquer coerção ou pressão pessoal por parte de um conselheiro permitem a expressão mais livre de sentimentos, comportamentos e problemas da parte do cliente (ROGERS, 1974, p. 40-41).

Todas as teorias psicológicas significativas, quando falam do aspecto da relação humana, apontam que, antes de auxiliarem os outros, o relacionamento interpessoal nos ensina a sermos mais humanos e compreensivos conosco. O fato é que o próprio esforço para compreender o outro faz com que tenhamos uma mudança comportamental pessoal.

E, como resultado, os que vivem o dia-a-dia das escolas na área da educação, do aconselhamento e do desenvolvimento humano sabem que todo o ser humano necessita, de tempos em tempos, de auxílio e de apoio, mesmo de presença e de palavras amigas quando enfrentam as lutas e dificuldades normais da vida.

D - Para mim, o aconselhamento ou *counseling* é uma ferramenta muito, muito importante para o meu trabalho nos projetos e na universidade onde trabalho. Porque eu acabei percebendo que muitas pessoas não conseguem realizar seu trabalho de mestrado ou doutorado por problemas relacionais, não conseguem realizar o trabalho de mestrado ou doutorado por problemas pessoais e uma conversa com eles pode ajudar e ajudar muito.

Sabe-se que, muitas vezes, um bloqueio emocional pode ser resolvido com uma conversa. Verifica-se também que muitas palavras têm o poder de enfeitiçar, são as palavras “mal ditas”, mal colocadas, e, quando vêm de uma pessoa significativa, podem interferir na auto-estima do indivíduo. Ao passo que palavras bem colocadas, “bem ditas”, auxiliam muito na auto-estima de um sujeito. Portanto, é fundamental o diálogo bem pensado e respeitoso no relacionamento do orientador com o orientando.

No aconselhamento educacional, o objetivo da conversa é, antes de tudo, deixar os nossos alunos à vontade, dando-lhes ocasião de expressar-se livremente e de sentirem-se ouvidos e compreendidos pelo professor. Nas mais variadas tensões de criação e produção dos processos de trabalhos intelectuais, o apoio verbal do professor é fundamental.

Existem, no processo de aconselhamento, diz Danon, algumas técnicas verbais que caracterizam o que vem definido como 'escuta ativa' e esta garante ao aluno a qualidade da escuta que lhe é oferecida e, ao mesmo tempo, permite ao professor verificar, de vez em quando, sua exata compreensão sobre os fatos relatados, processo que se constrói dando um retorno ao aluno do que ele lhe disse. Saber conversar é saber escutar e responder. Estar atento ao que o aluno conta, aprender a responder incentivando o aluno a falar o que ele pretende, sem desviar a atenção. Permanecer com ele nessa atitude de diálogo. O aconselhamento pode ser entendido muito mais como uma arte, pois é mais um processo em construção que propriamente uma técnica. É uma arte da expressão da palavra. Um dos principais instrumentos do diálogo ativo é a palavra e é através dela que o professor e o aluno poderão construir um processo relacional de confiança mútua, importantíssimo para o sucesso do encontro humano. Sabe-se que não basta a atitude no processo de formação humana. A palavra também é fundamental, pois é capaz de auxiliar diretamente na construção da auto-estima. A capacidade e a disponibilidade de verbalização por parte do aluno, ajudado pelo professor, se tornam um fator importante no resultado positivo da interação.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

A - Eu acredito que o aconselhamento tenha influenciado neste sentido. De mudar o educador para que ele tenha uma postura diferente diante do grupo, diante da sala de aula, olhando naquelas pessoas potencialidades (emocionais). Então, ele vai ter uma atitude empática.

As atitudes e posturas são fundamentais em nossas vidas. Sendo a atitude um comportamento ditado por disposição interior, ela se repete a cada

encontro e situação e nos aponta interiormente uma maneira de agir em relação a pessoas, fatos ou situações. Reflete Danon, (2000). Cresce e se fortalece a partir de repetições conscientes, de posições assumidas com inteligência e bom senso. Como atitude, segue uma orientação interior, sendo que torna-se mais sólida na medida em que é fundamentada em valores. Os valores embasam as atitudes e tornam o comportamento coerente e congruente.

As atitudes são construídas a partir de propósitos e predisposições que moldamos interiormente, pois são frutos de trabalho interior da vontade e do desejo. Quando o desejo se fundamenta em valores, prepara o organismo para a assimilação de processos que são sadios na construção das interações sociais.

A atitude é um estado de disponibilidade psicofísica, (Danon 2000) gerado no organismo, marcado pela experiência, reforçado pela realimentação com o reforço que recebemos de pessoas significativas e que exerce influência diretiva e dinâmica sobre o comportamento. As atitudes marcam nossos modos de proceder e, como consequência, vamos criando posturas que podem gerar compreensão ou negação de relação.

Primordial no processo educativo é a atitude empática. O desafio nas salas de aula está no nível da comunicação e a comunicação é a ferramenta das relações, logo a empatia é a ferramenta fundamental da comunicação, porque, sem ela, não há relacionamento equilibrado. Em educação, na vida pessoal, em todas as relações humanas, a empatia é essencial para alimentar o fluxo da comunicação, criando um contexto de harmonia, comprometimento e cooperação, no qual as pessoas possam caminhar juntas em uma mesma direção.

A - A pessoa que está ali naquele grupo tem uma história pessoal, uma experiência diferente da outra. Isso eu acredito que é bastante transformador na educação, porque, se você se coloca em uma atitude empática, o outro fica mais livre também para a expressão.

A percepção de que o outro tem uma história pessoal diferente da sua é fundamental ao educador. O conhecimento e as experiências deste sujeito são importantes, não é o meu conhecimento nem a minha experiência, portanto têm algo a me dizer, como tenho algo a escutar. O processo educacional será um encontro

entre dois indivíduos com histórias de vida distintas. As minhas experiências, como as dele, não são mais pobres nem mais ricas, são diferentes.

Quando se deixa de lado os preconceitos, fica mais fácil aceitar as diferenças, e, como consequência, pode-se crescer na atitude de respeito com relação aos alunos.

A - A sua postura de empatia dá ao outro a sensação de que ele pode falar. Posso dizer o que eu penso e posso procurar dentro de mim as respostas que eu preciso. Nesse sentido é que eu acredito que influencie muito mesmo o conhecimento da teoria do aconselhamento, influencie muito na postura do educador diante dos educandos.

O processo educacional é um convite ao indivíduo para tornar-se autônomo e capaz de inter-relacionar-se. É uma provocação para que o sujeito crie confiança em si e possa explorar seu mundo interior e o mundo exterior da cultura e arriscar-se na pesquisa científica e nas produções intelectuais. O que é a pesquisa senão um processo em que um sujeito busca, em si e no meio, respostas sistematizadas, as quais analisa e sintetiza através de um processo de criação. Na verdade, pesquisa, em *lato sensu*, é o desenvolvimento de uma atitude crítica, que, através de uma prática rigorosa, auxilia o indivíduo a dizer, por meio da escrita ou de outra forma transmissível, o que descobriu e o que pensa sobre determinado assunto, buscando sempre condições internas de confiança em si mesmo e acreditando que é capaz de produzir cientificamente.

Se o aconselhamento é uma arte e um processo, como vimos anteriormente, o professor necessita de conhecimentos técnicos e de um esforço pessoal, para poder ser eficiente e efetivo nesta prática. No aconselhamento, o trabalho e esforços pessoais são importantes, pois, como nos ensina Danon (2000, p. 201):

Enquanto a técnica se pode sempre adquirir, modificar, aperfeiçoar, assim como se podem inventar modos sempre novos de conduzir um diálogo, as qualidades humanas de quem está atuando são o elemento mais importante para ativar em outra pessoa o processo de crescimento. Antes mesmo do método utilizado, está a capacidade do conselheiro de entrar em relação com o aluno e favorecer o êxito positivo do encontro.

B - Eu percebo uma mudança na maneira de ser professor, percebo que vou me tornando uma pessoa que escuta com muito mais inteireza os outros. Eu acho que eu passei a julgar muito menos os outros e passei a entendê-los muito mais a partir do que eles são na realidade, no seu concreto, no seu dia-a-dia.

Não julgar os outros é crescer em uma atitude de aceitação. É ser capaz de oferecer ao outro uma total atenção. É uma particularidade de ser inteiro, é fruto de um processo de busca e construção pessoal, é fruto precioso de atitudes que objetivam criar um espaço concreto em que o outro pode, depois de ter se expressado livremente, reconstruir seu discurso e alterar suas atitudes, e, portanto, o que ele viveu também em novos termos. É muito importante não julgar o outro, sendo que isto não significa concordar com suas contradições e descaminhos, mas aceitá-lo como pessoa e indivíduo. Em uma linguagem mais poética, como “gente”.

C - Toda vez que eu entrava em uma sala de aula com mais de oitenta alunos... Ou o professor entrava no tumulto, pedia silêncio, mandava todo mundo calar a boca e jogava a matéria. Não estabelecendo ou percebendo que o barulho significava um pedido de socorro que alguém efetivamente dentro daquele grupo precisava falar. Comecei a esperar um pouco e perguntar se alguém dentro da sala queria falar alguma coisa. Logo um ou outro aluno respondia: “Eu, professora”. Eu perguntava: “Como é seu nome”? Eu não sabia, com oitenta alunos... Eu olhava para ele e perguntava: “Como é seu nome?”.

E a professora, consciente de que existe algo além da bagunça e do barulho, provocativamente diz que olhava o aluno e identificava-o de maneira particular, individualizava-o. Com sua pergunta e interesse, tirava-o do anonimato e o trazia para a realidade da situação de sala de aula. Com a sua verbalização interessada, tirava-o do tumulto, para, através do princípio da realidade, contextualizá-lo e levá-lo a entender que se encontrava em um espaço privilegiado de educação.

Saber olhar é ir muito além do ver, tentar enxergar. É dirigir os olhos para alguém e isto exige, na verdade, um contemplar, um exercer o sentido da

visão. Mas, não pára no que vê, busca tomar conta e cuidar dele, interessando-se intensamente por ele, como expressa Leonardo Boff (2005).

Olhar é perceber o sujeito como um todo, vendo-o com compreensão. E, aos poucos, percebendo que é fundamental saber atender. E atender, no processo do aconselhamento, é acolher, ou seja, aprender a colocar-se em relacionamento com o outro.

C - No aconselhamento, aprendi a priorizar a relação, pois na teoria e no discurso acadêmico, o discurso das relações e formações pedagógicas privilegia o aluno, no entanto na prática, o dia-a-dia dentro da sala de aula, não é assim.

A prática do dia-a-dia mostra um processo diferente na relação professor – aluno do que é apresentado como ideal, no discurso acadêmico. Na teoria, aprendemos a priorizar o aluno, a ter um cuidado especial com ele. Aprendemos que a aprendizagem tem de ser significativa, como afirma Rogers:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência (ROGERS, 1975, p. 159).

C - A relação é algo muito importante. O aluno é muito importante e as situações têm um significado. O que eu aprendi muito no *counseling*, aconselhamento, foi a questão do sentido. Hoje eu vejo muito claro que educação é o desafio de, junto com meus alunos, encontrar um sentido para a vida deles. Ter um sentido porque, sem isso, nenhuma educação adianta.

A questão do sentido é trazida por Viktor Emil Frankl (1903 - 1997), um médico psicólogo, com mais de trinta obras escritas, que já foram traduzidas para 32 idiomas. É considerado, pela Biblioteca do Senado Norte Americano, como uma das dez maiores influências da história americana.

Viktor Frankl (1999), a partir de sua experiência de vida, descreveu algumas características humanas, as quais ele considera como fundamentais: a liberdade de vontade, a vontade de sentido, o sentido de vida, experiências transcendentais. E, não menos importante, a intuição do significado fenomenológico e a competência humana de reelaborar posturas, a qual faz com que certas situações intoleráveis sejam possíveis de serem aceitas quando não podem ser mudadas.

Frankl (FIZZOTI, 1997) criou uma teoria da personalidade fundamental para a compreensão do ser humano, a hipótese fundamental de motivação, denominada “a vontade de sentido”. Ela difere do motivo de prazer freudiano e motivo de poder adleriano. Frankl não só suplantou o prazer e a superioridade com vontade, mas também repudiou “impulso” por “vontade”, um puxão substituiu um empurrão. Mas, vontade também envolve escolha, em vez de um impulso determinístico de prazer ou engodo de superioridade, impulsos que se tem de obedecer por necessidade.

A expressão “autotranscendência”, como compreendia Frankl, indica que ser homem quer dizer voltar-se para alguma coisa que fica além de si mesmo, que é diferente de si mesmo. Alguma coisa ou alguém: um objetivo a realizar ou uma pessoa a encontrar. E só na medida em que o homem se transcende que ele se realiza, ao servir uma causa, um ideal ou ao amar uma pessoa, ele reencontra a si mesmo. Em outros termos: o homem só é homem quando se abre a alguma coisa, quando se doa a uma pessoa, quando se esquece de si mesmo, quando encontra um sentido ou significado para sua vida.

Viktor Frankl (1999) foi colocado a duras provas pela experiência do campo de concentração, foi obrigado a confrontar-se com o fato de que a sobrevivência em uma situação extrema não depende da força física, ou de um organismo fortalecido, mas somente do fato de ter uma razão ou sentido para sobreviver: uma mulher, um pai, um filho, um livro para escrever, um objetivo a alcançar. Em suma, se o homem quisesse olhar a si mesmo, em vez de a um significado, veria menos a verdadeira auto-realização; de fato, só um homem que falhou quanto ao verdadeiro sentido da vida sonhará com o prazer ou poder como expressões máximas do ser humano.

C - Eu dou para eles um texto da guerra de um sobrevivente do campo de concentração que fala que o conhecimento científico só não basta. É claro que necessitamos de cientistas para saber qual o gás mais letal, como ser eficiente para matar o maior número de pessoas no menor espaço de tempo, foi todo um trabalho, fruto de toda uma pesquisa científica. Mas, onde ficou o homem, o humano? Onde ficou o sentimento e o valor da vida? Perdeu-se. Então, nós vamos construir bons engenheiros, mas que se recusem a produzir esse tipo de situação.

Mas onde ficou o homem, o humano? Onde ficou o sentimento e o valor da vida? Percebe-se que a professora aponta com clareza a necessidade de trabalhar o humano e para isso é necessário termos percepção de que visão de homem se tem. E, aqui, temos consciência de que a visão de homem trazida pelo aconselhamento se fundamenta em uma visão existencial humanista. É um homem livre e responsável, que tem o fundamento pessoal em sua interioridade, ou seja, na consciência. O núcleo desta abordagem humanista para o crescimento pessoal é a descoberta da consciência, entendida como capacidade intuitiva de perceber a unicidade de cada situação, o instrumento com o qual fazemos as escolhas e assumimos as rédeas de nossa vida. É justo sobre o conceito fundamental que “a vida sempre tem um sentido, seja qual for”, e que, na busca deste sentido, se explica a natureza essencial do homem, a qual fundamenta Viktor Frankl.

Entende-se que o ser humano não é um ser que vive simplesmente impelido pelas forças do inconsciente, forças estas mostradas por Freud e Adler, a determinação do poder e a do prazer, mas um ser que age a partir de seu centro, de sua alma, decidindo de forma livre e responsável aquilo que percebe ser necessário fazer. Um ser que responde com intencionalidade aos desafios que a vida lhe impõe. Essa concepção de Frankl tem seu fundamento em duas idéias que percorrem o centro do século vinte, que são a fenomenologia e o existencialismo.

A noção da consciência ou da alma se resgata nos conceitos de liberdade e responsabilidade, concepções fundamentadas na reflexão humanística existencial de indivíduos que, no primeiro momento, tocaram o silêncio da realidade: Albert Camus, André Gide, Aldous Huxley, Simone Weil, Graham Greene e Bernamos. Em um segundo momento, as idéias foram alicerçadas, fundamentadas a partir das teorias de André Malraux, Françoise Segan e Thierry Maulnier, estes

acreditavam piamente em uma esperança fundamentada nos homens. E, finalmente, solidificaram o pensamento humanista, se permitindo um confronto com a espiritualidade, os pensadores Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Henry James, Gabriel Marcel, Roger Martin du Gard, Biswanguer. Pensadores todos que marcaram as bases do século vinte (MOELLER, 1958). Todos contribuindo, de uma maneira ou de outra, para a solidificação do humanismo.

O humanismo existencialista de Viktor Frankl se fundamenta em uma visão de consciência mais abrangente, que acolhe em si as concepções de ser espiritual e transcendental, capaz de atos éticos e morais. A concepção de Frankl é, na realidade, uma unidade simples e ampla do ser humano.

C - E quando refletíamos sobre isso, um aluno fez a seguinte observação: “Velho tem de morrer!”. E eu comecei: “Como é seu nome mesmo?” “Meu nome é...”. “Fulano, você está querendo me dizer que velho tem de morrer. Foi isso que você me disse?” Depois de um silêncio, foi uma gritaria na sala, um disse: “Eu não concordo, professora”. Outro disse: “E se fosse teu avô?” Esse *insight* e a tranqüilidade de lidar com a situação só foi possível depois de estudar o aconselhamento.

A tarefa do educador é ajudar o aluno para que se conheça e se conhecendo cresça em senso crítico, reconhecendo que tem obrigações morais e éticas, percebendo sua responsabilidade perante o social, perante as relações sociais, para que descubra o que é essencial para a construção de relações humanas respeitadas e de respeito à vida. “O homem é sempre livre para escolher”, afirma Frankl (1998), e escolher implica necessariamente em ser livre. Ser livre é ser responsável. “O homem foi criado para a escolha” é o conceito que está na base do pensamento existencialista e da tradição filosófica humanística, patrimônio cultural do qual Frankl participou, direta ou indiretamente.

Entende Frankl (FIZZOTI, 1999) que a liberdade do homem não é a *liberdade de* condicionamentos, mas sim, a *liberdade para* assumir uma determinada atitude em qualquer situação que venha a encontrar-se. Liberdade para criar, para assumir a vida com responsabilidade, tendo consciência de que os atos trazem

conseqüência à sociedade. Liberdade e responsabilidade são conceitos que, para Frankl, não se excluem, como uma moeda é cara e coroa da mesma realidade.

E é nesse espaço de construção de liberdade e de responsabilidade que o educador pode trabalhar, junto aos alunos, permitindo-os elevar a sua auto-estima e a que tem em relação aos outros, até o ponto de reconhecer que se pode alterar a sua atitude interior, cultivando uma atitude de tolerância e respeito aos idosos.

E é na escolha livre e consciente que o indivíduo pode atuar na realidade externa, tomando a vida em suas próprias mãos, como afirma Danon (2000), sendo dono e responsável pela sua liberdade. É no relacionamento responsável e livre que se pode perceber as riquezas pessoais e potencialidades e, então, viver sua vida como uma ocasião extraordinária de realização.

D - Vejo como muito importante, percebo que no meio universitário as pessoas não estão preparadas para lidar com as emoções e sentimentos. Não têm formação e essa ferramenta pode auxiliar muito para que possam se entender. Vejo, hoje, que, com isso, posso acompanhar melhor os trabalhos e processos dos cursos com muito mais normalidade.

O aconselhamento ensina a trabalhar com as emoções e sentimentos, pois são os sentimentos a chave para que se possa conhecer a si mesmo e aos outros. De acordo com Feldman:

Sentimentos e emoções são elementos essenciais (e fascinantes) à compreensão dos seres humanos. Além do papel objetivo que desempenham nos relacionamentos, na qualidade de vida e na saúde física das pessoas, pode-se falar ainda de seu papel subjetivo: seria exagero dizer que os sentimentos dariam, em grande parte, um sentido à vida humana? Como seria a vida de alguém que observa fatos e acontecimentos sem que eles lhe despertem qualquer tipo de emoção ou sentimento? Uma espécie de “coma emocional” em que a pessoa está fisicamente íntegra, vivendo uma rotina de trabalho, lazer, relações familiares e sociais - e ainda assim não experimenta qualquer sentimento, seja diante de eventos positivos ou negativos? Seria isso vida, afinal? (2005, p. 50).

Viscotti (1982) vai mais longe, chega a afirmar e refletir que realmente os sentimentos podem ser a própria vida do homem e sem dúvida

iluminam o significado da vida. Sem as emoções e os sentimentos, a vida seria extremamente pobre. Segundo Damásio (2004), uma pessoa incapaz de sentir pode até ter o conhecimento racional de alguma coisa, mas será incapaz de tomar decisões com base nessa racionalidade, pois, são os sentimentos que dão o equilíbrio à racionalidade. É a sensibilidade contextual do comportamento, ou seja, a capacidade de agir diferentemente conforme as circunstâncias que nos dá o equilíbrio necessário para enfrentar as dificuldades da vida de maneira saudável. Auxilia-nos a agir de forma diferente conforme os estímulos interpretados pelos sentimentos. Os sentimentos são os mapas do organismo.

Existem teorias que ensinam que a tomada de decisões pressupõe que o ser humano raciocina e age com se fosse um ser puramente racional. Que para se tomar uma boa decisão deve-se ter “a cabeça totalmente fria”, livre de sentimentos. Afirmam que, quando se deixa influenciar pelos sentimentos, o indivíduo coloca em risco as estruturas, os sistemas. Decisões sobre matar e, de como ser mais eficiente nos processos de destruição, devem ser tomadas com a “cabeça fria”.

Mas os dados neuropsicológicos apontam para um sistema que funciona de modo muito mais dinâmico, no qual a influência do contexto é de importância primordial e as vivências emocionais desempenham um papel extremamente relevante na tomada de decisões, sendo essas primordiais nas questões éticas. Arruda e Boff (2001, p. 119 -143) afirmam que o ser humano tem de ser integral, inteiro, capaz de agir com o coração e a mente.

E - Pois é como se fosse uma quebra de paradigma. Os funcionários não tinham contato nenhum com os chefes, não podiam expressar seus sentimentos e falar sobre eles, e agora eles estão começando a crescer neste processo, inclusive ontem eu terminei um curso de formação para os funcionários, um curso de aconselhamento. Usando também as técnicas do aconselhamento.

Quando os funcionários de uma empresa ou organização têm a liberdade de expressar seus pontos-de-vista, o que sentem com respeito aos processos internos, cria-se no ambiente uma afetividade extremamente saudável. O

equilíbrio e o funcionamento de uma organização estão diretamente ligados aos sentimentos que os funcionários têm sobre a mesma. Os ambientes, quando alegres e emocionalmente leves, facilitam a reflexão e a produção física e intelectual das pessoas que ali vivem. Ambientes pesados e irritadiços fazem com que se tenha uma desmotivação geral. Não se tem vontade de permanecer no ambiente. O trabalho torna-se pesado e desaparece o estímulo.

4) De acordo com sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

A - Eu vejo como um aprendizado muito importante a educação das emoções e dos sentimentos, porque é um recurso que todos nós temos. A partir do momento que eu entrar em contato com as minhas emoções e os meus sentimentos, entro em contato comigo mesmo. ...os meus sentimentos enquanto emoção generalizada no meu corpo. Enquanto sentimento concreto de raiva, de frustração, de angústia e até de alegria e de contentamento. É uma parte do conhecimento de mim mesmo.

As emoções e os sentimentos são antes de tudo, recursos pessoais que se tem, são recursos do organismo com a finalidade de auxiliar as percepções da realidade e da vida. Viscott (1982, p. 17) analisa que os sentimentos são a maneira como se percebe a energia do organismo, pois, quando acolhemos e olhamos os sentimentos, vemos que acontecem em um fluxo contínuo, uns sucedendo-se aos outros (VISCOTT, 1982) como, por exemplo, a ansiedade é o medo da mágoa ou da perda. A mágoa ou perda conduz à raiva, a raiva contida conduz à culpa, a culpa não aliviada conduz à depressão. É um processo que, quando conhecido, pode ser de grande utilidade à nossa vida.

A seguir, vamos estudar o sentimento da mágoa, poderíamos analisar qualquer outro sentimento, como tristeza ou alegria, mas, por motivos didáticos, este foi o escolhido.

A mágoa tem a função indicativa de que se perdeu alguma coisa, quanto mais importante a perda, mais mágoa. (VISCOTT, 1982) Essa demonstra aquilo que é mais importante para cada indivíduo e ensina que a pessoa é

vulnerável. O papel da mágoa é a de nos levar à honestidade. A verdade da percepção de que, aquilo que perdemos, é muito importante. A mágoa é a reafirmação da capacidade de formar vínculos, de se tornar emocionalmente revestido do mundo e de achar sentido nisso. A pessoa que vive imune à mágoa, vive imune à alegria. Não há maneira de evitar a dor se quisermos ficar abertos ao prazer (VISCOTT, 1982, p. 41).

O professor pode ensinar que o sentimento da mágoa é uma reação de seu organismo e de sua alma informando sobre o significado das perdas presentes, ou seja, uma perda que se sucede no momento do aqui-e-agora e é fundamental esse diálogo interior.

Só se sente mágoa quando se sente que algo importante foi tirado. Conseqüentemente, a mágoa se torna um recurso significativo que mostra a importância que certas pessoas, fatos ou objetos tinham para o indivíduo.

Outro sentimento importante, indicativo fundamental para o equilíbrio do organismo, é o sentimento da dor. Entra-se em contato consigo mesmo através da dor física ou da dor emocional ou do sofrimento. O organismo coloca-se em ação. Se a dor é física, busca-se um médico, e se a dor é emocional, uma emoção muito forte, tenta-se entender essa emoção conversando consigo mesmo.

Afirma Hollis (2000) que a dor emocional, o sofrimento, é fundamental para o desenvolvimento humano. Não o sofrimento buscado, procurado, pois, esse seria uma doença chamada masoquismo e exige tratamento psiquiátrico. Mas, o sofrimento normal, trazido pela vida, e do qual não podemos fugir. Comungam com Hollis os psicólogos Frankl (1999) e Becker (1995):

Existe o pensamento, talvez uma fantasia que se repete, de que o objetivo da vida é o de encontrar a felicidade, mas a psicologia junguiana, e a prática disciplinada do desenvolvimento pessoal que ela promove, oferece uma outra perspectiva baseada na suposição de que a meta da vida não é a felicidade e sim o significado... Sem o sofrimento que parece requisito epifenomenal para o amadurecimento psicológico e espiritual, permaneceríamos inconscientes, infantis e dependentes (HOLLIS, 2000, 7-9).

É fundamental ao ser humano esse contato com sua subjetividade, em linguagem junguiana, com sua alma (HOLLIS, 1998), com sua interioridade, pois é aí, no mais profundo de si mesmo, que se podem encontrar significados mais

importantes da vida. Juntando esse conceito junguiano com o de Frankl, podemos entender a alma, como nos descreve Espinosa (1998):

Um homem é o mesmo que uma alma. Alma não designa aqui uma parte constitutiva do ser humano, não é o espiritual enquanto distinto do somático, mas a totalidade e unidade daquilo que o homem é, um homem que nos é revelado como necessitado de assistência, de amparo, porque não é um ser auto-suficiente, mas enraizado, religado, que não está totalmente nas suas mãos, mas que depende de outro para existir, responde a outro. A alma é o nome do homem na sua condição filial ou criatural. O homem revela-se assim como constitutivamente desvalido, frágil, vulnerável, passível de ser ferido, exposto ao perigo. Somente de um ser concebido desta maneira justifica-se que se diga que deve ser cuidado, amparado (1998, p. 99).

Torna-se fundamental a noção de que dependemos dos outros, que não se pode construir a realidade ou o conhecimento sozinho, somos interdependentes. A criança passa de um processo de dependência para a independência da adolescência e juventude, à medida que amadurecemos nos tornamos interdependentes (COVEY, 2004). Somos construídos por nós e pelos outros através dos relacionamentos e da cultura.

B - A educação das emoções me ajuda a desenvolver um método pessoal de conversa comigo mesmo. Eu entendo assim: quando eu posso conversar com minhas emoções, posso ser mais inteiro, posso ser mais eu mesmo e entendo que, se converso com minhas emoções primeiro, e aí acredito que a educação das emoções vai ajudar justamente nisso, porque o processo é, uma vez que você sentiu determinado sentimento, entrar em contato com ele.

Entrar em contato com os sentimentos através de perguntas, um diálogo que se faz interiormente: o que sinto agora? De onde vem esse sentimento? O que aconteceu nesses dias? O que esse sentimento quer dizer? O que gerou esses sentimentos? Como me vejo escutando meu coração? Enquanto se faz esse processo, se permanece na interioridade. Caso não haja este tipo de reflexão, corre-se o risco de ir à direção daquela realidade que gerou o sentimento, que ativou aquele sentimento, não sendo elaborado, pode gerar um conflito maior, aumentando ainda mais a emoção e reforçando os sentimentos. Com isso, entra-se em um

processo de desequilíbrio pessoal. Podemos chegar à agressão da fonte que estimulou aquele sentimento sem entender que o sentimento, em primeiro lugar, é um grito de nossa interioridade, alertando que se necessita ter maior atenção à vida.

Alguns indivíduos não entram em contato consigo por não conseguirem permanecer em diálogo interior. Não conseguem prestar atenção à sua alma, segundo Frankl (1998), e, portanto, negam os sentimentos, aos poucos vão se mostrando incapazes de um relacionamento sadio, não conseguem ser afetivos, não mostram alteração emocional. Diante do choro ou do retraimento do mais frágil, não esboçam reações. Não se embaraçam mais, desaparecendo totalmente o rubor.

Na seqüência, seguindo uma ordem lógica e perversa da negação de si mesmos, prejudicam-se na leitura ética e moral dos acontecimentos. O relativismo ocupa o vazio do sentimento, entretanto, tudo isto não significa que não tenham emoções. Eles têm, mas, em relação a eles mesmos, não conseguem olhar as emoções, não entendem o que ocorre em seu íntimo, não conseguem refletir e entrar em diálogo com sua interioridade.

Doentes, confusos, como nos ensina Damásio, vão se tornando frios, as relações cada vez mais pobres, falam constantemente em rompimento; de fato, tais indivíduos são incapazes de manterem-se em um processo de simpatia, empatia ou gratidão, isto pode explicar porque são tão desejosos de infligir sofrimento e dor em outras pessoas sem sentir qualquer remorso. Para eles, as emoções de outras pessoas não têm qualquer importância, se um colega de profissão sofre ou se um professor passa apuros, para eles não faz diferença. Se um aluno está triste ou transtornado, não diz nada à sua sensibilidade. É onde encontramos a psicopatia, uma doença.

Esses indivíduos vão se tornando nervosos e transtornados, reagem a tudo, e, rapidamente, com sentimentos agressivos. (Damásio, 1998). Orgulham-se de sua perspicácia, da retidão de seus raciocínios lógicos, são muito irritáveis e também sensíveis a qualquer coisa que lhes atrapalhe o caminho. Explodem em palavras de humilhação, causando vergonha e retraimento em sua volta. Com relações às emoções positivas, eles obtêm prazer através da sensação de dominância, de busca de poder, e sentem satisfação por isto. São capazes de prejudicar colegas para terem uma promoção ou mesmo mentir para conseguir seus objetivos. Sempre sem peso de consciência, pois não sentem, perdem o contato com a moralidade e a ética.

Mas, é possível romper esse círculo, ensinando o indivíduo a se apropriar de seus sentimentos e emoções, sendo o processo educacional um poderoso auxiliar no equilíbrio relacional. A educação pode ser extremamente eficaz na prevenção desses processos doloridos, pois ensina o valor de escutar a si mesmo, de fazer silêncio, de refletir sobre o que se sente, permitindo sentir o que se sente.

Observando, no senso comum, é isso que acontece: as pessoas atuam muito no sentimento, normalmente sentiu raiva, já está xingando o mundo, quebrando tudo; sentiu amor, já está se envolvendo, em uma postura de ação – reação, muitas vezes sem refletir sobre esse sentimento. Conseqüentemente, isso traz um prejuízo muito grande aos relacionamentos e a todos os segmentos da vida.

A - Eu acredito que a educação das emoções ajuda a estar em contato com você para, com isso, de fato, entrar em contato com o outro. Com outro real, pois, se você entra em contato com o outro na sua emoção, você projeta no outro o que você está sentindo. Muitas vezes responsabilizando o outro por isso. E se você entende sua emoção, pode ir em direção ao outro na objetividade dos acontecimentos. Esta é a grande novidade, o grande ganho que se tem em relação às emoções. Então, eu acredito que é [...] necessária uma educação das emoções.

Saber responsabilizar, ou seja, promover no educando a percepção de que é responsável por seus atos e por sua vida, mostrando que ele é o dono de seus atos, é o objetivo da educação das emoções. Arelados ao conceito de responsabilidade, temos dois outros que o acompanham necessariamente: o de liberdade e o de criatividade.

John Powell (1969), psicólogo da Universidade Católica de Washington, entendia que jogar a responsabilidade dos sentimentos em outrem é fugir da liberdade de viver. A educação dos sentimentos e das emoções auxilia na compreensão do indivíduo a respeito de si mesmo. É sadio aceitar e estar aberto a todas as reações emocionais, sem julgá-las ou tentar sufocá-las. Os sentimentos se constituem na chave para a compreensão pessoal, é necessário, para o desenvolvimento pessoal, aprender a escutá-los. Afirma Powell: “Existe um princípio fundamental que necessito aprender se quiser compreender o ser humano, o

princípio de que ninguém pode causar ou ser responsável pelas emoções e pelos sentimentos dos indivíduos.

Quase sempre, o indivíduo sente-se bem quando responsabiliza os outros pelo que acontece em seu interior. “Você me fez ficar triste... Você me magoou... Você me deixou ciumento...”. Mas, o fato é que o outro não consegue fazer você ter um sentimento ou outro. A única coisa que alguém pode fazer é estimular as emoções e os sentimentos que existem dentro de nós. Mas, nunca se pode causar um sentimento que eu quero que o outro sinta. Os sentimentos e as emoções já estão todos no organismo, aparecerão quando forem necessários, quando a consciência quiser indicar algo. Não é o outro que coloca sentimentos em mim.

Existe uma diferença muito grande entre causar e estimular explica Powell: “Causar é um processo pelo qual eu provoço, direta ou indiretamente, um tipo de reação em alguém, ou em uma realidade, então me torno responsável para que suceda esse processo. A palavra causar traz em si a noção de responsabilidade. Estimular é proporcionar condições para que algo se suceda, é dar incentivo a alguma coisa. Tem em si a conotação de respeito, de proporcionar condições para que algo se realize. A diferença entre causar e estimular emoções não é apenas um jogo de palavras. Se eu acredito que você tem o poder de fazer com que eu me sinta assim, eu coloco em você a responsabilidade de meus atos. Ao acreditar que outra pessoa me faz experimentar determinado sentimento, eu transfiro minha liberdade e responsabilidade ao outro”.

É fundamental a compreensão deste processo, não se consegue, por mais que se queira, fazer com que o outro se sinta dessa ou de outra forma. É importante que se compreenda a verdade que existe nessa distinção. Sabe-se que não se pode fazer uma pessoa ficar com raiva, medo ou ciúme, pois, se não acreditar que isso é possível, o indivíduo vai negar os mecanismos fundamentais de regulação do sentimento. Se, pelo contrário, aceito o princípio de que os outros só podem estimular as emoções, como ensina Powell, que já são latentes em mim, então permito que elas venham à tona e toda a situação se torna uma experiência de aprendizagem. Não existe mais um processo de determinação externa, mas sim um processo de regulação do organismo.

Um indivíduo que aprende o processo de regulação do seu organismo vai lidar com suas emoções e sentimentos de uma maneira muito

proveitosa. Ele não vai mais se permitir escapar de seus próprios sentimentos julgando e condenando outras pessoas, fazendo estas responsáveis pelos processos interiores que vive. Ele tornar-se, cada vez mais, uma pessoa que pode crescer e se desenvolver em contato com suas verdades interiores.

A aceitação dos sentimentos pode levar a entrar em contato com o outro, em uma verdadeira relação afetiva, relação, então, consciente, marcada pelo respeito e ética, pelo equilíbrio de alguém que se respeita em seu processo de interioridade.

Relação que passa a ser pontuada pela liberdade e responsabilidade de indivíduos que sabem entender seus processos emocionais. Quando não temos consciência do que sentimos, projetamos nos outros os nossos sentimentos e o mundo que não queremos ver em nós mesmos. A superação dessas projeções é possível através da educação. E todos os sentimentos são passíveis de educação, como ratifica Thums:

O amor é um sentimento que temos de educar, como a mirada para compreender a pintura ou o ouvido para poder escutar música, se quisermos chegar a ser verdadeiros amantes. A aprendizagem consiste em buscar previamente uma autêntica comunicação, não só entre os homens, mas com suas intimidades e segredos mais recônditos. A diafanidade das almas é a base da relação humana, pois só em um mundo transparente e confidencial podemos ir fazendo verdadeiros amantes. Também é necessário abrir-se aos outros, não por uma terapia coletiva, solução infantil de hábeis neuróticos que instrumentalizam a auto-confissão, mas rompendo as barreiras do eu... Para saltar ao ser do outro, vendo a timidez que nos oprime, quebrar a solidão que ensombrece e incomunica (GURMÉNDEZ, 1984, p.226 apud THUMS, 1999, p. 137).

Nascemos humanos, mas, necessariamente, para desenvolver essa humanidade, temos de passar por processos educativos, temos de aprender a sermos humanos. E para que isso seja possível, temos de aprender a interagir, a nos relacionarmos. O ser humano necessita de um processo educacional para desenvolver as primeiras habilidades que apreende com a mãe. E a educação é um componente essencial e estrutural da vida do ser humano. A humanidade se constrói na família, na escola e nas mais diversas interações, mas sempre acontece junto ao outro ou ao meio que o ser humano construiu. Nem sempre aprendemos o melhor. Mas, tudo passa por um processo de assimilação, acomodação, ensaio – erro.

Na medida em que vamos crescendo, a linguagem afetiva é fundamental. Nos primeiros meses tudo é basicamente afeto, é a linguagem que acompanha os bebês em um lar sadio. Para que se cresça bem, são necessários vínculos afetivos, de acordo com Thums:

O amor é, sem dúvida, o maior possibilitador do aprender, do potencializar a aprendizagem e não pode ser substituído por nenhum outro sentimento. A aprendizagem consiste em ser capaz de vincular intersubjetivamente as consciências, aprender seus significados. O mundo em que vivemos não é um mundo de coisas simplesmente, mas um mundo de coisas com significados. Os significados são sempre valorados subjetivamente, (com base na sua objetividade material real), isto quer dizer que damos sentido, sentimento, significado – damos conhecimento! (1999, p. 130).

B - Eu acho não só importante, mas fundamental esse olhar para as emoções e sentimentos. O que eu tenho notado da minha prática de escuta e de ensino é que, quando se toca na questão dos sentimentos, as pessoas tendem a fugir de seus próprios sentimentos. Tendem a olhar para eles com aqueles chavões já conhecidos como: sentimento - não se pode sentir; sentimento - não é coisa para homem; sentimento - é sinal de fraqueza.

Sentimento não é questão de fraqueza. Pode-se notar a importância fundamental dos sentimentos, pois auxiliam até o planejamento de ações. Sentimento visto como fraqueza ainda é um resquício de nossa educação latino-americana que via o sentimento como sensibilidade feminina. Como consequência, não tinha valor, não tendo valor, não cabia como um processo masculino que era de lógica e racionalidade. O homem latino sempre foi apontado como frio, dono de suas ações entendidas como fruto de uma racionalidade total, enfim um homem macho, calculista. Damásio (1998, p. 13) complementa a reflexão, escrevendo:

Limito-me a sugerir que certos aspectos do processo emocional e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade. No que tem de melhor, os sentimentos encaminham-nos na direção correta, levam-nos para o lugar apropriado do espaço de tomada de decisão onde podemos tirar partido dos instrumentos da lógica. Somos confrontados com a incerteza quando temos de fazer um juízo moral,

decidir o rumo de uma relação pessoal, escolher meios que impeçam a nossa pobreza na velhice ou planejar a vida que se nos apresenta pela frente.

Esse pensamento e reflexão também são reforçados por Marilda Behrens (2003, p. 8) quando explica o novo paradigma social e histórico e demonstra que a compreensão do ser humano deve ir muito além do culto do intelecto:

O paradigma emergente e a prática pedagógica. O exílio do coração é também o exílio do homem na sua inteireza: pois, quando dele se trata, também é necessário considerar sua corporeidade; seus interesses, desejos e necessidades, além de seus conhecimentos. Aliás, as teorias cognitivas da aprendizagem, que fundamentam a proposta inovadora, consideram todas essas dimensões do homem, o que já desautoriza, no âmbito científico, o culto exclusivo do intelecto.

B - A educação para os sentimentos me parece a pedra fundamental para que as pessoas possam se compreender nos seus próprios processos, possam crescer, amadurecer. Não vejo possibilidade de amadurecimento enquanto as pessoas fogem de seus sentimentos, não se entendem, não se compreendem, não são educadas para se permitir a vivência dos próprios sentimentos.

Uma das coisas mais difíceis e, contudo, mais importantes que qualquer ser humano tem de aprender é entender a si próprio, conviver com os outros, e relacionar-se com os sentimentos. A primeira educação dos sentimentos e afetos acontece na infância, nos primeiros meses e anos de vida, relata Bettelheim (1989). A criança aprende com os sentimentos de afeto na família, o exemplo dos pais e a convivência com os familiares. A base afetiva é fundamental para se estruturar as dimensões de vida e perspectivas de adequada convivência humana. Junto à afetividade é desenvolvida a moral que se aprende a partir do princípio da realidade, princípio que ajuda o indivíduo a adiar o prazer imediato para desejar obter satisfações mais duradouras no futuro e que provoca o desejo, o qual é estimulado pelos sentimentos mais profundos. Segundo Bettelheim:

Assim, embora a consciência se origine no medo (e em outros sentimentos), qualquer aprendizado que não seja imediatamente

desfrutável depende de formação anterior de uma consciência. É verdade que o medo excessivo interfere no aprendizado, mas por um longo tempo qualquer aprendizado que imponha séria concentração não avança de maneira satisfatória, a menos que seja também motivado por algum medo controlável (1989, p. 125).

A vivência dos sentimentos é muito importante para o equilíbrio do ser humano, pois cada sentimento possibilita a compreensão de determinadas situações ou fatos que vão se sucedendo na vida. Se, desde pequenos, os indivíduos aprenderem que os sentimentos são importantes, acostumarão a escutá-los e acolhê-los. Em uma sociedade em que as relações afetivas, profundas, são negadas ou não são aceitas, o aconselhamento pode ser muito útil como processo de restauração da humanidade. Os sentimentos nos tornam humanos, pois, de acordo com Viscott, “Não estar cômnicos do sentimento de alguém, não compreendê-los ou não saber como usá-los ou expressá-los é pior do que ser surdo, cego ou paralítico” (1982, p. 11).

O risco de não se permitir a vivência dos sentimentos é perder o contato com os sentimentos como indignação e injustiça. Barrington Moore (1987), no seu magnífico livro “Injustiça, as bases sociais da obediência e revolta”, mostra que, sem perceber os sentimentos ou sem entendê-los, o homem perde a dignidade ou a própria capacidade de reação diante dos piores fatos da vida. Permanece sem defesa, é incapaz de tomar consciência de situações éticas ou morais, pode agir incoseqüentemente.

C - Você tem de gostar de todo mundo, não é assim? Ninguém gosta de todo mundo. Você na verdade escolhe, com direito, as pessoas de quem gosta e quer se relacionar. Isso não significa que você vai excluir os outros.

A palavra dita pelos pais ou pessoas significativas a uma criança tem força de obrigatoriedade. Quando uma autoridade diz: “Você tem de gostar de teus colegas de sala!”, “Você tem de gostar de teus parentes e professores!”, cria um clima psíquico, uma obrigação ética e moral na cabeça da criança em formação. “Você tem de gostar” é afirmado como se fosse possível disparar os sentimentos a partir de comandos racionais, como se os sentimentos fossem frutos da vontade do

indivíduo, como se a vontade fosse soberana sobre os sentimentos, a vontade não o é. Você, na verdade, não “tem de gostar”, mas deve e todos devemos aprender a respeitar os outros.

C - Se eu começar a ser totalmente indiferente às pessoas, ao ser humano, eu vou começar a queimar índio, queimar pobre, porque não representam nada para mim. Eu vejo que trabalhar valores e emoções e a relação entre as pessoas é fundamental.

Existem sentimentos que dependem de um processo de educação mais afinado, que surgem como frutos de uma educação e têm como fundamento a ética e a moralidade. Sabe-se que sentimentos como compaixão, sensibilidade social, frustração, inutilidade, impotência, indignação são fundamentais para a sobrevivência do ser humano como ser consciente e livre. A habilidade para perceber a existência da futilidade e da artificialidade de ser está ligada diretamente à capacidade de sentimentos que se aperfeiçoam com a educação de valores. É por isso que se escuta – “Este indivíduo possuiu uma sensibilidade extraordinária!”. Esse fato foi constatado por Frankl (1998) e Bettelheim (1989), dentro dos campos de concentração.

Quando a educação respeita os processos de desenvolvimento do indivíduo, sem dúvida ocorre um aprendizado de valores de vida. Quando escutado, aprende a escutar. Mas, a base dos sentimentos mais elevados está fundamentada na educação dos valores e dos sentimentos.

Costumamos dizer: “Esse indivíduo tem bom senso”. Os sentidos de equilíbrio, de justiça, do dever, enfim os sentidos em geral se perderam. Como se constituem os sentidos? Os sentidos vêm de análises da experiência, sendo estas embasadas em valores que, por sua vez, têm sua fundamentação nos sentimentos, como nos ensina Bonder (2001). Quem tem equilíbrio e bom senso, não aceita a corrupção, sente-se indignado com a impunidade. Um professor que foi educado no sentido de justiça é capaz de sentir-se emocionado diante de uma injustiça gratuita a um aluno. O aluno diante da frieza institucional da postura do professor aprende rápido. Vejam o fenômeno do “*bulling*” que, muitas vezes, nada mais é que a reprodução do que se sucede em sala de aula. Diante da postura arrogante do professor, os alunos aprendem a ser inseqüentes com seus colegas.

Vivemos tempos complexos, tempos de pós-modernidade, tempos em que se valoriza a mediocracia e a aparência. Tempos em que é importante aparecer com poder, em que os sentimentos são olhados com indiferença e frieza. Vivemos um tempo em que inteligência é não se envolver com nada, principalmente com a dor alheia. A situação se tornou tão significativa que se considera socialmente bem sucedida a pessoa que não sente nada perante a dor de seus pais ou seus irmãos. É a máxima da ataraxia atual. Diz-se socialmente: “Esse indivíduo é equilibrado! Não se deixou abater pelas dores dos seus”.

A mídia fortalece posturas como a de “Rambo”, um personagem de filmes americanos, ou de atores de filmes como “Duro de Matar”, nos quais a seqüência lógica de mortes e situações limites levaria qualquer um à depressão ou loucura. Os nossos heróis sorriem, sentam, fumam e bebem tranqüilamente. Mata-se toda possibilidade de sentimentos. É o cultivo e elevação social da doença. Cultivo de uma educação feita para a loucura. A exaltação total da indiferença. A valorização da ausência de interesse com relação a um ser, ou aos homens em geral, a negação da possibilidade de sentir amor, compaixão ou ternura. O fundamento da indiferença está na falta de consideração e se alimenta no desdém e menosprezo do outro, pois o fundamental é não se permitir sentir, processos que são fundamentais para se dar bem na vida (ROJAS, 1996).

Agnes Heller, socióloga, é vista por Thums (1999, 30-41) como autora da compreensão dos sentimentos como um implicar-se: sentir significa estar implicado em algo:

A implicação não é um “fenômeno concomitante”. Não é que haja ação, pensamento, reação, e que tudo isso esteja acompanhado por uma implicação, trata-se de que a própria implicação é o fator construtivo, inerente do atuar, pensar, etc. que a implicação está incluída em tudo isso, por via da ação ou da reação (Heller, 1982, p.19, apud Thums, 1999, p. 32).

Quando estou implicado, estou envolvido, torno a situação necessária, imprescindível. Torno-a vivência, algo importante em minha realidade existencial. Para que isso aconteça, precisa que o indivíduo se permita viver os sentimentos. A implicação sempre tem a ver com o sentido encontrado pelo sujeito em cada situação. Vygostky explica a importância das emoções e dos sentimentos:

Atuar, pensar, sentir e perceber são, portanto, um processo unificado. Durante o desenvolvimento do Ego, ação, sentimento, percepção e pensamento se diferenciam funcionalmente, num processo paralelo, se reintegram mutuamente logo em seguida. Como não há sentimentos humanos sem conceitualização ou, pelo menos, sem relação à conceitualização, de modo igual, tão pouco pode haver pensamento (deixando entre parêntesis o pensamento simplesmente repetitivo) sem sentimento. Como dizia Wittgenstein: “as emoções se expressam em pensamentos”... “Um pensamento me suscita emoções”. Se admitirmos tudo isso, então como explicar a rígida separação entre sentimento e pensamento na consciência cotidiana e, como temos visto, também na ciência?”. (VYGOSTKY, 1987, apud THUMS, 1999, p. 35).

D - Vejo como muito importante, percebo que, no meio universitário, as pessoas não estão preparadas para lidarem com as emoções e os sentimentos. Não têm formação e essa ferramenta (do aconselhamento) pode auxiliar muito para que possam se entender. Vejo hoje que, com isso, posso acompanhar melhor os trabalhos e processos dos cursos com muito mais normalidade.

Preparar-se para lidar com as emoções e os sentimentos é viver um processo de educar para a atenção interna. Quando não se tem o hábito, pode ser difícil voltar o olhar para o próprio interior. Não se sabe por onde e nem como começar. Sensações, sentimentos, emoções, pensamentos, imagens, temores, desejos podem estar amontoados e confusos a ponto de não permitir uma distinção e nem mesmo uma percepção muito clara (FELDMAN, 2004, p. 169-180). O processo do desenvolvimento pessoal prevê, portanto, um treinamento para a atenção interior, para a auto-observação. Exige um aprender a permanecer em silêncio consigo mesmo. É um processo de aprendizagem em desligar-se dos barulhos exteriores e concentrar a atenção no fundamental. É como que um tomar pela mão na aprendizagem da distinção, antes de tudo, das diversas linguagens com que se expressam a componente física, emotiva e mental (DANON, 2000).

Uma formação para lidar com os sentimentos implica em entendê-los. De acordo com Pino (2001, p. 20):

Os sentimentos são algo de que se vale o sujeito, algo constituinte do ser, mercê ao qual o indivíduo se apropria dos objetos e de si

mesmo, se interessa por eles, para fazê-los seus ou para distanciar-se deles e, como conseqüência, se fazem no mundo e na realidade psicossocial. Os sentimentos constroem a biografia do sujeito, porque, como condições prévias, sobrevivem biologicamente.

Os sentimentos têm a função de alimentar a vida afetiva do ser humano, uma função de sobrevivência bio-psíquico-social, através da satisfação de seus desejos de posse, ou de destruição daquilo que o atrapalha. Os sentimentos são instrumentos dos quais dispõe o sujeito para o relacionamento emocional ou afetivo em todas as dimensões relacionais. Pino (2001), na seqüência, afirma que “Os sentimentos têm a função de nos vincular eficaz e interessadamente com a realidade para que se possa unir-se a ela com um laço afetivo”.

Aqueles têm a finalidade de criar uma organização hierarquizada dos valores, uma organização particular exclusiva de cada indivíduo, portanto, egocêntrica. Pino, (2001). O que confere subjetividade ao modo de relação de cada indivíduo com a realidade e com os objetos que a constituem, assim como o valor que se dá a cada objeto. Estes são estados do sujeito, porque, em certo sentido, o qualificam e estimulam para que se modifique.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

A - Quando [o pedagogo] é educado no aconselhamento, sai daquela postura muitas vezes de que [é] o portador do saber para entender que naquele indivíduo que está ali, mesmo [sendo] uma criança, existe também um saber. Nela também [há] um saber. E a troca desses saberes [...] é que vai construir um novo saber. Que não é o meu saber pronto que tem toda a verdade.

Marmilicz (1998, p. 19) aponta que a detenção do saber como propriedade de um indivíduo é fruto de um professor ou formador autoritário. Os professores autoritários apresentam as “normas” do saber de modo rígido, querem o reconhecimento da própria superioridade na competência. Demonstam distância e controlam o comportamento. Vivem uma constante relação de incongruência. Não

escutam, não olham, não acolhem. Estão atentos ao seu processo pessoal. Não conseguem enxergar o outro. Vêm-se portadores do conhecimento e do saber.

É necessária a superação desta postura de autoritarismo e a procura de uma postura, na expressão de Marmilicz, "*autorevole*", palavra que não existe em português e o autor explica:

Para a palavra italiana "*autorevole*" não se encontra uma tradução em português com a mesma equivalência. Ela quer dizer ao mesmo tempo maturidade, prestígio, modelo da parte do educador... **(e diz citando Franta,)**... O verdadeiro educador interage, ao invés, em função de guia *autorevole* quando vem reconhecido pelos educandos como pessoa que possui competências objetivas e normativas; pela sua conhecida e aceita autoridade em modo construtivo através de funções que orientam e regulam... Intervém na vida do educando ajudando-o a ser protagonista de sua própria vida (1998, p. 22-23).

A postura que auxiliará o professor na relação é a que se faz na capacidade do diálogo, capacidade que reconhece o estudante como alguém capaz de ser auto-sustentável em seu processo. Lendo-se aqui auto-sustentável como capaz de gerir seus processos vitais, de ser livre e responsável, tendo em si a capacidade de resolver seus problemas e agir de maneira construtiva.

A segunda postura é a de favorecer a comunicação em função das soluções comuns dos problemas, ou seja, permanecer em uma postura de abertura, facilitando que o aluno se expresse e valorizando as suas colocações. Também demonstrando que procura junto com ele soluções aos problemas surgidos na sala de aula.

Pedro Demo (1997, p. 243-264), analisando a ética e a intervenção do conhecimento, reconhece que o saber é um fenômeno de reconstrução humana, e, portanto, supõe a ação de sujeitos livres e responsáveis, logo o professor tem de reconhecer o aluno como sujeito de construção de conhecimento. Segundo o autor:

Quando um sujeito reduz outro a objeto, pode determinar a este maior impacto, mas destrói a relação de sujeitos. O que parecia eficiente é apenas degradante. Assim, o poder do conhecimento tem o seu lado hermenêutico, por influir menos pelo que diz, e mais pelo que supõe. Daí segue que, melhorando substancialmente o manejo do conhecimento, melhorando as condições de uma intervenção mais efetiva, mas apenas como pressuposto necessário, não como impacto peremptório. Afinal, podemos conhecer melhor, para atrapalhar ainda mais o processo decisório. Imbecilizar com competência também é competência humana (DEMO, 1997, p. 244).

Portanto, é fundamental termos uma postura mais dialogal e responsável, que reconhece que o outro também traz um conhecimento para a relação.

B -... Seria muito importante introduzir o aconselhamento na grade do curso de pedagogia, porque o mundo em que estamos vivendo é um mundo de não-relações... Se o processo da educação, da pedagogia, dos professores, enfim se todo esse processo é um processo de aprendizagem, temos de ver que é urgente voltar a aprender o processo de nos relacionarmos. Seria muito importante a inclusão de uma disciplina que ensinasse a lidar com os sentimentos, ensinasse essa questão do aconselhamento.

Existem certas habilidades que poderiam ser transmitidas no processo de formação do pedagogo. Habilidades processuais, isto é, competências que são transmitidas através do ser do educador e são expressas na relação professor – aluno, como a compreensão empática, entendida como habilidade de participar de sentimentos e reflexões do outro. Essa aceitação incondicional do sujeito ou consideração positiva deste ou a habilidade de aceitar a pessoa - o ser humano em sua dignidade - não necessariamente concordando com suas atitudes e comportamentos. Dentro do processo de aceitação incondicional existe um elemento de consideração positiva, isto é considerar o outro capaz de melhorar e de construir sua vida, de construir relações e conhecimento. A habilidade de construir-se com autenticidade, ou seja, capacidade de ser congruente, respeitando-se no processo da atração vital a ser mais humano, como afirma Frankl (1999). Ser autêntico é ser capaz de respeitar o desejo mais profundo do ser humano, ou seja, o de ser melhor, mais inteiro e completo.

Essas habilidades todas são passíveis de serem apreendidas e desenvolvidas (MARROQUIN, 1982). O aprendizado dessas habilidades pode ocorrer através de seminários ou laboratórios e se constituiriam como aprendizagem da arte de ser educador.

Assim, poderia ser superado o que nos diz em sua entrevista um dos professores: “Ou seja, se o professor não sabe se relacionar com seus alunos, ou se relaciona a partir de conceitos de domínio, de imposição e não de conceitos

relacionais e de empatia, de compreensão e de escuta do aluno, então, dificulta o processo de aprendizagem”. E, na posse das habilidades relacionais, chegaríamos a um professor “que sabe escutar e que sabe se relacionar, sendo este um professor que, conseqüentemente, vai conseguir transmitir a sua matéria, a sua disciplina, enfim, vai conseguir ajudar na aprendizagem deste aluno...”.

E – Há uma distância muito grande no meio acadêmico entre professor e aluno. A competição é muito grande, o problema é muito grande. O jogo de interesses, o número de depressão entre os nossos colegas de doutorado é enorme, eu percebia que essas pessoas me procuravam para poder desabafar. Vinham pedir um conselho para saber o que fazer, que caminhos tomar, então... O aconselhamento seria de grande importância para diminuir essa distância entre professor e aluno e humanizar esse ambiente, que está muito exigente, muito competitivo.

Pode existir um processo de depressão exógeno? Pode-se causar depressão em alguém? Imoda (1993) aponta que certas posturas podem ser danosas ao ser humano, sabemos todos de experiência pessoal que certas posturas e colocações fazem muito mal: Com freqüência, ocorrem encontros ocasionais que se transformam em eventos educativos ‘transformadores’ e de excepcional valor, enquanto certas presenças ‘educativas’ não raro mostram-se inúteis ou mesmo danosas (IMODA, 1993, p. 15).

Sabe-se da existência de ambientes danosos, ambientes onde sistematicamente se fala mal de professores. Sabe-se de ambientes em que o valor está só na estrutura e ela sistematicamente “engole” educadores. Existem sistemas educacionais que vêem o profissional simplesmente como um número, situação que lembra muito a despersonalização humana. Há posturas que podem prejudicar o ser humano e causar-lhe muito mal. Um ambiente frio e despersonalizante pode proporcionar um sentimento de tristeza profunda. Sabemos também que um ambiente competitivo ao extremo leva o ser humano a estados de depressão, de impotência profunda.

Jaime Sebarroja (2003) comenta que a realidade presente, quando fechada, nos tira energia vital:

Somos escravos do presente, de uma realidade de contornos lineares, fechados, uniformes, delimitados pelas circunstâncias imediatas. Nosso olhar resiste se voltar para trás e se projetar livremente no futuro. Pensamos de modo excessivamente restrito e único, apesar de tanta retórica entorno do pluralismo e da diversidade que, diga-se de passagem, permanecem meio letárgicos, carentes de energia, sem asas para empreender vôo para horizontes distantes (SEBARROJA, 2003, p. 9).

Sanders (2002) reflete que o aconselhamento, como um processo de construção de relacionamentos, faz parte das relações significativas que alteram os processos vitais das pessoas e todos esses podem ter efeitos que geram sanidade ou doença nas pessoas, e, entre essas doenças, o processo pré-depressivo. Podemos construir relações de dominação e de opressão. Existem relações que são de extrema maldade (GRUN, A. MULLER, 2000) e, com certeza, podem adoecer o ser humano. Portanto, toda relação significativa pode produzir benefícios ou prejuízos às pessoas. Importa muito o “como” nos relacionamos com os outros.

Todas as pesquisas apontam que existem certas condições ou dimensões, nos processos de encontro entre as pessoas que são fundamentais, determinantes, no processo relacional e que ativam doença ou sanidade (MARROQUIN, 1982). Esse grupo de dimensões é crucial a todo processo interativo. Somos, em grande parte, o resultado das relações interpessoais que estabelecemos em nossas vidas. O ser humano é um *Ser Relacional*, muito mais do que um ser racional. Somos relacionais em três dimensões: Trans-Relacional, Inter-Relacional e Intra-Relacional, como afirma Trevisol (2003). Unimos em nosso processo histórico a descendência genética e as influências sociais. E, para o equilíbrio psico-físico-social-espiritual, as três relações devem ser mantidas.

Na Formação dos Professores

A – Porque, hoje, o que está mais se observando nas relações é a qualidade do relacionamento... Quais são as habilidades que ele tem? De empatia. De acolhimento do outro e de respeito para com o outro... Eu posso desenvolver a habilidade de empatia, de congruência, de viver os próprios sentimentos; se elas são desenvolvidas, então se presume também que elas podem ser incluídas como a grade curricular na formação deste docente.

Miranda e Feldman (1998) trazem alguns princípios que são fundamentais para um relacionamento eficaz: primeiro, necessitamos ter a consciência de que ninguém sai ileso do encontro com outra pessoa. Todo encontro é uma opção e é desta opção que posso fazer este relacionamento ser mais ou menos produtivo. Todo relacionamento ou encontro nos marca, alguns superficialmente, outros profundamente. Com isso, temos uma contínua relação de causa e efeito entre as pessoas - uma causa efeito sobre a outra e vice-versa. Mesmo que não possamos perceber o efeito. Esses efeitos são especialmente marcantes quando uma das pessoas é considerada significativa.

Afirmam (Miranda e Feldman, 1998): A pessoa significativa é aquela que: a) tem maior influência sobre a outra por causa do papel social que desempenha. Como, por exemplo, os professores. b) apresenta características especiais no relacionamento interpessoal: afetividade, disponibilidade, calor humano, aceitação, respeito, empatia, tolerância. Essas características independem do papel social que a pessoa desempenha. A essas características chamamos de habilidades interpessoais. O resultado do encontro entre duas pessoas depende da presença e da intensidade dessas habilidades. Elas podem ser aprendidas e desenvolvidas, por isso é possível um trabalho de formação dos professores.

Essas habilidades, apesar de caracterizarem a postura do aconselhamento, são básicas a qualquer encontro entre duas pessoas, mesmo que não lhe seja dada a conotação de ajuda. São elas que determinam a qualidade desse encontro.

B – Eu não diria que seria simplesmente benéfico, mas imprescindível, fundamental. Acho que hoje, neste contexto, vivendo toda essa realidade que estamos vivendo, não ter uma disciplina de aconselhamento é uma perda muito grande. É formar professores e educadores com uma visão muito defasada. Quer dizer que intelectualmente você prepara, mas emocionalmente os deixa muito despreparados. E não se pode esperar muita coisa de uma pessoa que humanamente e relacionalmente não está bem preparada. Seria arrumar de um lado e deixar desarrumado dos outros.

A disciplina de aconselhamento poderia ser construída em termos de laboratório, ou seja, de um espaço onde durante uma hora e meia os alunos possam aprender o processo de relação interpessoal e desenvolver as habilidades e competências necessárias para uma interação mais eficiente e eficaz.

C – Veja, eu fiz três faculdades e fico abismada com a incapacidade de se relacionar de vários professores universitários, com o comportamento deles, são incapazes de se comunicar até com os colegas e têm aquela visão autoritária de que “eu sou o professor”. Em vez de terem noção de que muitas vezes eles não têm algo valioso que os alunos têm. São mal informados ou mal formados e não conseguem melhorar a relação, na verdade nem com eles mesmos.

Poder-se-ia construir estratégias de relação educativa, processos colocados por Marmilicz (1998, p. 139-149), que se constituiriam, em um primeiro momento, na construção de um projeto educacional construído, pensado, tendo em mente a necessidade de dar ferramentas para o desenvolvimento de competências relacionais. Em um segundo momento, faríamos a opção por trabalhos em grupo. Laboratório, seminário e oficina teriam como centro sempre o grupo, pois esses auxiliam para que as partilhas e correções sejam entendidas como processo. No terceiro momento do projeto, através de uma interação, possibilitar-se-ia uma supervisão constante do educador. Seria, na verdade, um processo todo de formação.

D – O aconselhamento teria muito a contribuir no ambiente de mestrado e doutorado, pela experiência que tenho, vejo que o grande problema é o de relação humana. A prepotência dos orientadores faz com que criem um bloqueio e acabam não se entendendo por isso. Na hora que discutem pontos-de-vista, não conseguem chegar a um senso comum. Vejo que hoje este trabalho devia ser mais humano e os orientandos (certamente os alunos) produziram muito mais.

O que o professor pode fazer para modificar sua prática? Para desenvolver competências relacionais é preciso, antes de tudo, reconhecer que somos seres em processo de desenvolvimento, podemos sempre crescer e aprender a nos relacionar. Na seqüência, aprender a focar a sua atenção no ser humano, trabalhar visando entender as questões relacionais e mobilizar seus conhecimentos, aprofundar o que se conhece sobre o homem. Isto pressupõe um desejo de viver em processo e exige um querer aprender e ser. Também é necessário entender que nunca chegamos, que sempre estamos a caminho.

Nós, professores, temos de compreender que transmitir conteúdos, apresentar a matéria, discutir os projetos não é o centro de nossa profissão. O processo de aprendizagem, hoje, deveria ser mais do que pensar, criar, e desenvolver situações de aprendizagem. Ensinar, hoje, tem uma dimensão maior, exigida pela carência do momento histórico, social, político e econômico, onde ainda é enorme a distância entre os que detêm o poder e os que dependem deles. Ainda é enorme a diferença entre oprimidos e opressores, talvez até maior que a apontada no século passado. E não só no aspecto político e econômico, mas, principalmente, no aspecto social, relacional. O momento exige uma contribuição para o desenvolvimento de competências e habilidades básicas relacionais. (Perrenoud) Para os que entendem de educação, trabalhar no desenvolvimento de competências não é uma obrigação, mas o resultado natural da reflexão sobre o social e o processo de construção de cidadania. Cabe aos professores se perceberem como organizadores de situações didáticas e de atividades que têm sentido para os alunos, envolvendo-os, e, ao mesmo tempo, gerando aprendizagens fundamentais. E não existe nada mais fundamental que o relacionamento.

A - Uma professora uma vez me disse que uma sala de aula estava rejeitando todos os professores. E ela ficou pensando: “Por que será?” E descobriu que tinha morrido um aluno. Um colega muito amigo deles havia morrido em um acidente e eles estavam tristes, chateados e não respondiam à capacidade, não respondiam ao que o professor queria propor... Os professores reclamavam muito e essa professora especializada em aconselhamento e relação de ajuda disse: “Puxa! O que está acontecendo?” E um dia propôs aos alunos uma conversa. Vendo o acontecimento, imaginou que eles precisavam falar sobre aquilo, reuniu os alunos,

colocou-os em círculo, uma coisa nova na sala de aula e apenas isso já despertou neles uma vontade de falar. E usou todo seu horário dizendo para eles assim: “O que vocês gostariam de falar sobre isso que aconteceu?” E ela relatou que a reação foi fantástica, todo mundo falou, e que, depois dessa aula, ela pode dar aula tranqüilamente. Enquanto outros professores continuavam se debatendo, tentando enfiar goela abaixo dos alunos a sua disciplina, o conteúdo, e foram disciplinando-os dizendo que tirariam ponto, etc., porque eles não estavam a fim das aulas. Mas, na verdade, eles não estavam atentos à aula e sim a outra coisa muito forte dentro deles, a emoção e o sentimento de perda do colega, e precisavam verbalizar isso. A professora que tinha conhecimento da empatia, do respeito e do deixar o outro falar, agiu de forma diferente, e, ao fazer isso, ela percebeu uma grande mudança.

A professora relata um processo inteiro de aconselhamento em grupo, feito em sala de aula. O conflito, a crise implica no reconhecimento dos mesmos como uma parte da vida que pode ser utilizada como oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal. Considerando-se que o conflito e as crises são inevitáveis, a aprendizagem da habilidade em resolvê-los torna-se tão educativa e essencial quanto a aprendizagem dos conteúdos curriculares apresentados e exigidos legalmente, sendo que, na maioria das ocasiões, as próprias crianças, adolescentes e jovens podem resolver seus conflitos de maneira tão adequada quanto com o auxílio dos adultos.

A interação social, construída em sala de aula ou dentro dos ambientes educativos como as universidades e faculdades, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Esses são espaços privilegiados onde acontece a vida. E a vida proporcionada em espaços onde o educador, professor, pode atuar com significado; onde, quando consciente, pode intervir e arriscar a construção de uma realidade melhor. O educador pode ser autor de uma intervenção em curso, no momento em que a situação se processa. Dono de uma práxis que se faz interativa, o formador está sempre em ação, observando e intervindo na situação, consciente de que a educação nunca termina. Portanto, a sua tarefa não está terminada, sendo o professor capaz e assumindo o risco de interferir nos processos de pensamento e de comunicação em curso, atento ao momento em que os fatos se sucedem, poderá eficiente e eficazmente se fazer

presente na vida de seus alunos, contribuindo para que esses se tornem pessoas de responsabilidade.

A única maneira de não ficar soterrado por essa complexidade das exigências atuais da relação educativa e pelas mudanças sociais é através da aprendizagem constante e da resposta imediata. Aprender o quê? Aprender e responder de forma apropriada. Aprender a ser com os alunos. Este é o terreno da Educação. Não tendo a visão restrita de Educação delimitada pela sala de aula, mas do conceito de que a aprendizagem ocorre não apenas num local geográfico chamado "escola", mas é um estado da mente. Um processo que abrange a vida como compreende Paulo Freire. Cada indivíduo, cada sistema educacional, para manter-se vivo e significativo, terá necessariamente que investir na construção de novos conhecimentos, de novas estratégias.

É necessário investir nas relações educativas. Admitir que a escola é o espaço privilegiado das relações que geram vida e conhecimento. Esse saber se ratifica com o de Macedo:

Hoje, mais do que nunca, os relacionamentos tornaram-se uma questão fundamental, seja a relação entre as crianças, professores e alunos, professores, diretores, coordenadores pedagógicos e outras figuras institucionais, ou a relação escola e família, escola e comunidade. Fala-se muito de relacionamentos porque é a grande questão do mundo atual, que se quer mais universalizado, globalizado, mais próximo (2005, p. 127).

Devemos, sim, construir em paralelo, conscientes, planejadamente, novas maneiras de lidar melhor com as situações difíceis que se apresentam no ambiente educativo. Juntos, educadores e instituições educativas, certamente descobrirão e construirão ferramentas mais completas e apropriadas, principalmente porque assim podem exercitar o que há de mais essencial ao bem estar humano em nossas relações: as atitudes de empatia, confrontação, congruência e aceitação positiva, respeito.

Para cada novo desafio educacional, cada novo momento histórico ou nova transformação cultural, se pode estar pronto para novas maneiras de superação e aprimoramento pessoal. Desta forma, acredita-se que, o *counseling*, o aconselhamento, é, na verdade, uma nova maneira de recriar um espaço de aprendizagem de antigos valores. Valores essenciais ao bem estar, felicidade e harmonia do homem.

O aconselhamento é um processo que investe no conhecimento do relacionamento interpessoal e sobre a qualidade da comunicação. (Danon, 2000) Este aponta que não apenas o psicólogo e o professor, mas também o médico, o advogado, o assistente social, o profissional liberal, todos precisam de uma formação para o aconselhamento para desempenhar melhor a sua profissão, mas, nas atividades ligadas à educação e à saúde, quando cada palavra do profissional poderia deixar um sinal também para a vida, uma preparação para a escuta e para a comunicação consciente, se torna mesmo imprescindível.

E –... No momento em que eu fazia a especialização em aconselhamento, tinha muita dificuldade com minha orientadora de doutorado... Muito exigente. Nunca falava claramente aquilo que queria a respeito do trabalho e tinha dificuldades com todos... Por causa do curso, eu consegui ter uma conversa com ela, muito difícil, muito dolorosa, mas foi uma conversa muito importante onde eu pedi para ser desligada da orientação, porque ela me desrespeitava como ela desrespeitava aos demais. ...Houve uma grande mudança no relacionamento dela com os outros orientandos e com os colegas de trabalho, isso foi concreto, foi tão forte que as pessoas na universidade comentam sobre isso até hoje. E, com certeza, isso aconteceu graças ao aconselhamento.

O aconselhamento, como complemento da própria formação, como uma formação voltada à liderança pessoal, é útil também para todas as profissões em que os relacionamentos inter-pessoais e a gestão do conflito têm um papel importante. Dentre as muitas definições de aconselhamento está também esta: arte da gestão do conflito, conhecido, entre nós, como processo de mediação. E, seguramente, a nossa sociedade é uma sociedade que tem níveis de conflitos altíssimos, entre gerações, de casais, sindicais, raciais e até mesmo conflitos de condôminos. O *counseling* pode ser entendido como a habilidade de favorecer a comunicação e construir espaços de interação sadios.

E – Com certeza, quando eu dei aula para o Ensino Médio, percebi que os alunos tinham necessidade de serem ouvidos e entendidos e isso não acontecia. O aconselhamento não só no meio acadêmico, mas no Ensino Médio, estaria aproximando professor e aluno, criando um respeito e um vínculo entre os professores e os alunos. O aluno se sentiria mais útil, respeitado e entendido. Com certeza, ele iria respeitar e entender o professor... Ele seria educado quanto a suas emoções e seus sentimentos. Conseqüentemente, ele iria produzir mais e, produzindo mais, iria se sentir melhor e, sem dúvida, a violência diminuiria dentro da sala de aula.

Concluindo a análise das respostas, podemos afirmar que, antes de ter competências técnicas, o professor deve ser capaz de identificar e de valorizar suas próprias competências dentro de sua profissão e dentro de outras práticas sociais. Isso exige um trabalho sobre sua própria relação com o saber. (Danon, 2000). Muitas vezes, um professor é alguém que ama o saber pelo saber, que é bem sucedido na escola, que tem uma identidade disciplinar forte desde o Ensino Fundamental. Mas, se ele consegue se colocar no lugar dos alunos que não são e não querem ser como ele, começará a procurar meios interessantes de motivar sua turma por saberes não como algo em si mesmo, mas como ferramentas para compreender o mundo e agir sobre ele. O principal recurso do professor é a postura reflexiva, sua capacidade de observar, de regular, de inovar, de aprender com os outros, com os alunos, com a experiência, como reflete Demo (1997).

CAPÍTULO 3

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou por meio da fundamentação teórica e da pesquisa qualitativa responder a um objetivo: o problema de fundo que nos preocupava é “por quê?”, “para quê?” e “como” enfocar a educação das emoções e sentimentos? Problematizar a relação pedagógica e analisar a ação profilática do aconselhamento (*counseling*) na mediação do professor, a partir da compreensão de suas próprias emoções e sentimentos. O intuito da pesquisa foi aprofundar os conhecimentos gerados na prática de que nesses anos todos dedicados à formação docente, observou-se sérias deficiências nessa relação docente-discente, com severos prejuízos ao equilíbrio emocional e ao desenvolvimento do aluno, sendo possível constatar igualmente grande desgaste emocional no professor, a ponto de duvidar do sentido de sua profissão, podendo isso ser constatado na sua incapacidade de envolver o aluno, o modo de fato efetivo de ensinar alguém a gostar de aprender.

Para a solução do problema levantado, aprofundamos primeiro a concepção de educação e a compreensão das emoções e dos sentimentos, pois era necessário explicitar a concepção de educação que se tinha. E foi através da pesquisa bibliográfica que respondemos a essa pergunta.

As habilidades e competências emocionais são fundamentais na construção de espaços educacionais que possibilitem relações saudáveis. Pode-se constatar, através da entrevista semi-estruturada feita com alguns professores, que este processo do aconselhamento é de grande valia para o desenvolvimento da prática educacional.

Constatou-se, no trabalho, que a compreensão dos sentimentos e das emoções é necessária para a orientação da ação docente, pois facilita ao professor que enfrente os desafios do mundo atual de maneira mais eficiente e eficaz.

O professor pode ter um comportamento equilibrado ao responder aos desafios dos relacionamentos na faculdade, quando ele é capaz de acolher e

escutar os seus alunos. E, no processo da compreensão das emoções e dos sentimentos, viu-se que, ao entender o processo interior, o ser humano está mais preparado para responder aos desafios relacionais. O professor não pode ser um psicólogo. Tem que ser um profissional que escuta seus alunos.

O que o professor pode fazer para modificar sua prática? Para desenvolver competências de aconselhamento, ou seja, competências relacionais, é preciso, antes de tudo, focar a sua atenção no ser humano, aprender a acolher o indivíduo, trabalho que implica em olhar, escutar e dialogar com seus alunos. É importante ao professor trabalhar visando entender questões relacionais, mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los com estudos constantes sobre o ser humano, com conhecimentos sobre os distintos saberes que buscam a compreensão de ser pessoa - esta entendida como um ser capaz de interagir consigo mesmo, com os outros, com o transcendente. E interagir de maneira responsável, consciente de que a vida tem sentido e por isso é responsável pelo equilíbrio relacional e ecológico. Todos nós somos responsáveis pelo desenvolvimento e educação para a percepção de que as relações humanas são fundamentais para a sobrevivência do ser humano, para a construção do EU e do TU e, no processo de desenvolvimento, para amar. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, relacional e aberta, que aqui chamamos de *pedagogia do aconselhamento*.

Os professores devem parar de pensar que “dar aulas”, transmitir conteúdos, impor disciplina é o cerne da profissão. Ensinar, hoje, é também aprender a relacionar-se. Processo que consiste em buscar desenvolver habilidades e competências relacionais. Competências em lidar com as emoções e os sentimentos. Primeiro, perceberem-se como organizadores e co-construtores de situações didáticas e de atividades que têm sentido para os alunos, envolvendo-os, e, ao mesmo tempo, gerando aprendizagens fundamentais. E não existe nada mais fundamental que o relacionamento.

Alguns fundamentos teóricos, que devem estar presentes no perfil pedagógico da instituição quanto ao desenvolvimento emocional, o qual interfere nos relacionamentos do professor das faculdades, foram levantados neste trabalho, como vimos anteriormente. O aprofundamento teórico do estudo das emoções e dos sentimentos pode auxiliar as ciências que têm como base a questão relacional. Procurou-se construir e articular os saberes do mundo do *counseling* e o da educação. Iniciamos o projeto com uma reflexão embasada numa análise

bibliográfica e, na seqüência, utilizamos a metodologia da pesquisa científica, usando como método a pesquisa qualitativa. E, como procedimento da pesquisa, empregamos a técnica da entrevista semi-estruturada com professores que atuam nas salas de aula. Como conclusão do trabalho, indica-se a possibilidade de utilizar o processo do *counseling* na formação dos professores. Concluímos o trabalho com a sensação de que se tem muito a realizar. No final, se percebe como se caminhou pouco e como se tem tanto a fazer. Parece que o trabalho apenas começou.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Magda B. **Emocion y personalid.** Buenos Aires: Losada, 1970.

ARNOLD, W.; EYSENCK, H.J. **Dicionário de psicologia.** São Paulo: Loyola, 1982.

ARRUDA, Marcos. BOFF, Leonardo. **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ARTO, Antonio; PICCINNO, Maria; SERRA, Elisabetta. **Comunicare nell'educazione.** Roma, Itália: Leoniana Demand, 2005.

BECKER, Ernest. **The Denial of Death.** New York: The Free Press, 1975.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BINETTI, Paola; BRUNI, Rosa. **Il Counseling in una prospettiva multimodale.** Roma: Itália, Edizioni Magi, 2003.

BISSI, Anna. **O pulsar da vida.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BINSWANGER, Ludwig. **Três formas da existência malograda.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BONDER, Nilton. **Fronteiras da inteligência** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BRACONIER, Alain. **O sexo das emoções**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BUBER, Martin. **EU e TU**. São Paulo: Moraes, 1973.

CARKHUFF, R.R. **Helping and Human Relations**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969.

COLL, César; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. - Psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COVEY, Stephen, R. **Os 7 hábitos das pessoas muito eficazes**. São Paulo: Best Seller, 1989.

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência**. São Paulo: Unesp, 2004.

CURRAN, Charles A. **Religious Values in Counseling and Psychotherapy**. New York: Sheed and Ward, 1969.

DAMÁSIO, Antônio. **Em Busca de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DANON, Marcella. **Counseling**. Como, Italia, Red Edizioni, 2000.

DEMO, Pedro. **Conhecer & aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DOLL Jr., William E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ESPINOSA, Nolberto A. **A consciência como princípio.** São Paulo: Paulinas, 1999.

FELDMAN, Clara. **O encontro.** Belo Horizonte: Crescer, 2005.

FIZZOTTI, Eugenio. **Conquista da liberdade.** São Paulo: Paulinas, 1997.

FRANKL, Viktor, Emil. **Em busca de sentido.** Petrópolis: Vozes : Sinodal, 1999.

FRANKL, Viktor, Emil. **A presença ignorada de Deus.** Porto Alegre: Sulina, Sinodal, 1985.

FRANKL, Viktor, Emil. **La Sofferenza di una vita senza senso.** Torino, Italia: ELLE DI CI , 1982.

FRANKL, Viktor Emil. **Sede de sentido.** São Paulo: Quadrante, 1998.

FRANKL, Viktor, Emil. **Fundamentos y aplicaciones de la logoterapia.** Buenos Aires: San Pablo, 2002.

FRANKL, Viktor, Emil. **La idea psicológica del hombre.** Madrid: Rialp, 1999.

FRANKL, Viktor, Emil. **Psicoterapia para todos.** Petrópolis: Vozes, 1990

FRANKL, Viktor, Emil. **Lo que no está escrito em mis libros.** Buenos Aires: San Pablo, 2003.

FRANKL, Viktor, Emil. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, Viktor, Emil. **A psicoterapia na prática.** Campinas: Papyrus, 1991.

FRANTA, Herbert. **Interazione educativa.** Roma: Itália: LAS, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SERBINO, Raquel Volpato. (Org.) et al. **Formação de professores**. São Paulo: Fundação UNESP, 1998.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia**. Ijuí: UNIJUI, 1998.

GIANETTI, Eduardo. **Auto-engano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GRUN, A. MULLER, W. **Qué enferma y qué sana a los hombres**. Navarra: Espanha, Verbo Divino, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HEITLER, Susam. **A arte do relacionamento**. São Paulo: Best Seller, 2000.

HOLLIS, James. **Os Pantanaís da alma**. São Paulo: Paulus, 1998.

IMODA, Franco. **Sviluppo umano: psicologia e mistero**. Casale Monferrato: Itália, Paulina, 1993.

INGENIEROS, José. **O Homem medíocre**. Salvador: Progresso, 1953.

KNAPP, Paulo et al. **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEITE, Ivanise. **Emoções, sentimentos e afetos**. São Paulo: JM Editora, 1999.

MACEDO, Lino. **Ensaíos pedagógicos: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARMILICZ, André. **Relação educativa**. Curitiba: Vicentina, 1998.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** São Paulo, Atlas, 2000.

MARTINS, G.A.; LINTZ, A. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de cursos.** São Paulo, Atlas, 2000.

MATURANA, Humberto Romezin. **Da biologia à psicologia.** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

MATURANA, Humberto Romensin. **De máquinas a seres vivos.** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

MATURANA, Humberto Romezin. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, H.R; VARELA, F.J. **A árvore do conhecimento.** São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, H.R; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

MILLER, Willian,R. ROLLNICK, Stephen. **Entrevista motivacional.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

MIRANDA, Márcio Lúcio. **Quem tem medo de escutar?** Belo Horizonte: CEAP, 2002.

MIRANDA, M.L. FELDMAN, C. **Construindo a relação de ajuda.** Belo Horizonte: Crescer, 2001.

MOELLER, Charles. **Literatura do século XX e cristianismo.** São Paulo: Flamboyant, 1958.

MORATO, H.T. Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARROQUIN, Manuel. **La relación de ayuda em Robert Carkhuff**. Bilbao: España, Ediciones Mensajero, 1982.

MASINI, E. S. **Aconselhamento escolar**. São Paulo: Loyola, 1984.

MOSQUERA, Juan. **Ensino: uma tarefa de Reflexão**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

MORSELLI, Emilio. **Dizionario di filosofia e scienze umane**. Milano: Itália, 1983.

MOROZ, Melania. **O Processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.

MURGATROYD, Stephen. **Il Counseling, nella relazione d`aiuto**. Roma: Itália, Sovera Multimedia, 2000.

MURRAY, Edward. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NERO, Henrique, Shutzer Del, **O Sitio da mente**. São Paulo: Collegium Cognitium, 1997.

ORO, Ricardo Oscar. **Persona y personalidad**. Buenos Aires: Fundación Argentina de Logoterapia, 1997.

OLIVEIRA, Claudinor dos Santos. **Metodologia científica: um planejamento e técnicas de pesquisa**. São Paulo: LTR. 2000.

SEBARROJÁ, Jaume Carbonell... [et al.] **Pedagogias do século xx**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PINO, Carlos Castilha. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona: Espanha, Tusquets Editores, 2001.

PETER, Ricardo. **A Antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POWELL, John. **Why am I afraid to tell you who I am?** Niles: III, U.S.A. Argus Comumunications, 1969.

POZO, Juan Ignacio. **Aquisição de conhecimento: quando a carne se faz verbo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno**. São Paulo: Mandarin, 1996.

ROGERS, Carl. R. **On Becoming a Person**. Boston: USA, Houghton Mifflin Company, 1961.

ROGERS, Carl. R. **Client Centered Therapy**. Boston: USA, Houghton Mifflin Company, 1965.

ROGERS, Carl. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROGERS, Carl. R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975,

ROGERS, Carl. R. **A pessoa como centro**. São Paulo, EPU, 1977.

ROGERS, Carl. R. **Psicoterapia e consulta psicológica**. Santos: Livraria Martins Fontes Editora, 1974.

ROGERS, Carl. R. **Um Jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

RUDIO, V.ictor. F. **Orientação não diretiva**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SALOMÉ, Jacques. **La relazione di aiuto e la formazione al colloquio**. Napoli, Itália, Ligori, 2001.

SÁNCHEZ, M.D. Prieto. **Modificabilidad Cognitiva y P.E.I.** Madrid: Editorial Bruno, 1992.

SANDERS Pete. **Counseling Consapevole**. Roma: Itália, La Meridiana, 2003.

SCHON, Donald. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SLEPOJ, Vera. **Compreender os sentimentos**. Lisboa: Presença, 1998.

TESCAROLO, Ricardo. **A escola como sistema complexo: a ação, o poder e o sagrado**. São Paulo: Escrituras, 2004.

TREVISOL, J. Antônio. **Reencantamento humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

THUMS, Jorge. **Educação dos sentimentos**. Porto Alegre: Sulina/ Ulbra, 1999.

WOLDIETRICH, Schimied-Kowarzik. **Pedagogia dialética: e de Aristóteles à Paulo Freire**". Brasília: Brasiliense. 1982.

VISCOTT, David. **A Linguagem dos sentimentos**. São Paulo: Summus, 1982.

ANEXOS

ANEXO A - PRIMEIRA ENTREVISTA

Entrevista semi-estruturada para trabalho de mestrado. Entrevistado: professor de pós-graduação de faculdades no Paraná, idade 48 anos, com experiência também em graduação e formação de grupos.

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

Eu tenho formação em Filosofia, Bacharel em Filosofia e Licenciatura Plena. Também Licenciatura em Teologia e Psicologia. Pós-graduação em Psicologia Clínica e Aconselhamento. Meu trabalho hoje é como professor de pós-graduação, leciono em pós-graduação em diversas faculdades. E psicologia clínica. E assessoramento em grupos diversos.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

Antigamente eu entendia como aconselhamento, dar conselhos. Aí logo que entrei em contato com a questão do Counseling: que é o aconselhamento. Então muitas coisas me vêm à cabeça quando escuto a palavra aconselhamento. Eu entendo uma gama de coisas. Uma imensidão de posturas que uma pessoa pode ter frente a uma outra pessoa de modo a gerar nela uma espécie de mudança. Para mim, hoje, a palavra aconselhamento adquiriu um aspecto muito diferente de só dar conselhos. Eu entendo que é basicamente uma postura diante do outro. Postura que procura gerar no outro empatia, procura gerar no outro uma disponibilidade para falar a seu respeito e o respeito que você tem para com outra pessoa.

Aconselhamento para mim é isso, algo muito amplo. É uma abordagem diferenciada de uma pessoa, ou seja, é um encontro diferente com uma pessoa. Diferente do senso comum, diferente da psicoterapia. Porque você vai estar no contato com uma pessoa no exato momento que ela te procura, tentando ajudá-la, tentando despertar principalmente dentro dela o desejo de ser ajudada, o desejo de se auto ajudar. Dentro da situação concreta que ela está vivendo naquele momento.

Para mim o aconselhamento é tudo isso.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

Eu percebo que mudou bastante a postura. Porque, antes de conhecer o aconselhamento, eu tinha uma postura diante do outro de que eu sabia, eu era dono do conhecimento. Eu sabia o que era mais importante para o outro. O aconselhamento, entrar em contato com a teoria do aconselhamento, com a prática do aconselhamento faz com que você mude a postura diante desta pessoa ou do aluno ou do grupo com que você está trabalhando. No sentido de que lá dentro dele, dentro das pessoas existe toda uma potencialidade que vai fazendo com que eles busquem o que é melhor para eles.

Da parte do aconselhador no caso que ele está comandando o grupo, orientando o grupo, é preciso que ele só tenha uma postura diferente. Eu acredito que o aconselhamento influa neste sentido. De mudar o educador, para que ele tenha uma postura diferente diante do grupo, diante da sala de aula. Olhando naquelas pessoas potencialidades (emocionais). Então ele vai ter uma atitude empática.

A empatia tenta entender: Poxa, se eu fosse o aluno quais seriam as minhas expectativas diante do que estou vivendo agora, tendo uma postura de respeito? De entender que cada pessoa que está ali naquele grupo tem uma história pessoal. Tem uma experiência diferente da outra. Isso eu acredito que é bastante transformador na educação, porque se você se coloca em uma atitude empática, o outro fica mais livre também para a expressão. Porque Ele não, ele ao mesmo tempo em que mantém o respeito por você porque você tem o respeito, ao mesmo tempo ele vê que ele é livre para a expressão de suas dificuldades e como ele está vendo aquele conhecimento. Porque ele está sendo respeitado também.

A sua postura de empatia dá ao outro a sensação de que eu posso falar. Posso dizer o que eu penso e posso procurar dentro de mim as respostas que eu preciso. Nesse sentido é que eu acredito que influencie muito mesmo o conhecimento, o conhecimento do aconselhamento influencie muito nessa postura sua diante dos educandos.

4) Da sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

Eu acredito muito mesmo que, eu vejo como é uma coisa muito importante. A educação das emoções e sentimentos porque é um recurso que todos nós temos. A partir do momento que eu entrar em contato com as minhas emoções, os meus sentimentos eu entro em contato comigo mesmo. A via de contato, eu acredito, a via de contato comigo mesmo é duas coisas: os meus sentimentos enquanto emoção generalizada no meu corpo. Enquanto sentimento concreto de raiva, de frustração de angústia e até de alegria e de contentamento é uma parte do conhecimento de mim mesmo.

Outra parte seria um contato comigo mesmo a própria dor, dor física, então eu entro em contato comigo através da dor física, e entro em contato comigo através da dor emocional, (ou do sofrimento) ou do sentimento ou do movimento emocional. Coloco-me em ação, se tenho uma dor física vou correndo procurar o médico e se tenho uma dor emocional, uma emoção muito forte, vou tentar entender essa emoção.

A educação das emoções me ajuda a desenvolver um método pessoal de conversa comigo mesmo. Eu entendo assim: quando eu posso conversar com minhas emoções, eu posso ser mais inteiro, posso ser mais eu mesmo, e entendo que se eu converso com minhas emoções primeiro e aí acredito que a educação das emoções vai ajudar justamente nisso, porque o processo é uma vez que você sentiu determinado sentimento entrar em contato com ele.

Entrar em contato com ele através de perguntas, não é? O que estou sentindo agora, de onde vem esse sentimento? O que me aconteceu nesses dias ou nesse momento que gerou em mim esses sentimentos. Enquanto estou fazendo isso, eu estou comigo. Se eu não fizer isso já posso ir à direção daquela realidade que gerou o sentimento em mim, ativou aquele sentimento em mim e gerar um conflito maior aumento ainda mais a emoção.

Veja se a gente observa no senso comum, se a gente observa no senso comum é isso que acontece: as pessoas atuam muito no sentimento, normalmente sentiu raiva já está xingando o mundo e quebrando tudo, sentiu amor já está se envolvendo, sentiu, já age muito no sentimento muitas vezes sem refletir

sobre esse sentimento. Então, isso traz um prejuízo muito grande de relacionamentos, enfim, em todos os setores da vida.

Eu acredito que a educação das emoções ajuda a estar em contato com você para, com isso, de fato, entrar em contato com o outro. Com o outro real, pois se você entra em contato com o outro na sua emoção, você projeta no outro o que você está sentindo. Muitas vezes, responsabilizando o outro por isso. E se você entende e procura entender sua emoção, você pode ir em direção ao outro na objetividade dos acontecimentos. E esta é a grande novidade, o grande ganho que se tem em relação às emoções. Então, eu acredito que é necessária uma educação das emoções.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

Vejo como muito importante. O indivíduo que estuda pedagogia, ele está diretamente ligado à educação, ele vai estar constantemente circulando, termo esquisito, mais é isso mesmo circulando (presença) entre as pessoas, no sentido de educá-las. Acho, penso que quando o pedagogo é educado no aconselhamento, sai daquela postura muitas vezes de que é o portador do saber para entender que naquele indivíduo que está ali, mesmo sendo uma criança, existe também um saber. Nela também há um saber. E a troca desses saberes é que vai construir um novo saber. Que não é o meu saber pronto que tem toda a verdade.

Contém também toda verdade, mas nessa relação que a gente diz também relação de ajuda entre o professor e o aluno é que se podem construir novos saberes e eu acredito que é muito importante sim essa formação do pedagogo.

Seria assim, você diz a formação nas faculdades, a formação nos cursos de formação dos professores. Não é? Penso que seria de muito valor, porque vai ensinar. Muitas vezes o professor, ele vai aprender durante vários anos o conteúdo de tudo o que ele vai ensinar. Muitas vezes se esquece de ensinar a ele a forma de ensinar esse conteúdo. Ele vai ser “*expert*” naquilo que ele vai ensinar. Naquilo que ele vai passar aos alunos e nem sempre a forma pedagógica é a que se ensina pedagogia também como acessar esse aluno, nem sempre privilegia essa área das emoções dos sentimentos, do respeito ao aluno, da empatia, então, eu

acredito que seria muito interessante incluir na grade curricular dos professores a disciplina de aconselhamento. *Counseling*.

Acho que seria, uma faculdade que incluir isso os professores acredito que no tempo de hoje, na vanguarda das coisas. Porque, hoje em dia, o que está mais se observando nas relações é a qualidade do relacionamento. Muitas vezes, temos cinco candidatos para uma vaga só, em uma determinada empresa e o que vai servir no final é a capacidade desse sujeito de se relacionar com os outros.

Quais são as habilidades que ele tem? De empatia. De acolhimento do outro e de respeito para com o outro. Muitas vezes é o que vai decidir entre ter a vaga ou não. Então, se o professor aprende, quando ele é ensinado aprende também a desenvolver essas habilidades, pois a gente entende que essas habilidades do aconselhamento, elas são desenvolvidas na pessoa.

Eu posso desenvolver a habilidade de empatia, desenvolver a habilidade de congruência, de viver os próprios sentimentos, se elas são desenvolvidas então se presume também que elas podem ser incluídas como a grade curricular na formação deste docente também.

Acho muito importante isso.

No jornal Gazeta do Povo, de hoje, 1 de Abril, tem um título que chama muita atenção: “Patrulha escolar é acionada 17 vezes por dia em Curitiba”. Depois, o artigo fala dessa relação difícil entre os alunos e professores. Será que aconselhamento teria alguma coisa a dizer para essa realidade?

Bem aqui eu acho que estamos em um campo novo, um campo de experimento ainda, pois a realidade está aí. Essa é a realidade e de fato conversando com professores, conversando com alunos, essa realidade é muito presente. Eu acredito que o aluno, muitas vezes, vem de um ambiente hostil, e de um ambiente sem limite.

E encontra na escola, muitas vezes, um ambiente parecido com isso, o que vem da truculência da violência, não estou dizendo a violência física, mas a violência moral, muitas vezes de criar no aluno esta reação, ele já vem meio sem limite e encontra uma realidade onde o limite é às vezes exagerado então ele vai reagir. Onde o aconselhamento entraria nessa situação?

Eu acredito que é extremamente importante nesses momentos, e até escutando um pai de aluno, estes dias atrás, quando a televisão mostrava uma situação parecida, o pai do aluno disse assim: e os professores saíram todos correndo para fora da sala de aula e isso não pode acontecer. O professor não pode sair da sala de aula e ele tem que permanecer lá para tentar conter os alunos. E me chamou atenção isso o despreparo do professor, o professor o medo que ele provavelmente sentiu até foi chamado a polícia para resolver a situação. Porque generalizou a bandalheira, mas o professor ficou ali totalmente incapaz de ter uma ação que contivesse pelo menos a sala dele. Que a sala dele não se envolvesse também no conflito, a gente sabe que são situações difíceis, a sociologia diz: a multidão não tem identidade, a identidade da multidão é a própria multidão. Mas, se o professor tivesse alguns conhecimentos nesta área do aconselhamento, dessas habilidades de lidar com grupos, de lidar com pessoas, pode ser que provavelmente ele teria uma postura diferente, eu acredito que teria uma postura diferente. E conseguiria de alguma forma fazer alguma coisa. Então, eu acredito que sim, que a formação do professor nessas habilidades da relação de ajuda facilitaria muito e ajudaria muito a conter esse tipo de coisa, eu não sei exatamente como seria isso.

Mas, do meu conhecimento em relação de ajuda e em aconselhamento, acredito que poderia se transformar.

Uma professora uma vez me disse que uma sala de aula estava rejeitando todos os professores. E ela ficou pensando: porque será? E descobriu que tinha morrido um aluno. Um colega muito amigo deles havia morrido em um acidente e eles estavam tristes, chateados e não respondiam à capacidade, não respondiam o que o professor queria propor. Estavam com eles e os professores reclamando muito e essa professora especializada em aconselhamento e relação de ajuda disse: puxa, o que está acontecendo? E um dia propôs aos alunos: e vendo o acontecimento imaginou que eles precisavam falar sobre o aquilo, reuniu os alunos, colocou esses alunos em círculo, uma coisa nova na sala de aula e isso já despertou neles uma vontade de falar. E usou todo seu horário dizendo para eles assim: O que vocês gostariam de falar sobre isso que aconteceu? E ela disse que a reação foi fantástica, todo mundo falou e que depois dessa aula ela pode dar aula tranquilamente. Enquanto outros professores continuaram se debatendo tentando enfiar goela a baixo aos alunos a sua disciplina, o conteúdo aos alunos e foram disciplinando dizendo que iam tirar ponto, etc. E porque eles não estavam a fim das

aulas, mas na verdade eles não estavam atentos à aula, na verdade eles estavam atentos a outra coisa muito forte dentro deles: a emoção e o sentimento de perda do colega e eles precisavam verbalizar isso. A professora que tinha conhecimento da empatia, do respeito, e do deixar o outro falar ela fez isso e fazendo isso ela percebeu uma grande mudança.

ANEXO B - SEGUNDA ENTREVISTA

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

Sou formado em Filosofia, Teologia, tenho o curso de Letras, Jornalismo, Comunicação Social e Mestrado em Psicologia. Tenho trabalhado especificamente com três Pós-graduações, no Paraná e São Paulo que me ocupam um bocado de meu tempo, determinado espaço de tempo, com a prática do ensino.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

O aconselhamento é uma ferramenta. É um instrumento que ajuda as pessoas a se entenderem um pouco mais em sua história, na sua vida pessoal. É uma ferramenta, instrumento que ajuda as pessoas em seu relacionamento com outras pessoas e tem se mostrado, na minha prática, algo inovador. Tem contribuído muito para a vida das pessoas. Dentro do esquema do aconselhamento, das ferramentas das posturas do aconselhamento, especialmente a postura da escuta. O que eu tenho notado é que as pessoas que entram em contato com o aconselhamento têm melhorado muito a postura, o processo da escuta.

Pessoas com prática no aconselhamento, com essa vivência do aconselhamento, tornam-se muito mais inteiras nas relações. Deixam de procurar ser alguém que domina as conversas, que dominam o ambiente para serem pessoas que possibilitam ao outro a possibilidade de ser alguém, possibilitam ao outro ser uma pessoa muito mais inteira, muito mais concreta em todo seu existir. Essa é minha percepção do aconselhamento.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

Houve muito... Eu percebo uma mudança na maneira de ser professor, eu percebo que vou me tornando uma pessoa que escuta com muito mais inteireza os outros. Eu acho que eu passei a julgar muito menos os outros e passei a

entender muito mais os outros a partir do que eles são na realidade, no seu concreto, no seu dia a dia. Acho que muitas vezes eu tive posturas incorretas com relações às pessoas, posturas de julgar, posturas de achar que sabia mais...

Sem considerar a pessoa, o que ela é como pessoa. Depois do contato com o aconselhamento, eu me percebo como alguém que escuta os outros. Com muito mais força, com muito mais empatia. Com mais inteireza, com muito mais realidade. Isto tem me ajudado a ser com as pessoas eu mesmo muito mais inteiro.

Percebo-me, por exemplo, nas conversas. Ou seja, com alunos ou com outras pessoas me percebo como alguém que escuta, sem precisar dizer muito do que é, me percebo uma pessoa mais silenciosa, mais escutador dos outros. Isso é influência do aconselhamento em minha vida pessoal e em especial em minha prática de ensino.

4) Da sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

Eu acho não só importante, mas fundamental esse olhar para as emoções e sentimentos. O que eu tenho notado da minha prática de escuta e de ensino é que, quando se toca na questão dos sentimentos, as pessoas tendem a fugir de seus próprios sentimentos. Tendem a não olhar para eles com aqueles chavões já conhecidos como: sentimento - não se pode sentir, sentimento - não é coisa para homem, sentimento - é sinal de fraqueza. Que sentimento, em alguns casos, é questão de pecado, caindo mais para a moralização no lado da Igreja, enfim. Enfim, a educação para os sentimentos me parece a pedra fundamental, o fundamental para que as pessoas possam se compreender nos seus próprios processos. Possam crescer, amadurecer. Não vejo possibilidade de amadurecimento enquanto as pessoas fogem de seus sentimentos, enquanto as pessoas não entendem, não se compreendem, não são educadas para se permitir a vivência dos próprios sentimentos. Dentro de sua vida, em fim, de seu dia a dia.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

Sim, acho que seria uma inovação muito grande e seria muito importante introduzir o aconselhamento na grade de pedagogia. Porque o mundo em que estamos vivendo é um mundo de não-relações. Há uma tendência às não-relações. A cibernética, a informática, tudo isso, leva sempre ao individualismo, tudo leva para um simples click para resolver as situações, como em uma tela de computador. E, com isso, nós vamos perdendo a capacidade relacional, perdendo a capacidade de nos entendermos e inter – relacionarmos com as pessoas.

Se o processo da educação, da pedagogia, professores, enfim se todo esse processo é um processo de aprendizagem, temos que ver que é urgente voltar a aprender o processo de nos relacionarmos. Isso é de maneira geral, para a questão dos professores, da pedagogia, no meu modo de ver, seria muito importante a inclusão de uma disciplina que ensinasse a lidar com os sentimentos, ensinasse essa questão do aconselhamento. Por quê? Porque os professores precisam desta ferramenta para o seu relacionamento com os alunos.

Quando o professor entra em relação com seus alunos, sem ter conhecimento do que é básico para uma relação de crescimento, uma relação de ajuda e de crescimento, o processo todo da relação fica defasado. Ou seja, se o professor não sabe se relacionar com seus alunos, ou se relaciona com seus alunos a partir de conceitos de domínio, de imposição e não de conceitos relacionais e não de conceitos de empatia, de compreensão e escuta do aluno, então não se dá um processo de aprendizagem. Acho que é fundamental e nós precisaremos caminhar para isso. Entendermos que um professor que sabe escutar e que sabe se relacionar é um professor que, conseqüentemente, vai conseguir passar a sua matéria, a sua disciplina, enfim vai conseguir ajudar na aprendizagem deste aluno.

Formação dos professores?

Eu não diria que seria simplesmente benéfico, mas imprescindível, fundamental. Acho que, nos dias de hoje, neste contexto, vivendo toda essa

realidade que estamos vivendo, não ter uma disciplina de aconselhamento é uma perda muito grande.

É formar professores e educadores com uma visão muito defasada. Quer dizer que intelectualmente você prepara, mas emocionalmente os deixa muito despreparados. E não se pode esperar muita coisa de uma pessoa que humanamente e relacionalmente não está bem preparada. Seria arrumar de um lado e deixar desarrumado dos outros.

No jornal Gazeta do Povo, de hoje, 1 de Abril, tem um título que chama muita atenção: “Patrulha escolar é acionada 17 vezes por dia em Curitiba”. Depois, o artigo fala dessa relação difícil entre os alunos e professores. Será que aconselhamento teria alguma coisa a dizer para essa realidade?

Veja que se nós entendermos violência como incapacidade de relação a resposta se torna bem evidente. Se entendermos violência apenas como uso de armas, o uso da destruição, talvez não tenhamos muito que fazer.

Vamos partir do princípio que toda violência é fruto de uma falta de comunicação. Ou seja, aquele jovem violento, adulto violento está fazendo da violência, ou na violência que está participando, uma comunicação. Ele está dando vazão a algumas coisas que estão dentro dele, ninguém possibilitou a ele uma situação de dar vazão às coisas que está sentindo dentro dele, incomodando de uma outra forma. Ora se eu não posso falar, se ninguém me escuta, se não tenho direito a isso, então eu vou agredir eu vou quebrar, eu vou pichar. De alguma forma, vou pôr isso para fora. Se conseguíssemos, acho que não resolveríamos todos os problemas, mas se conseguíssemos, dentro das escolas, que os nossos professores fossem preparados de forma empática, sem julgamento, sem condenação sem querer quebrar ninguém, sem destruir, mas se nós conseguíssemos isso, estaríamos abrindo a possibilidade para que as pessoas possam ser ouvidas e, portanto, possam dar vazão a processos internos de uma forma equilibrada. Eu sinto que seria uma grande contribuição, não diria a solução mágica e definitiva, mas uma grande contribuição. Pois, quando uma pessoa ouve e eu posso falar de mim, de meus processos, de minhas dores, das minhas frustrações e alguém me ouve como uma pessoa humana, como alguém digno de atenção, não como mais um marginal,

mais um pobre, mais um favelado, mais um problemático. Quando alguém me possibilita isso, eu penso que está descartada a possibilidade ou bastante reduzida a possibilidade que eu vá colocar isso para fora de forma violenta, que é o caso destas escolas.

ANEXO C - TERCEIRA ENTREVISTA

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

Eu sou bacharel em direito, e tenho curso de filosofia e teologia. Apesar de que filosofia estão faltando dois créditos para terminar a graduação e receber o diploma. Hoje, eu trabalho com educação, com crianças e adolescentes de sétima e oitava série do primeiro grau e primeiro, segundo e terceiro ano de segundo grau. As turmas de segundo grau são numa escola tipo A, e numa escola municipal de sétima a segundo do segundo grau. Hoje, eu atuo como professora de filosofia e sociologia.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

O aconselhamento para mim foi uma grande escola pessoal. Aprendi a olhar o outro e criar uma relação com as pessoas que estão conversando comigo. O *counseling*, aconselhamento, foi um grande aprendizado pessoal e desse aprendizado pessoal, tem me dado muitas ferramentas para o meu trabalho pessoal com adolescentes e mesmo com os colegas, meus pares na escola.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

Com certeza, pois toda vez que eu entrava em uma sala de aula com mais de oitenta alunos... Ou o professor entra no tumulto, pede silêncio e mandava todo mundo calar a boca e joga a matéria, não estabelecendo ou percebendo que o barulho significava um pedido de socorro, que alguém efetivamente dentro daquele grupo precisa falar.

Comecei a esperar um pouco e dizer quem quer falar alguma coisa? Dentro da sala gostaria de falar um pouco. Logo, um ou outro aluno dizia: eu, professora. Eu perguntava: como é seu nome? Eu não sabia, com oitenta alunos... Eu olhava para ele e dizia ah! é você? Como é seu nome? Eu repetia o nome e

dizia: o que você quer falar? Quando ele falava determinadas coisas que era para chocar, desestabilizar ou chamar atenção, eu dizia: eu voltava à pergunta para ele, exatamente com as mesmas palavras dele.

Você está me perguntando ou afirmando isso...? Não professora, não é bem assim. Então como é? Mesmo com 15 anos de experiência, mesmo que eu tenha uma aula de quarenta minutos, mas não vou dar aquela aula de quarenta minutos. Dou pelo menos 15 minutos de atenção a meus alunos e, depois, trabalho o conteúdo. Paciência, o que pude dar, eu pude. Passei a priorizar mais a relação com os meus alunos. E foi muito mais produtivo. Eu tenho percebido isso.

No aconselhamento, aprendi a priorizar a relação, apesar de que, no discurso acadêmico, o discurso das relações e formações pedagógicas, seja privilegiado o aluno, na prática, o dia-a-dia, dentro da sala de aula, não é assim, o conteúdo do dia-a-dia, as situações administrativas, não facilitam a relação.

O professor tem que ser, ele não é só um transmissor de informações, mas dele também é exigido um monte de tarefas administrativas. Então, ele fica louco, ele sai de uma escola e vai para outra. E ele tem que cuidar de um monte de pareceres, projetos e trabalhos, quando ele entra na sala de aula, está desgastado e tem que dar aquele conteúdo e acabou.

Eu pensei: não, isso tem que ser diferente. A relação é algo muito importante. O aluno é muito importante e as situações têm um significado. O que eu aprendi muito no *counseling*, aconselhamento, foi a questão do sentido.

Eu agora participei de um concurso da Editora Abril em que eles perguntaram o que é educação para você?

Hoje eu vejo muito claro que educação é o desafio de, junto com meus alunos, encontrar um sentido para a vida deles. Ter um sentido porque, sem isso, nenhuma educação adianta. Vai ficar um bando de gente com um monte de informações, mas que pessoas eles serão?

Até aquele conceito grego da pessoa, eu estou resgatando na filosofia. Que pessoa é essa? Que razão é essa? A razão... Eu dou para eles um texto da II Guerra, de um sobrevivente do campo de concentração, em que ele fala que o conhecimento científico só não basta. É claro que precisamos de cientistas para saber qual o gás mais letal, como ser eficiente para matar o maior número de pessoas no menor espaço de tempo, foi todo um trabalho, fruto de toda uma pesquisa científica. Mas onde ficou o homem, o humano?

Onde ficou o sentimento e o valor da vida? Perdeu-se. Então, nós vamos construir bons engenheiros, mas que se recusem a produzir esse tipo de situação.

O *counseling* é uma riqueza e melhorou muito o meu trabalho. Quando eu, por exemplo, trabalhei a globalização, dizendo que a globalização trouxe novas funções e novas possibilidades; melhorou muito nossas possibilidades, pois o sistema capitalista se preocupa em ganhar dinheiro. Hoje, as pessoas, para vencer a concorrência, têm que trabalhar, estudar inglês, fazer ginástica e fazer um monte de coisas. Ninguém mais fica em casa. Então, discutimos na escola: e o idoso quem vai cuidar? Hoje, se criaram lugares para os idosos, clínicas-lar, e as pessoas colocam esses idosos nesses lugares especiais...

E quando refletíamos sobre isso, um aluno fez a seguinte observação: Ah! , Velho tem que morrer. E eu comecei: “Como é seu nome mesmo”? Meu nome é...

Fulano, você está querendo me dizer que velho tem que morrer. Foi isso que você me disse? Depois de um silêncio, foi uma grita na sala, um me disse: eu não concordo professora, outro disse: e se fosse teu avô? Esse *insight* e a tranqüilidade de lidar com a situação só foi possível depois de estudar o aconselhamento.

Aprendi a retornar os conteúdos, para o outro poder se escutar, e se trabalhar ao mesmo tempo em que eu faço o mesmo comigo. Quando eu começo a me escutar, eu também vou me escutando. São ferramentas fundamentais para a educação.

4) Da sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

Para mim é fundamental, não para que você os sufoque, mas para que você saiba da existência deles e trabalhe com eles sem medo, sem culpa. Não só as emoções e sentimentos positivos, mas aqueles negativos, pois veja, eu tenho mais de cinquenta anos e quando fui educada tudo era feio, papai do céu não gosta. Meus pais diziam que eu não devia sentir nada. Diziam: você não pode ter determinados comportamentos porque você tem que ser boazinha. Isso foi muito

forte para a galera dos cinquentas; e para a galera que está começando agora, os pais dizem: você não pode ter raiva, é feio. Você não pode demonstrar o que sente, é fraqueza. Mas, na realidade, você tem raiva. O que você tem que fazer é não deixar a raiva te dominar. Você tem que trabalhar essa raiva: como você vai trabalhar com ela?

Também dizem você tem que gostar de todo mundo, não é assim? Ninguém gosta de todo mundo. Você, na verdade, escolhe com direito as pessoas que você gosta de se relacionar. Isso não significa que você vai excluir os outros.

É importante o relacionamento. Olhar a relação, o que o outro significa para mim? Essa relação é positiva, negativa ou sou indiferente? Se eu começar a ser totalmente indiferente às pessoas, ao ser humano, eu vou começar a queimar índio, queimar pobre, porque não representam nada para mim. Eu vejo que trabalhar valores e emoções e a relação entre as pessoas, são fundamentais.

Não podemos estigmatizar, se você tem raiva, não pode excluir a pessoa. Se eu não gosto de uma pessoa não posso sair... Você ainda não conseguiu descobrir em você, o que está acontecendo com você? O que você está colocando ou projetando no outro, que não é seu? Quando alguém me diz “estou com raiva dessa pessoa” e você pode dialogar dizendo: “Puxa! Você está com muita raiva, assim é?” “Não. Porque, veja eu estou com raiva dela, porque todos os professores gostam dela”. “Se os professores gostam dela qual é o problema o que causa isso em você?” Aí a pessoa vai percebendo e as coisas vão desmoronando, é questão de trabalhar, ela vai percebendo que conhecer todos os sentimentos, a inveja... é legal.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

Vejo como fundamental, não só para a parte da prática da pedagogia, mas para tudo que a envolve. Vejo que o *counseling*, o aconselhamento, vai complementar a educação, dando pista para os estudos de pedagogia, contribuindo para a identidade do educador. É um componente da identidade do educador. O professor Doutor X, que leciona no curso de aconselhamento, nos diz o que é fundamental: Quem sou eu? E outras questões fundamentais para o ser humano. E quando eu respondo, e digo eu sou a Maria, “isso, ele diz, não é o

fundamental.” Isso é só para diferenciar da Joana ou do Francisco, aí você diz “eu sou bonita”. E ele pergunta quantas pessoas são bonitas? Agora quem é você? Sabe ouvir, sabe escutar? Tem um propósito de vida, coloca um sentido em sua vida? Só, aí então, estou me diferenciando.

É muito importante na pedagogia, pois você pode ter todo conhecimento e não saber acreditar em uma pessoa. O aconselhamento te dá a conotação de pessoa especial no relacionamento.

Formação dos professores?

Evidentemente que sim. Até porque sendo o aconselhamento uma novidade, eu tenho 54 anos e só na especialização ouvi falar sobre isso, eu acredito que o *counseling* no Brasil exista de uns oito anos para cá. Embora, no exterior, a experiência seja mais antiga, para nós aqui no Brasil é relativamente nova.

E eu percebo que seria fundamental para os professores universitários, pois quantos professores ouviram falar sobre *counseling*? E todos têm necessidade de aprender a se relacionar. Quantos professores universitários sabem se relacionar?

Veja, eu fiz três faculdades e fico abismada com a incapacidade de se relacionar de vários professores universitários, com o comportamento deles, são incapazes de se comunicar até com os colegas e têm aquela visão autoritária de que “eu sou o professor”. Em vez de terem noção de que muitas vezes eles não têm algo valioso que os alunos têm. São mal informados ou mal formados e não conseguem melhorar a relação, na verdade nem com eles mesmos. Na verdade não são os alunos que têm problemas, muitas vezes os professores estão com problemas com eles mesmos. E jogam em cima dos alunos. E então eu acho muito importante que estudem aconselhamento.

No jornal Gazeta do Povo, de hoje, 1 de Abril, tem um título que chama muita atenção: “Patrulha escolar é acionada 17 vezes por dia em Curitiba”. Depois, o artigo fala dessa relação difícil entre os alunos e professores. Será que aconselhamento teria alguma coisa a dizer para essa realidade?

Eu estou trabalhando com os alunos um tema que eu acho muito importante, que é o *bullying* – é um termo inglês para uma situação antiga, a violência na escola. Uma violência entre os adolescentes e jovens. É lógico que acontece não só na escola, mas na escola é pior. Eu falo com os alunos: vamos ouvir os colegas, ver os outros, vamos usar os nossos sentidos para melhorar uma relação. Vamos utilizar todos os sentidos para perceber o que acontece em nossas voltas. Ninguém pára com a finalidade de ouvir e escutar o outro, eu tenho feito uma prática na escola: cumprimente com bom dia o colega, escute o que ele tem para dizer. Vamos dar um bom dia e ouvir o que esse colega está trazendo, dizendo. Como resposta, eles sempre acolhem e querem muitas vezes mais tempo, tem muita necessidade de falar. A gente percebe com essa prática que, naquele dia, a disciplina é diferente.

Fiz uma experiência, dei uma folha de papel a cada um e disse: peguem essa folha e recortem na forma de um coração. Escreva nesse coração alguma coisa que vocês gostariam de ouvir hoje. Algo que deixe seu coração feliz. Depois, pedi que lessem para eles mesmos. Vi muitos sorrisos, depois pedi que trocassem com o colega ao lado. O efeito foi violento, começaram a chorar, e dizer: “Professora isso era tudo o que eu precisava ouvir. Eu vou guardar esse coração o resto de minha vida”. Vi alunos soluçando. Veja como é importante trabalhar sentimentos.

ANEXO D - QUARTA ENTREVISTA

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

Eu sou biólogo, formado em ciências biológicas, tenho o mestrado em zootecnia e o tenho o doutorado em Ecologia, Ambiente Aquático. Hoje, trabalho como biólogo na Universidade e trabalho como voluntário em projetos de formação humana.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

Para mim, o aconselhamento ou *counseling* é uma ferramenta muito, muito importante para o meu trabalho nos projetos e na universidade onde trabalho. Porque eu acabei percebendo que muitas pessoas não conseguem realizar seu trabalho de mestrado ou doutorado por problemas relacionais. Não conseguem realizar o trabalho de mestrado ou doutorado por problemas pessoais, e uma conversa com eles pode ajudar e ajudar muito. O que e como lidar com seus problemas durante o processo de escrita ou estudo de seus trabalhos. Mas, eu percebi que, com uma conversa ou mais conversas, eles conseguiram desenvolver o seu trabalho durante o curso.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

Houve uma mudança e eu diria que muito grande nos meus trabalhos de voluntário e na maneira que eu lidava com as pessoas de modo geral, ajudar as pessoas a se encontrar e, ao mesmo tempo, me deu segurança de como agir e ajudar as pessoas. Também, dentro da universidade, mudei muito na maneira de como agir com as pessoas. Comecei a ser mais livre e ajudar os outros, também. Eu me tornei mais humano com o aconselhamento, acabei ouvindo mais as pessoas, falando mais sobre a realidade e, ao mesmo tempo, distinguindo as dificuldades de trabalho e as dificuldades de relacionamento mesmo.

4) Da sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

Vejo como muito importante, percebo que, no meio universitário, as pessoas não estão preparadas para lidarem com as emoções e sentimentos. Não têm formação e essa ferramenta pode auxiliar muito para que possam se entender. Vejo, hoje, que com isso posso acompanhar melhor os trabalhos e processos dos cursos com muito mais normalidade.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

É uma ferramenta muito interessante, pois iria aproximar o professor do aluno. É uma ferramenta muito importante que auxiliaria o professor a entender porque o aluno se sente daquele jeito, porque está sentindo dificuldade. E, ao mesmo tempo, passar confiança e credibilidade ao aluno. Hoje, existe no meio uma distância muito grande entre os professores e os alunos. O aconselhamento seria de grande valia. O aconselhamento teria muito a contribuir no ambiente de mestrado e doutorado: pela experiência que tenho, vejo que o grande problema é o de relação humana. A prepotência dos orientadores faz com que crie um bloqueio e acabam não se entendendo por isso. Na hora que se discutem pontos de vista, não conseguem chegar a um senso comum. Vejo que hoje este trabalho devia ser mais humano e os orientados produziram muito mais.

No jornal Gazeta do Povo, de hoje, 1 de Abril, tem um título que chama muita atenção: “Patrulha escolar é acionada 17 vezes por dia em Curitiba”. Depois, o artigo fala dessa relação difícil entre os alunos e professores. Será que aconselhamento teria alguma coisa a dizer para essa realidade?

Eu não tenho muito contato com primeiro e segundo grau, mas eu acho que o aconselhamento tem algo a contribuir. O grande problema que vejo é que os alunos não são vistos como pessoa humana. São vistos como algo que vai absorver conhecimento. Nunca se vê como está a vida desse aluno. Os professores não estão preparados para ouvir ou mesmo relacionar os conteúdos com a vida do

aluno. Se os alunos fossem tratados como pessoa, iria diminuir muito a violência. Conheço alguns professores que conseguem fazer isso e eles dizem que o resultado é surpreendente. Tratar o aluno como pessoa, que ele é e não como objeto.

O aconselhamento me ajudou muito a aprender a falar e, dentro da universidade, para e conversar com os alunos e funcionários. Comecei a ser procurado por alunos em conflito e pude ajudá-los a distinguir entre os problemas pessoais e os de produção intelectual. Tenho aplicado muito isso dentro de meu trabalho, com resultados muito satisfatórios, com mais equilíbrio. Estão produzindo mais e em paz, produzindo por prazer e não por estarem em uma máquina.

Eu vejo que ficam mais ligadas no objetivo e dizem: “eu quero produzir e não sou obrigado a isso”. As pessoas têm que perceber o humano e que a vida não é só trabalhar, trabalhar, como eu fiz uma época, em minha vida. Mas, e eu como estou vivendo? E percebo que as pessoas que estão trabalhando comigo têm entrado nesse clima. Não ser só uma máquina, mas uma pessoa mais inteira. Estou bem aqui e com os meus colegas e pessoas que amo. Dentro do trabalho, também não quero mais só competir ou produzir, mas vivenciar o eu. É o que venho colocando no trabalho.

No projeto social, tenho colocado em prática o aconselhamento em grupo. Antes, eu não participava, porque achava que eu não saberia, não teria controle ou domínio do grupo. Eu passei a mudar a minha atividade dentro de minha profissão a partir da metade do curso de aconselhamento. E eu comecei a fazer outras atividades e percebi que podia ter controle do grupo. Ia do começo ao fim das atividades tendo-me nas mãos, conduzindo o grupo e partilhas em grupo. Foi uma grande vitória, pois antes não conseguia fazer isso.

ANEXO E - QUINTA ENTREVISTA

1) Qual a sua formação/titulação atual na área de educação?

Sou bióloga, tenho o mestrado em reprodução animal, e o doutorado em Ecologia, e fiz a especialização em aconselhamento. Fui professora em colégios privados e estaduais. No momento, sou gerente de instituição do estado.

2) Qual a sua formação na área de aconselhamento e o significado dessa formação para sua prática educacional?

Para mim, aconselhamento é uma técnica, uma ferramenta muito importante que me auxiliou em minha missão, pois eu trabalho com a formação de jovens dentro da igreja católica, me auxiliou no meu trabalho dentro da unidade de conservação onde, hoje, eu tenho uma proximidade maior com meus funcionários, que são mais que trinta. Um instrumento que me auxiliou a perceber o ser humano de uma forma mais rápida, mais completa e mais humana.

3) Houve alguma mudança de postura em seu trabalho educacional a partir de sua experiência com o curso de aconselhamento?

Em meu trabalho, dentro da igreja, a mudança foi drástica, de uma forma de trabalhar para outra e os frutos foram muito visíveis, deu segurança para o trabalho, de modo que nós não errássemos com as pessoas, para que eu não errasse no relacionamento de forma grosseira, para que eu pudesse entender melhor o outro e devolver melhor o relacionamento. Que eu me tornasse um espelho mesmo na hora da relação de ajuda. Veja, a mudança foi grande.

Dentro de meu trabalho, a mudança também foi grande, mas eu venho agindo aos poucos, pois é como se fosse uma quebra de paradigma. Pois, os funcionários não tinham contato nenhum com os chefes, não podiam expressar seus sentimentos e falar sobre eles, e agora eles estão começando a crescer neste processo, inclusive, ontem, eu terminei um curso de formação para os funcionários, de aconselhamento, usando também as técnicas do aconselhamento.

4) Da sua prática, por que é importante a educação das emoções e sentimentos?

É de extrema importância, pois, na medida em que educo meus sentimentos e emoções, eu vou conseguir me relacionar melhor, produzir mais dentro do mundo do trabalho. Tudo se torna mais saudável, as relações se tornam melhores, o clima se torna melhor, as pessoas conseguem perceber suas capacidades.

E ter uma vida mais saudável, uma convivência melhor, é de extrema importância para mim.

5) É importante o estudo do aconselhamento para os indivíduos que estudam pedagogia? E na formação dos professores?

Muito importante. Há uma distância muito grande no meio acadêmico entre professor e aluno. A competição é muito grande, o problema é muito grande.

O jogo de interesses, o número de depressão entre os nossos colegas de doutorado é enorme, eu percebia que essas pessoas me procuravam para poder desabafar. Procuravam-me, porque eu tinha essa educação dos sentimentos, e procuravam outras pessoas que sabiam escutar, procuravam para conversar desabafar, vinha pedir um conselho do que fazer, que caminhos tomarem, então... O aconselhamento seria de grande importância para diminuir essa distância entre professor e aluno e humanizar esse ambiente, que está muito exigente, muito competitivo.

Seria muito importante o aconselhamento na formação dos professores com toda certeza, mesmo porque o aconselhamento, além de aproximar o aluno e o professor, ele é terapêutico para a pessoa que o faz.

Só relatando uma experiência: no momento em que eu fazia a especialização em aconselhamento, eu tinha muita dificuldade com minha orientadora de doutorado. Ela é uma pessoa de difícil convivência, muito fechada, não tem um círculo de relacionamento. Muito exigente. Nunca falava claramente aquilo que ela queria a respeito do trabalho, e tinha dificuldades com todos por causa do curso. Eu consegui ter uma conversa com ela, muito difícil, muito dolorosa,

mas foi uma conversa muito importante, onde eu pedi para ser desligada da orientação, porque ela me desrespeitava, como ela desrespeitava os demais.

Ela ficou pasma, e naquele momento, me pediu uma chance, me pediu um prazo para mudar, e que a gente pudesse ir construindo um novo relacionamento entre nós. E que eu era uma pessoa de muito respeito, depois de um tempo ela me mandou um e-mail me dizendo que ela era uma pessoa antes de nossa conversa e outra depois.

Houve uma grande mudança no relacionamento dela com os outros orientandos e com os colegas de trabalho, isso foi concreto, foi tão forte que as pessoas na universidade comentam sobre isso até hoje. E, com certeza, isso aconteceu, graças ao aconselhamento.

No jornal Gazeta do Povo, de hoje, 1 de Abril, tem um título que chama muita atenção: “Patrulha escolar é acionada 17 vezes por dia em Curitiba”. Depois, o artigo fala dessa relação difícil entre os alunos e professores. Será que aconselhamento teria alguma coisa a dizer para essa realidade?

Com certeza, quando eu dei aula para o segundo grau, eu percebia que os alunos tinham necessidade de serem ouvidos, e entendidos e isso não acontece em sala de aula.

O aconselhamento, não só no meio acadêmico, mas no segundo grau, ele estaria aproximando professor e aluno, criando um respeito e um vínculo entre os professores e os alunos. O aluno se sentiria mais útil, respeitado e entendido, com certeza ele iria respeitar e entender o professor e iria permanecer dentro da sala de aula. Ele iria ser educado quanto às suas emoções e sentimentos. Conseqüentemente, ele iria produzir mais, e produzindo mais, ele iria se sentir melhor e, sem dúvida, a violência diminuiria dentro da sala de aula.